

PRÊMIO MUNICIPAL EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

PREFEITURA DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA

Coordenação de Educação em Direitos Humanos

3º Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos da Cidade de São Paulo
Relatos de Experiência

1ª EDIÇÃO

São Paulo
Prefeitura de São Paulo – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania
2016

Editor:

Prefeitura de São Paulo – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

Créditos:

FERNANDO HADDAD

Prefeito de São Paulo

FELIPE DEPAULA

Secretário Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

NÁDIA CAMPEÃO

Secretário Municipal de Educação

COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Eduardo C. B. Bittar

Janaina Soares Gallo

André Lerro Corrêa

André Simões Chacon Bruno

Produção:

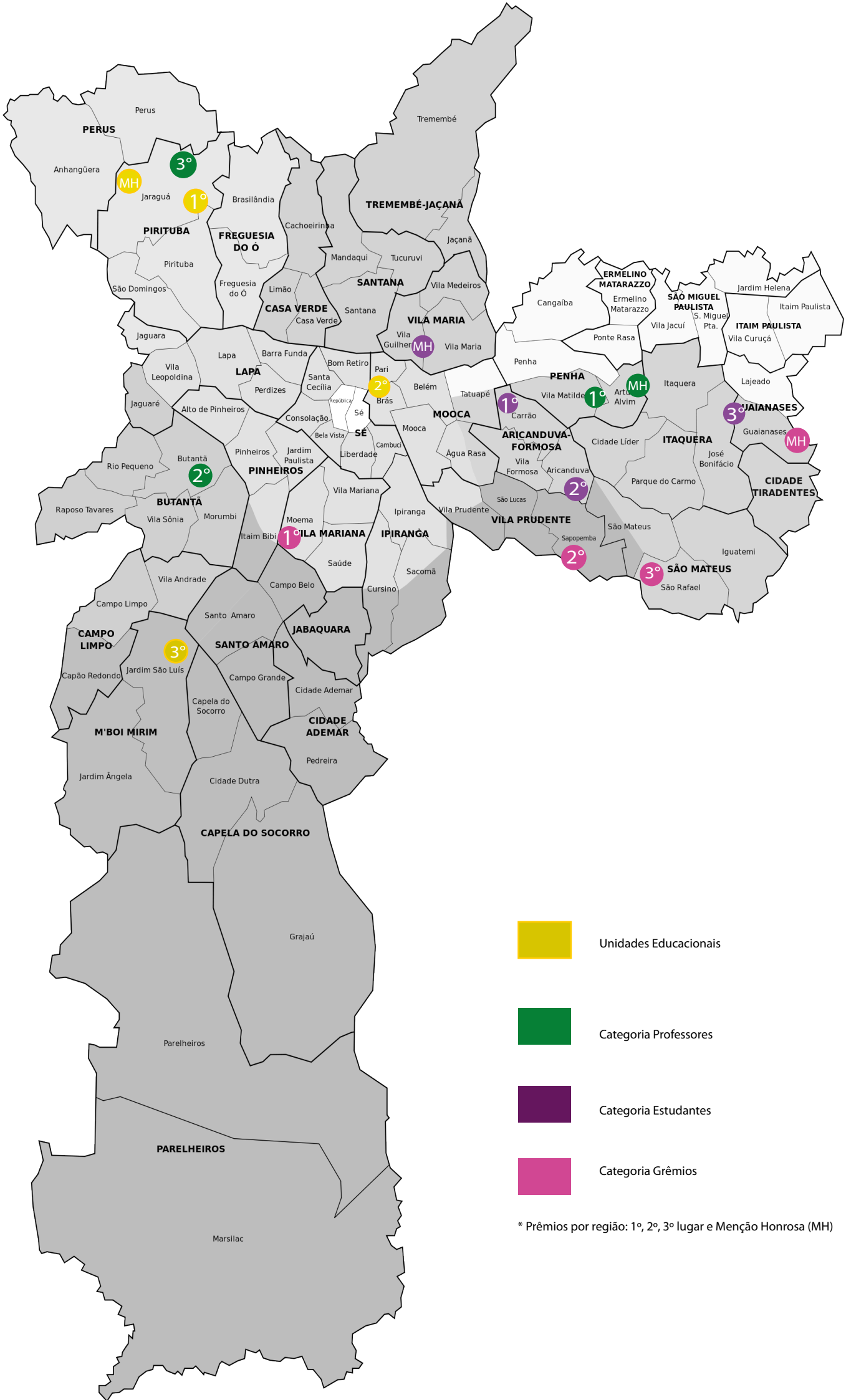
Projeto gráfico, arte, capa, diagramação e revisão

Luiz Gonzaga de Souza

ISBN - 978 - 8568093054

Aos esfarrapados do mundo e
aos que neles se descobrem
e, assim descobrindo-se, com
eles sofrem, mas, sobretudo,
com êles lutam.

Paulo Freire


PERUS
Perus
Anhangüera
Jaraguá
PIRITUBA
Pirituba
São Domingos
Jaguara
Vila Leopoldina
Jaguaré
Rio Pequeno
Raposo Tavares
Butantã
Vila Sônia
Morumbi
Alto de Pinheiros
Lapa
LAPA
Perdizes
Barra Funda
Pinheiros
Jardim Paulista
PINHEIROS
Brasilândia
FREGUESIA DO Ó
Freguesia do Ó
Limão
CASA VERDE
Casa Verde
Cachoeirinha
Mandaqui
Tucuruvi
SANTANA
Santana
Vila Medeiros
VILA MARIA
Vila Guilher
Vila Maria
Tremembé
TREMEMBÉ-JAÇANÃ
Jaçanã
Bom Retiro
Santa Cecília
Pari
Brás
Belém
Tatuapé
Consolação
Sé
SÉ
Bela Vista
Liberdade
Cambuci
Mooca
MOOCA
Água Rasa
Vila Mariana
Moema
Itaim Bibi
VILA MARIANA
Saúde
Ipiranga
IPIRANGA
Sacomã
Cursino
Vila Andrade
Campo Belo
Campo Limpo
CAMPO LIMPO
Capão Redondo
Jardim São Luís
Santo Amaro
SANTO AMARO
JABAQUARA
Campo Grande
Cidade Ademar
Capela do Socorro
M'BOI MIRIM
Jardim Ângela
CIDADE ADEMAR
Pedreira
Cidade Dutra
CAPELA DO SOCORRO
Grajaú
Parelheiros
PARELHEIROS
Marsilac
Cangaíba
Penha
PENHA
Vila Matilde
Carrão
ARICANDUVA-FORMOSA
Vila Formosa
Aricanduva
São Lucas
Vila Prudente
VILA PRUDENTE
Sapopemba
ERMELINO MATARAZZO
Ermelino Matarazzo
Ponte Rasa
Vila Jacuí
SÃO MIGUEL PAULISTA
S. Miguel Pta.
Jardim Helena
Itaim Paulista
ITAIM PAULISTA
Vila Curuçá
Itaquera
Lajeado
GUAIANASES
Guaianases
Cidade Líder
ITAQUERA
José Bonifácio
Parque do Carmo
CIDADE TIRADENTES
São Mateus
Iguatemi
SÃO MATEUS
São Rafael
MH
1°
2°
3°
Unidades Educacionais
Categoria Professores
Categoria Estudantes
Categoria Grêmios
* Prêmios por região: 1º, 2º, 3º lugar e Menção Honrosa (MH)

Sumário

INTRODUÇÃO 7

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS 9

CATEGORIA 1 - UNIDADES EDUCACIONAIS 10

1º Lugar - "Direitos Humanos se Aprende na Escola" 11

2 º Lugar - "Escola Apropriada: Educação, Cidadania e Direitos Humanos" 29

3 º Lugar - "Justiça Restaurativa na EMEF M BOI MIRIM III" 38

Menção Honrosa - "Autonomia Indígena e Gestão Escolar Democrática: uma construçãoem curso no CECI Jaraguá" 47

CATEGORIA 2 - PROFESSORES 56

1º Lugar - "Direitos Humanos – Violência" 57

2 º Lugar - "Eu Te Respeito" 79

3 º Lugar - "Pra dizer que eu também falei das flores (e dos espinhos)" 92

Menção Honrosa - "Adaptação de Currículo" 108

CATEGORIA 3 - ESTUDANTES 112

1º Lugar - "Violência Urbana" 113

2 º Lugar - "Declaração Vicentina dos Direitos Humanos" 117

3 º Lugar - "Desmascarando o Preconceito" 123

Menção Honrosa - Bicicletário - uma alternativa sustentável" 129

CATEGORIA 4 - GRÊMIOS 138

1º Lugar - "Aprendendo a ser cidadão ciclista em São Paulo" 139

2 º Lugar - "Grêmio Estudantil: O Futuro é Agora!" 144

3 º Lugar - "Grêmio na Escola" 150

Menção Honrosa - Jornal do Grêmio Estudantil "Carlo Giuliane" 156

Introdução

"3º. Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos: Relatos de Experiência"

O *Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos* foi criado em 2013, visando incentivar, promover, valorizar e dar visibilidade aos projetos de educação em direitos humanos da Rede Municipal de Ensino. O projeto foi acolhido e trabalhado de forma intersecretarial, e vem sendo muito bem apropriado como instrumento de realização da educação para a cidadania e de promoção dos direitos humanos na educação. Em seu histórico, o 1º. Prêmio de EDH ocorreu em 2013, e, em sua edição inicial, teve em torno de 50 projetos inscritos, mas não recebeu iniciativas de estudantes. Após aprimoramentos do edital e do esforço de comunicação, o 2º. Prêmio de EDH, ocorrido em 2014, teve cerca de 100 projetos inscritos, contemplando 4 Categorias, e recebendo iniciativas de estudantes e grêmios estudantis. Já com seu edital mais conhecido, em 2015, o 3º. Prêmio de EDH recebeu um número muito representativo de projetos, com 171 inscrições, 12 premiados e 4 menções honrosas, tendo se tornado uma referência na cultura da Rede Municipal de Ensino, no que tange à busca de qualidade social da educação municipal.

Com isso, ao longo destes três anos de execução do projeto, se percebe que o Prêmio triplicou o número de projetos, e vem aumentando o foco e a qualidade das iniciativas e projetos desenvolvidos pelas Unidades Educacionais da Rede Municipal. No início do projeto, é curioso notar, era necessário explicar o que eram os "direitos humanos", e verificar que os "direitos humanos" já eram praticados nas escolas de diversas formas, inclusive pelo próprio exercício do direito à educação. Já em seu terceiro ano, os projetos brotam por iniciativa e originalidade das Unidades da Rede, e se revelam cada vez mais instigantes. Nesse meio tempo, o Portal de EDH (http://portaledh.educapx.com) se tornou a sua legítima ferramenta de divulgação e inscrições.

No ano de 2015, o mais relevante a se destacar é que todas as 13 DREs tiveram projetos inscritos no 3º. Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos, o que indica um diálogo profícuo dos territórios da Cidade com os temas de Direitos Humanos. Ademais, houve expressivo crescimento do número de inscrições na Categoria Professores

Os projetos premiados, desta edição, são agora alvo desta publicação, cuja função primordial é a de veicular, num formato único, o conjunto dos projetos, para que eles possam se tornar experiências-referência, colaborando com a replicabilidade da EDH, e possibilitando o desenvolvimento de iniciativas parceiras, no universo de uma Rede que reúne territórios tão diversos e movimenta em torno de 80.000 profissionais da educação. Os projetos premiados desta edição indicam os cuidados de educadores, unidades, estudantes e grêmios com temas de direitos humanos, cidadania, justiça restaurativa, autonomia indígena, violência, respeito, currículo, declaração universal, ditadura civil-militar, preconceito, sustentabilidade, mobilidade urbana, grêmio, comunicação, entre outros. Vê-se, com isso, que o leque de iniciativas e de propostas inovadoras de abordagens dos direitos humanos vem renovando a forma de se lidar com os seus desafios na prática do cotidiano escolar.

O imenso trabalho deixado para a *Comissão Julgadora* (Flávia Schilling; José Sergio Carvalho Fonseca; Marco Antonio Barbosa; Margarida Genevois; Maria Victoria Benevides; Maurício Piragino; Moacir Gadotti; Vera Masagão) para se apropriar de toda a informação gerada pelo grande número de inscritos, para apreciação, seleção e aplicação dos critérios, deixa entender o quanto o projeto é querido e apreciado por aqueles que realizam, idealizam e apóiam a Educação em Direitos Humanos, seja na teoria, seja na prática.

Com isso, se considera que o projeto da Premiação se consolidou como uma Política Pública Municipal de Educação em Direitos Humanos, e que é agora, uma atividade permanente, voltada para a promoção daquilo que as Diretrizes do Plano Municipal de Educação - PME entendem ser um objetivo coletivo permanente da Educação Municipal na Cidade de São Paulo: “Promoção da Educação em Direitos Humanos”.

São Paulo, 25 de fevereiro de 2016.

Eduardo Bittar

Coordenação de Educação em Direitos Humanos
Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

Relatos de Experiência

CATEGORIA 1
UNIDADES EDUCACIONAIS

“Direitos Humanos se Aprende na Escola”
Lívia Freitas dos Santos

“Escola Apropriada: Educação, Cidadania e Direitos Humanos"
César Luis Sampaio e Claudio Marques da Silva

“Justiça Restaurativa na EMEF M Boi Mirim III”
Wilson Teixeira, Raimundo Amarilho de Almeida, Sonia Mioto Visotto, Aparecida Viviane Marcos Francisco e Rosilma De Loudes Dos Anjos.

“Autonomia Indígena e Gestão Escolar Democrática: uma construção em curso no CECI Jaraguá”
Daniel Righi

CATEGORIA 1
UNIDADES EDUCACIONAIS

1º Lugar

Nome do Projeto: "Direitos Humanos se Aprende na Escola"

Unidade Educacional: EMEF Padre Leonel Franca

Diretoria Regional de Ensino: Pirituba

Autora do Projeto: Lívia Freitas dos Santos

Direitos Humanos se aprende na escola

APRESENTAÇÃO

O tema Direitos Humanos foi escolhido como Eixo Temático durante a reorganização do Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar, no início de 2015. A escola está inserida em uma região considerada de alta vulnerabilidade e entendemos que repensar o currículo, tendo como horizonte uma prática assentada nos Direitos Humanos, nos ajuda a avançar no aprimoramento das relações entre toda a Comunidade Escolar, além disso, é compreendendo e refletindo sobre os Direitos que enxergamos melhor as desigualdades e os privilégios aos quais estamos submetidos e criamos estratégias de enfrentamento destes. Para tanto, propusemos uma abordagem processual do tema a ser desenvolvida ao longo de todo o 2º semestre e continuada nos anos seguintes, utilizando metodologias e recursos variados (leitura, escrita, desenho, roda de conversa, mídias, exibição de curtas metragens, apresentações musicais e teatrais, painéis, etc.) para introduzir e aprofundar a discussão dessa temática na escola.

JUSTIFICATIVA

No início de 2015, nas primeiras Reuniões Pedagógicas, recuperamos a Avaliação da Unidade realizada em 2014 e realinhamos, com toda a equipe, o nosso Projeto Político-Pedagógico, repensando o Marco Referencial e a partir daí definindo a programação para o ano de 2015.

Nesse momento, nos centramos nas seguintes questões: Como compreendemos o mundo atual? Que tipo de sociedade queremos construir? Queremos colaborar na formação de qual sujeito? E qual o papel que desejamos para a escola em nossa comunidade?

Utilizando a metodologia de reflexões individuais, debates em grupo e plenárias, construímos um texto coletivo, que expressava o sentimento do grupo: a compreensão do momento atual marcado pelo consumismo, o individualismo, contrapondo-se ao humano, ao coletivo e ao justo; o desejo da construção de uma sociedade mais solidária, em que as pessoas pudessem ter qualidade de vida, tendo seus direitos assegurados (moradia, lazer, alimentação, educação, recursos naturais preservados). Uma sociedade que olhasse de frente para as suas mazelas e pudesse encontrar alternativas visando o bem comum.

Entendemos que a escola deve colaborar na formação cidadã, compreendida como uma educação que possibilite o entendimento dos direitos

universais do homem, adquirindo autonomia no processo de aprendizagem, utilizando-a na busca de formas mais igualitárias e menos discriminatórias de convivência, enxergando os paradoxos do mundo atual, para que possam propor mudanças na sua casa, no seu bairro, na sua cidade e, quem sabe, no mundo inteiro, para que sejam capazes de enxergar as dificuldades impostas pela sociedade, mas que ao mesmo tempo se compreendam como sujeitos capazes de construir uma nova história.

Nesse sentido, queremos uma escola que não seja apenas um lugar de "matar o tempo", mas sim um lugar de convívio coletivo, agradável, sendo parte da comunidade. Que seja renovada e que tenha a força de transformar através da descoberta, do conhecimento local e global a realidade que nos cerca. Que nela se encontre a amizade, a solidariedade e o respeito ao outro.

Para isso, definiu-se que o planejamento dos professores, ao ser elaborado, deveria considerar os seguintes temas geradores: para o primeiro semestre - Meio Ambiente (pois iniciamos o ano com perspectivas bastante sombrias a respeito de um direito fundamental para a vida, que é o acesso à água) e para o segundo semestre - Direitos Humanos.

Os temas foram elencados a partir de diversas problematizações, mas são eixos que, ainda que de outras formas, estão, nos últimos anos, presentes na discussão curricular da Unidade.

A região onde a escola está inserida é considerada de alta vulnerabilidade. Em um dos trabalhos colaborativos de autoria (TCA) realizados em 2014, pelos alunos do 9º ano, a partir de pesquisas com os prontuários da escola, verificou-se que 40% dos nossos alunos são provenientes de apenas três ruas do bairro, o que já anuncia um grande adensamento das famílias. Além disso, outras pesquisas realizadas pelos alunos evidenciaram algumas outras questões: moradias precárias, muitas na beira de córregos, acúmulo de lixo nos arredores, falta de espaços de lazer, violência urbana, violência contra a mulher, prostituição, uso abusivo de drogas e álcool, trabalho infantil, gravidez na adolescência, discriminação racial, entre outros.

Nesse cenário, a discussão sobre o currículo tornou-se crucial. A escola precisava se integrar à comunidade que a rodeia, pois é necessário ter sensibilidade para levar em consideração as múltiplas condições de vida em que cada aluno vive. Por isso, entendemos que necessitávamos de ações diversificadas: rever o conteúdo programático das disciplinas, tornando-o mais contextualizado; ampliar os projetos de turno estendido, oferecer linguagens diversas; ampliar a

Os desafios são muitos, às vezes nos sentimos impotentes, como se as discussões não avançassem, é como se déssemos um passo para frente e dois para trás. No grupo, nos momentos mais conflituosos, se manifestam vozes dissonantes com o projeto e com essa atuação calcada nos Direitos Humanos, solicitando ações mais imediatas, enérgicas, nem sempre refletidas e abrindo pouco espaço para o diálogo. Porém, essas questões são levadas para o coletivo, nas reuniões pedagógicas e demais momentos de reflexão, como os horários coletivos da JEIF, onde, até o presente momento, tem sido reafirmada a importância de continuarmos nessa perspectiva defendida no momento de reorganização do PPP, pois as mudanças são lentas, processuais, mas são percebidas no cotidiano escolar.

METODOLOGIA

A partir do segundo semestre iniciamos, então, o trabalho com o Eixo Temático Direitos Humanos. Para isso, propusemos uma abordagem processual, com atividades desenvolvidas pelos professores nas suas salas de aula, incorporando o tema dos Direitos Humanos no cotidiano das disciplinas e momentos coletivos, com ações propostas para toda a escola.

Como material principal de formação para os professores, no horário do Projeto Especial de Ação, foram utilizados os materiais desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania: os curtas de várias edições do **Festival Entretodos,** e os cadernos do Projeto **Respeitar É Preciso**. Segue na seqüência a metodologia utilizada em algumas das ações.

I. Julho: Sequências Didáticas (A E B) Para Sensibilização Com Os Alunos

A) CICLO DIDÁTICO "DIREITOS DAS PESSOAS" – Para os alunos do 6º ano do Ciclo Interdisciplinar e para os alunos do Ciclo Autoral (7º ao 9º ano)

1. Terça-feira 28/07 (3 primeiras aulas)

Objetivo: levantar quais direitos as crianças identificam nas relações que estabelecem com as pessoas no cotidiano e se esses direitos são respeitados por elas e pelas pessoas com as quais se relacionam.

- **Momento individual:**

QUANDO VOCÊ SE RELACIONA COM OUTRAS PESSOAS, QUAIS OS DIREITOS FUNDAMENTAIS QUE DEVEM SER RESPEITADOS?

Cada aluno respondia em uma **ilipeta**.

- **Momento do pequeno grupo:**

Quando os alunos terminaram, foram divididos em grupos de quatro alunos e solicitou-se que discutissem as suas respostas, construíssem uma opinião única e re letissem se eles respeitam e são respeitados nos direitos que levantaram.

Entregar uma **folha de craft para cada grupo** e solicitar que registrem esses direitos.

Ano do ciclo :

Pessoas do grupo :

Direitos das pessoas discutidos pelo grupo :

- **Momento da síntese coletiva para publicação**

Cada grupo deverá apresentar os direitos que levantaram e a professora deverá ir construindo, na lousa, a síntese dos direitos levantados pela classe.

A professora deverá eleger um grupo para registrar a síntese coletiva em uma cartolina a qual será publicada no pátio.

_____ANO _____ PERÍODO _____

DIREITOS DAS PESSOAS DISCUTIDOS PELOS ALUNOS

Os cartazes deverão ser entregues na coordenação para que o mural seja montado posteriormente.

2. Quarta-feira 29/07 (2 primeiras aulas)

Objetivo : Ampliar o repertório dos alunos sobre os direitos das pessoas, a partir do contato com a Declaração dos Direitos Humanos.

- **Primeiro momento:**

Dividir os alunos em grupos de quatro alunos, preferencialmente. Quando a sala estiver organizada, explicar quando e o porquê foi escrita a Declaração dos Direitos Humanos e iniciar a leitura do documento. Ler em voz alta somente o preâmbulo da declaração.

Declaração Universal Dos Direitos Humanos

Preâmbulo

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo;

Considerando que o desconhecimento e o desprezo dos direitos do Homem conduziram a atos de barbárie que revoltam a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que os seres humanos sejam livres de falar e de crer, libertos do terror e da miséria, foi proclamado como a mais alta inspiração do Homem;

Considerando que é essencial a proteção dos direitos do Homem através de um regime de direito, para que o Homem não seja compelido, em supremo recurso, à revolta contra a tirania e a opressão;

Considerando que é essencial encorajar o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações;

Considerando que, na Carta, os povos das Nações Unidas proclamam, de novo, a sua fé nos direitos fundamentais do Homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres e se declaram resolvidos a favorecer o progresso social e a instaurar melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla;

Considerando que os Estados membros se comprometeram a promover, em cooperação com a Organização das Nações Unidas, o respeito universal e efetivo dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais;

Considerando que uma concepção comum destes direitos e liberdades é da mais alta importância para dar plena satisfação a tal compromisso: A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como ideal comum a atingir por todos os povos e todas as nações, a fim de que todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade, tendo-a constantemente no espírito, se esforcem, pelo ensino e pela educação, por desenvolver o respeito desses direitos e liberdades e por promover, por medidas progressivas de ordem nacional e internacional, o seu reconhecimento e a sua aplicação universal e efetiva tanto entre as populações dos próprios Estados membros como entre as dos territórios colocados sob a sua jurisdição.

- **Segundo momento:**

Distribuir pelos grupos, de forma aleatória, os trinta direitos da Declaração dos Direitos do Homem, que já estão recortados (Todos os direitos deverão ser entregues). Quando todos estiverem com os direitos em mãos solicitar que cada grupo leia, discuta e **registre em uma folha o que entendeu do direito da declaração lido.**

- **Terceiro momento:**

Compartilhar a leitura dos trinta direitos da declaração. Solicitar que o grupo que estiver com o primeiro direito faça a leitura em voz alta e, assim, sucessivamente com os vinte e nove restantes.

- O professor recolhe a folha de cada grupo, ao final. E tira possíveis dúvidas que foram levantadas durante a leitura dos direitos.

3. Quinta-feira 30/07 (3 primeiras aulas)

Objetivo: A partir da ampliação dos repertórios, sobre direitos fundamentais da pessoa, desencadear um processo de reflexão sobre o respeito ou não dos direitos básicos no âmbito da escola e da comunidade.

- **Primeiro momento**

O professor irá propor uma mesma questão problematizadora, mas que será discutida em dois âmbitos: a comunidade e a escola. Os alunos deverão desenvolver uma análise crítica desses direitos.

Metade dos grupos da sala deverá refletir no âmbito da comunidade e a outra metade no âmbito da escola.

-de que forma esses direitos que vocês discutiram, sendo que alguns fazem parte da declaração dos direitos do homem, são respeitados ou não na comunidade. dê exemplos.

-de que forma esses direitos que vocês discutiram, sendo que alguns fazem parte da declaração dos direitos do homem, são respeitados ou não na escola . dê exemplos.

- **Segundo Momento:**

Quando todos terminarem, entregar duas metades de uma folha de cartolina para cada grupo. Em uma das folhas deverá ser registrado através de desenhos situações de respeito e desrespeito aos direitos discutidos, que ocorrem na comunidade. Na outra cartolina deverão desenhar como isso ocorre na escola.

A) Grupos da Escola:

situações de respeito entre as pessoas na escola:

situações de desrespeito entre as pessoas na escola

B) Grupos Da Comunidade:

situações de respeito entre as pessoas na comunidade

situações de desrespeito entre as pessoas na comunidade

- **terceiro momento:**

Os desenhos realizados pelos alunos da classe deverão ser recolhidos pelo professor e entregues na coordenação, para a montagem de um mural na escola.

B) Ciclo didático "Direitos Das Pessoas" – para os alunos do ciclo de alfabetização e 4ºs e 5ºs anos do ciclo interdisciplinar

1. Terça-feira 28/07

Objetivo: Consolidar o conceito de direito a partir dos sentimentos expressos pelas crianças.

- **Momento individual:** Solicitar que as crianças representem através de um desenho em uma folha de sulfite dividida ao meio as seguintes questões:

  - O que você precisa para ser feliz? / - O que te deixa triste?

- **Momento do pequeno grupo:**

  - Os alunos apresentam os seus desenhos para os demais alunos relatando as coisas que precisam para serem felizes e o que os deixa tristes.

OBS: nesse momento o professor relaciona o sentimento da criança à ideia de direito.

Por exemplo: se o aluno disser que o que o deixa triste é não poder brincar, o professor pode intervir questionando se as crianças têm ou não o direito de brincar. Se o aluno disser que o que o deixa feliz é ser amado por sua mãe, o professor pode questionar se todas as crianças têm direito a ter uma família, e etc.

- **Momento da síntese coletiva:**

O professor junto com a turma elabora uma lista, em uma folha de papel craft, que ficará exposta na sala, com os direitos que apareceram, após a roda de conversa. Ex:

- Direito de ter uma família.

- Direito de ter uma casa.

- Direito de ter uma escola, etc.

Os desenhos individuais devem formar um painel no corredor do prédio anexo e a lista de direitos deve ser entregue no papel craft com o nome da turma para ser exposta no pátio

2. Quarta-feira 29/07

Objetivo : Ampliar o repertório dos alunos sobre os direitos das pessoas, a partir do contato com a Declaração dos Direitos Humanos, por um viés lúdico que é a abordagem de Ruth Rocha e Otavio Roth.

- **Primeiro momento :**

A professora faz a leitura da Declaração Universal dos Direitos Humanos – Ruth Rocha e Otavio Roth - Referência Bibliográfica: ROCHA, Ruth & ROTH, Otávio (Adaptação). Declaração Universal dos Direitos Humanos. São Paulo: Salamandra, 2010.

- **Segundo Momento**

O professor abre uma roda de conversa para que os alunos possam manifestar livremente o que compreenderam a partir do texto. E o professor vai construindo e consolidando com eles a ideia de direito.

- **Terceiro Momento**

O professor seleciona alguns dos direitos que mais chamaram a atenção da turma e distribui entre os alunos para que eles possam fazer uma ilustração individual, em uma folha de sulfite.

Exemplo dos direitos que poderão chamar a atenção:

Todas as crianças têm direito a ter uma casa.

Todas as pessoas têm direito a escola gratuita.

Não importa a raça de cada um, todos têm os mesmos direitos.

Não importa se é homem ou mulher, todos têm os mesmos direitos, etc.

E o aluno deverá representar através de um desenho a ideia que o professor solicitar. O desenho do aluno deverá ser entregue na coordenação pedagógica para a montagem da exposição no pátio.

Objetivo: A partir da ampliação dos repertórios sobre direitos fundamentais da pessoa, desencadear um processo de reflexão sobre o respeito ou não dos direitos básicos no âmbito da escola e da comunidade.

- **Primeiro momento**

O professor exibe o vídeo do curta: Direitos Humanos para Crianças.

https://www.youtube.com/watch?v=j33hoi_Cn7Y

- **Segundo Momento**

O professor reconstrói com os alunos o percurso do filme, oralmente, chamando a atenção para algumas questões:

- De onde vem cada uma das crianças?

- Para onde elas vão?

- O que elas observam no caminho?

- O que acontece na volta?

- Por que a primeira parte do vídeo é em preto e branco?

- Por que a segunda parte do vídeo é colorida?

- **Terceiro momento:**

Depois da roda de conversa, os alunos deverão, junto com o professor, fazer uma nova lista coletiva no papel craft, tendo o professor como escriba. Em uma folha, colocarão quais dos direitos apresentados no filme e discutidos nos dias anteriores são respeitados pela comunidade onde vivem. Na outra, colocarão quais os direitos não são respeitados na comunidade onde vivem.

II. AGOSTO: CINE-DEBATE – MOSTRA DE CURTAS METRAGENS SOBRE DIREITOS HUMANOS

A) Proposta para o Ciclo Autoral e para o 6º ano do Ciclo Interdisciplinar

A mostra de curtas foi elaborada pelo grupo IV de Projeto Especial de Ação. A mostra foi realizada no dia 01 de Setembro para o Ensino Fundamental e EJA e no dia 02 de Setembro para o Ensino Fundamental I.

Os curtas foram apresentados no período da manhã e da tarde da seguinte forma: 3ª aula (primeira dupla de curtas), 4ª aula (debate), 5ª aula (segunda dupla de filmes), 6ª. Aula (debate). No período da noite, após o horário do intervalo. Os curtas foram selecionados entre as edições do Entretodos e também no site Porta Curtas: www.portacurtas.org.br.Os temas selecionados pelo grupo IV de PEA foram os seguintes: Bullying, Solidão, Comportamento, Inclusão, Discriminação Racial, Deficiência visual/adolescência/, Sexualidade, Não Intolerância Religiosa e Temas transversais.

Os professores indicaram previamente a sala onde desejavam ficar para coordenar a discussão com os alunos. O professor permanecia na sala as quatro aulas, recebendo dois grupos diferentes. A lista dos filmes, por local de exibição, também foi publicada para os alunos no pátio e as sinopses, para escolha, foram lidas pelos professores em sala de aula. Cada aluno realizou a sua inscrição na sala de informática, através de link disponível no Blog da Escola: www.mixleonel.blogspot.com. Após as inscrições, foram entregues as listas de cada sessão de exibição para os professores responsáveis e os alunos também receberam uma filipeta com o local da sua inscrição. Os professores, de informática educativa, organizaram todos os equipamentos audiovisuais necessários para a exibição dos filmes. Após a sessão, os alunos participaram do debate promovido pelo professor da sala. Depois se direcionavam à sala da segunda sessão, de acordo com a sua inscrição.

A atividade gerou um movimento muito interessante na escola, a partir de vários pontos de vista: a responsabilidade compartilhada pela organização do evento; a utilização de todo o aparato audiovisual da escola; a liberdade para o professor de coordenar os debates para os quais se sentia melhor preparado; a liberdade para o aluno de escolher os temas de seu interesse; a livre circulação pela escola; as trocas de informações entre alunos e professores sobre os curtas assistidos e sobre as reflexões proporcionadas.

Interdisciplinar

Para o ciclo de Alfabetização e Interdisciplinar, foram escolhidos três curtas pelas professoras de Fundamental I, participantes do grupo IV de PEA, com a seguinte metodologia: os professores passaram os curtas na sua sala de aula. Utilizaram quatro aulas: 1º curta, roda de conversa, registro coletivo, intervalo, 2º curta, roda de conversa e registro coletivo. Os curtas escolhidos foram: Mudar o mundo, Ilha das Flores e Ser Criança.

III. SETEMBRO: FESTA DA PRIMAVERA: DIREITOS HUMANOS

(A inscrição para o prêmio foi realizada em setembro, a ação estava em curso)

A ideia foi articular o projeto desenvolvido no 1º semestre (Meio Ambiente), com o tema dos Direitos Humanos. Nesse sentido o objetivo foi compreender que todos têm direito a uma paisagem mais humana, com recursos naturais preservados e para tanto precisamos desenvolver a sustentabilidade, com iniciativas individuais e coletivas.

Nessa festa, com a participação de toda a comunidade escolar, houve apresentações diversas dos projetos do Mais Educação, o icinas, intervenções dos grupos de TCA (Trabalho Colaborativo de Autoria) dos alunos do 9º ano, entre outros.

A festa envolveu amplamente a comunidade, centenas de pessoas estiveram na escola ao longo do dia, participando de todas as atividades propostas e assistindo as apresentações artísticas, valorizando a produção dos alunos e da escola de forma geral.

IV. OUTUBRO: OS DIREITOS DAS CRIANÇAS

(A inscrição para o prêmio foi realizada em setembro, a ação estava em curso).

Retomamos a sequência didática sobre direitos, discutindo o tema, tanto no âmbito da escola (alimentação, espaço, rotina, passeios, materiais, brincar, etc.), como no da sociedade (lazer, saúde, educação, segurança, moradia). Foram realizadas

reuniões com os representantes de sala e nos dias 13 e 14 de outubro houve a festa com uma programação específica, voltada para as crianças, a partir de escolhas realizadas pelos alunos através de votação, como já é prática da escola. Entre as ações: algodão doce, cachorro quente, lanche comunitário, tatuagem, brinquedos infláveis, oficina de pipa, oficina de bijuteria, games, pintura facial, manicure, sessão de cinema, gincana no Parque Pinheirinho D´água.

A proposta lembra que qualquer ação que seja feita para as crianças precisa, primeiramente, escutá-las e os resultados são simples desejos da infância, muitas vezes suprimidos e lembra que "a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão, balé...".

V. NOVEMBRO: LEITURAÇO – Cultura afro-brasileira, indígena, latino-americana.

(A inscrição para o prêmio foi realizada em setembro, a ação estava em curso).

O Leituraço foi uma proposta apresentada pela Secretaria Municipal de Educação em 2014 e fez o maior sucesso aqui na escola. Realizamos movimentos de leitura simultânea em que um adulto (gestão, professor, funcionários) fazia a leitura de um livro (com a temática da cultura africana e afro-brasileira), para alunos que haviam escolhido aquele título.

O processo realizado em 2016 foi organizado pelo grupo I do PEA e foi muito parecido com o de 2015. A alteração foi na temática, que incluía: cultura indígena, africana, afro-brasileira e latino-americana. Nesse ano, também optamos pela inscrição online: os professores da sala de informática realizaram formulários no google docs, disponibilizados no blog da escola e os alunos fizeram a inscrição na sala de informática. Além disso, propusemos a oficina da boneca Abayomi com todas as turmas após a mediação de leitura, que serviu depois para a montagem de uma grande exposição de bonecas no pátio.

A prática consolidou-se na escola, os alunos demonstraram autonomia na escolha dos livros e na circulação dos espaços. Além disso, gerou ampla discussão sobre as

temáticas propostas entre todos os participantes. Confiram mais fotos do evento em mixleonel. blogspot.com.

VI – AVALIAÇÃO – DEZEMBRO

(A inscrição para o prêmio foi realizada em setembro, a ação estava em curso).

Depois do desenvolvimento de todo o projeto foi necessária uma avaliação de tudo o que foi realizado, os ganhos conquistados pela escola, onde ainda será necessária a intervenção, os temas que precisarão ser aprofundados nos próximos anos. Para isso utilizamos as reuniões de Conselho de Escola, a Reunião Final de Pais e a Avaliação da Unidade. Um questionário sobre "Democracia na Escola" foi utilizado com os alunos para avaliação da Unidade, organizado pelos professores do grupo I do PEA. Os dados, junto com as avaliações dos demais segmentos da escola, foram organizados para o planejamento 2016.

Os resultados da avaliação foram surpreendentes, excelentes em diversos quesitos, mas também críticas e contundentes em relação a tantos outros, que só fortaleceram a ideia de que temos que ampliar a possibilidade de participação nas tomadas de decisão da escola, afinal quem disse que ser democrático é fácil? Porém exercer a democracia na escola pode ser a semente de uma sociedade mais participativa amanhã, estamos no caminho certo.

POTENCIAL DE IMPACTO

O Potencial de impacto foi grande, com ações de formação para a cultura dos direitos humanos, com a participação de alunos, pais, professores, funcionários, gestão, comunidade. Com isso a escola e a comunidade só têm a ganhar já que o diálogo continua sendo a melhor ferramenta para resolver os conflitos. Além disso, é aprofundando a reflexão sobre as desigualdades, sejam elas de qualquer ordem, que os sujeitos são empoderados para buscar mudanças, para buscar justiça e alcançar direitos na vida concreta, para além dos prometidos no papel.

PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE E SUSTENTABILIDADE DO TRABALHO

A continuidade desse projeto foi tema de pauta nas discussões de horário coletivo. Passamos a entender que trabalhar a cultura dos Direitos Humanos deve ser um processo e não uma ação pontual, portanto, os professores já propõem desdobramentos das ações realizadas esse ano e o aprofundamento de alguns temas como: homoafetividade, racismo, violência de gênero, bullying, diferenças entre classes sociais, evasão escolar. Na reorganização do PPP, em 2016, os direitos humanos foram escolhidos novamente como tema gerador dos projetos da Unidade.

Agradecimentos: a todos os professores da Unidade Escolar, funcionários, alunos e comunidade pela participação no desenvolvimento do projeto.

Fotos das Atividades Desenvolvidas

Crédito: Educom – EMEF Pe. Leonel Franca – mixleonel. blogspot.com



Leituraço e Oficina Abayomi

Festa da Primavera - Direitos Humanos







CATEGORIA 1
UNIDADES EDUCACIONAIS

2º Lugar

Nome do Projeto: "Escola Apropriada: Educação, Cidadania e Direitos Humanos"

Unidade Educacional: EMEF Infante Dom Henrique

Diretoria Regional de Ensino: Penha

Autora do Projeto: César Luis Sampaio e Claudio Marques da Silva

Parceiros: DIVERSITAS/USP – FFLCH/USP – FE/USP – IP/USP

APRESENTAÇÃO

A EMEF "Infante Dom Henrique" tem como objetivo a formação básica de um sujeito com consciência social, crítica, solidária, democrática e inclusiva e que, gradativamente, se perceba como agente do processo de construção do conhecimento e da transformação das relações entre as pessoas em sociedade.

Assim, este projeto, consubstanciado no direito universal à educação, na gestão democrática e em uma educação de qualidade, princípios que norteiam o Projeto Político Pedagógico desta U.E., culmina, sobretudo, do diálogo com os alunos estrangeiros e/ou descendentes, com os alunos em geral e com os seus pais e/ou responsáveis.

Vale acrescentar, ainda, que a nossa busca é pela democracia na escola, perseverando sempre para que ela seja a antítese daquela escola descrita por Paulo Freire na epígrafe do livro póstumo *Educação e atualidade brasileira*[1], em que se diz:

> Como, porém, aprender a discutir e a debater numa escola que não se habitua a discutir, porque impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não se ajusta concordante ou discordantemente, mas se acomoda. Não lhe ensinamos a pensar, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as "guarda". Não as incorpora, porque a incorporação é resultado da busca de algo, que exige, de quem o tenta, o esforço de realização e de procura. Exige reinvenção. (FREIRE, 2001b, p. 90-91. Aspas do autor).

[1] Considerado seu primeiro escrito, foi produzido para concorrer à cátedra de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes da Universidade do Recife, em concurso público no qual obteve a segunda colocação para apenas uma vaga, conforme depoimento de Paulo Rosas publicado nesta mesma edição.

[1] 1. Assunto controverso, ainda não satisfatoriamente respondido, em qualquer campo do conhecimento, e que pode ser objeto de pesquisas científicas ou discussões acadêmicas; 2. Obstáculo, contratempo, dificuldade que desafia a capacidade de solucionar de alguém; 3. Situação difícil; conflito; 7. Questão levantada para inquirição, consideração, discussão, decisão ou solução.

Esta iniciativa reflete a convicção de que não basta à escola ser democrática, mas que ela deve promover a democracia. Nessa perspectiva, mais do que ser passiva frente aos problemas enfrentados pelos alunos imigrantes ou descendentes, atuando apenas quando acionada por esses alunos ou por seus familiares, na medida em que os conflitos ocorrem e/ou quando situações de opressão são denunciadas, a escola, imbuída de tais princípios, deve conclamar esses alunos e toda a comunidade escolar a tornar a questão da imigração um *problema*[1]. Mas um problema na acepção da palavra, cujo sentido designa algo que deve ser reconhecido, pensado, discutido e fazer parte da agenda da escola, levando à reflexão coletiva, restituindo a essa instituição o lugar de espaço permanente de formação, o que engloba as dimensões: intelectual, política, estética e ética.

No primeiro encontro, realizado no dia 24 de fevereiro de 2014, os participantes foram desafiados a apresentar os seus ***fantasmas***[2] e as medidas necessárias para enfrentá-los, a partir dos quais chegamos aos seguintes resultados (anexo de fotos de reuniões, atividades e apresentações):

Face ao exposto, desde o ano de 2011, a gestão tem dialogado com os alunos estrangeiros e seus pais e/ou responsáveis, bem como com os profissionais, com o objetivo de tornar o espaço escolar um ambiente plural e democrático, em que os estrangeiros sejam considerados sujeitos de direitos e, consequentemente, não sofram discriminações.

Este Projeto tem na sua denominação, "*Escola Apropriada*: *educação, cidadania e direitos humanos*", uma polissemia que retrata a riqueza que se quer expressar.

---

[1] 1. Assunto controverso, ainda não satisfatoriamente respondido, em qualquer campo do conhecimento, e que pode ser objeto de pesquisas científicas ou discussões acadêmicas; 2. Obstáculo, contratempo, dificuldade que desafia a capacidade de solucionar de alguém; 3. Situação difícil; conflito; 7. Questão levantada para inquirição, consideração, discussão, decisão ou solução.
HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2.302.

[2] Por meio de linguagem metafórica os alunos apresentaram as dificuldades e problemas vivenciados na escola. Cada um deveria apresentar o seu fantasma e três ações que poderiam ajudar a enfrentar e/ou resolver esses problemas.

senso de justiça, corolário à convivência respeitosa e digna que assegura as diferenças e combate as desigualdades, afirmando o direito ao saber. Assim, mais do que escolarizar ser uma escola que busca escolar os seus alunos, ou seja, aquela que busca assegurar a eles a herança cultural própria de uma instituição que tem como missão a construção e apropriação do conhecimento. Em outro plano, concernente à perspectiva que se quer construir, o termo, "*apropriada",* converte-se no sentimento de pertencimento ao equipamento escolar, um espaço público a serem apropriados pelos alunos, professores, funcionários e, especialmente, pela comunidade. Espaço fundado nas bases de uma educação que prima pelos valores públicos, condizentes com postulados democráticos, capazes de pautar a convivência sob o espírito da solidariedade e da cidadania, valores próprios de com uma educação zelosa e pertencente ao campo dos direitos humanos.

É nesse contexto que criamos um grupo de trabalho para discutir a convivência no espaço escolar, com ênfase na diversidade para, juntos, construirmos e gerirmos um projeto fundado nos princípios da educação inclusiva, uma articulação entre a Escola e a comunidade – pois o projeto se constitui em uma ação fecunda, capaz de beneficiar e, consequentemente, tornar-se parte dos estudantes, dos profissionais da escola e da comunidade, que devem obter, a partir dessa experiência, uma sólida formação, o que, por conseguinte, será fundamental para o desenvolvimento dos aspectos intelectual e humano.

Em 2014, o projeto foi desenvolvido em reuniões quinzenais, às quintas-feiras, das 10h20 às 11hh50, é constituído por um grupo de 30 alunos das respectivas nacionalidades: boliviana, paraguaia, argentina, peruana, chilena, uruguaia e libanesa, o que corresponde a 12% do total de matriculados desta U.E. Neste ano de 2015 o projeto continua com um grupo de aproximadamente 30 pessoas das nacionalidades: boliviana, paraguaia, argentina, síria e angolana. Os encontros continuam as quintas-feiras, das 11h00 as 12h00, atendendo aos alunos do fundamental II. Conta com a colaboração de uma pesquisadora e de dois pesquisadores que têm a escola como campo de suas investigações, ambos pesquisam as condições de aprendizagem dos alunos bolivianos. Além do grupo de coordenação e dos pesquisadores mencionados, os encontros têm recebido observadores e interessados no tema da imigração.

2. Justificativa

> *A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.*
>
> *Paulo Freire*

O Projeto *"Escola Apropriada: educação, cidadania e direitos humanos"* expressa o seu significado mais profundo, ou seja, define a atuação de uma escola que busca promover a democracia, o que significa entender os processos migratórios, especialmente o seu aspecto mais delicado que é a condição de refugiado por questões econômicas, muitos dos quais indocumentados, como são os casos dos emigrados da Bolívia e de outros países da América Sul, nacionalidades presentes nesta escola. Nesse sentido, a direção, a coordenação pedagógica e o corpo docente resolveram criar um grupo permanente de discussão constituído de alunos imigrantes ou descendentes de imigrantes para refletir e instituir uma agenda de ações que promovam a integração de todos na escola.

Esta parceria fecunda entre a direção, a coordenação pedagógica, os professores e a comunidade escolar retrata o mais profundo significado de cooperação, com ações que expõem os alunos a um universo de aprendizagens e vivências culturais que, certamente, produzirão efeitos sobre as suas subjetividades, um impacto cujo real significado deixará, muito em breve, de ser uma utopia.

A atuação na perspectiva da gestão democrática, da qualidade do ensino e do direito à educação exige o envolvimento dos alunos e a interação com a comunidade escolar, cujo objetivo é resgatar a função precípua da escola, que é a de se constituir enquanto espaço de produção do conhecimento, traduzido no respeito e no sucesso escolar dos alunos.

Além disso, construir saberes, competências e habilidades que devem ser desenvolvidos ao longo do Ensino Fundamental, significa criar espaços de discussão dos problemas e das perspectivas do sucesso escolar que se quer construir. Dessa forma, é imprescindível delinear ações educativas que privilegiem o trabalho com a articulação de diferentes saberes, competências e habilidades.

Em síntese, quando as capacidades são colocadas a serviço da ação, competências e habilidades são desenvolvidas e se tornam aprendizados interiorizados pelos sujeitos.

Nessa perspectiva, este Projeto tem o objetivo de tecer fios condutores que garantam a promoção do saber enquanto "[...] conjunto de práticas sociais ligadas à leitura, à escrita ***e à participação*** em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social" (CRUZ, s.d., p.72. Grifo nosso).

Nesse sentido, pensar a qualidade da educação significa trabalhar na direção de construir a necessária confluência entre esse ideal pedagógico e o conteúdo programático que efetive aquilo que se proclama. Frente a esse salutar desafio, o projeto "*Escola Apropriada: educação, cidadania e direitos humanos*" assume um conceito de Educação que realmente visa ao desenvolvimento intelectual, social e humano dos alunos, propondo-se a assumir uma possibilidade de resposta aos dilemas atuais, sobretudo diante da condição imposta pelos processos migratórios de pessoas refugiadas, que atinge uma parcela significativa da população do continente sul americano e de outras localidades.

Em suma, remetendo-nos a Maurice Blanchot, para quem "*as respostas são a má sorte das perguntas*", este projeto - numa construção coletiva que articula todos os envolvidos – se converte em oportunidade singular para repensarmos os processos de ensino e de aprendizagem, de modo a proporcionar significados para a formação discente, bem como apresenta uma possível resposta aos desafios contemporâneos no campo do reconhecimento dos direitos, e tem como meta valorizar a Escola Pública enquanto espaço de formação permanente e de qualidade da educação.

3. Metodologia

Grupo de trabalho de periodicidade quinzenal, composto por alunos, professores, direção e pesquisadores, cujo funcionamento se efetiva a partir de uma pauta de discussão, disparada pela metodologia do banco de ideias, por meio da qual os alunos estrangeiros e descendentes indicaram os seus fantasmas na escola (problemas) e três sugestões que poderiam ajudar a resolvê-los ou encaminhar para a sua resolução. De janeiro a junho de 2014 o grupo era constituído apenas por alunos estrangeiros e

descendentes, e a partir de julho os alunos brasileiros foram incorporados ao grupo, por indicação daqueles que já faziam parte até junho. Da discussão dos problemas passamos à superação do preconceito, com a apresentação da cultura, da história e dos modos de vida dos estrangeiros, inclusive, com apresentações de dança e de objetos. Como desdobramento, foi realizado o reconhecimento do território da cidade de São Paulo, produzindo uma pequena revista de orientação a toda comunidade escolar de serviços prestados, aparelhos públicos e espaços de lazer gratuitos na região. Também fizemos uma expedição à Bolívia para conhecimento e apropriação de elementos da cultura, da geografia, da história, da arte e da estrutura educacional. A viagem ocorreu entre os dias 14 e 19 de outubro, num grupo de 17 pessoas (diretor, coordenadora, os professores de história, geografia, língua portuguesa, artes e um alfabetizador) oito alunos (estrangeiros, descendentes e brasileiros) e uma pesquisadora.

Para a realização da viagem contamos com o apoio dos seguintes órgãos e instituições: Diretoria Regional de Educação – Penha, Secretaria Municipal de Educação, Coordenadora Geral de Cooperação Internacional e Rede de Cidades da Secretaria de Relações Internacionais da Cidade de São Paulo, Diretoria Geral de Educação de La Paz, Direção de Relações Internacionais e Cooperação do Governo Autônomo Municipal de La Paz.

Conhecemos nesta expedição alguns pontos turísticos de La Paz (Praça Murilo – Sede do governo federal e Parlamento, Museu Nacional de Arte, Diretoria Geral de Educação, duas escolas públicas: México e Santa Rosa de La Flórida, Museu Folclórico e Etnográfico, o teleférico e a cidade El Alto), também o sítio arqueológico de Tiwanako e o Lago Titicaca, estes últimos fora da cidade de La Paz.

Esta expedição resultou num documentário produzido pelo grupo DIVERSITAS/USP (Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Universidade de São Paulo).

4. Potencial de Impacto

Extinção da violência contra os alunos bolivianos, superando o histórico de extorsão, chantagem, furto, assalto e agressão física, bem como percebemos melhor integração

entre os alunos estrangeiros e brasileiros, especialmente entre os pais e os responsáveis, com impacto especial nas reuniões do Conselho de Escola, atualmente frequentado por pais brasileiros e estrangeiros. Destacamos, ainda, o atendimento a algumas demandas dos pais estrangeiros como, por exemplo, a criação de cursos de línguas estrangeiras (espanhol e inglês) e de língua portuguesa para os pais. Neste ano de 2015, devido às novas demandas (chegada de refugiados sírios), estamos oferecendo curso de português para os imigrantes árabes.

5. Perspectivas de Continuidade e Sustentabilidade do Projeto

O projeto continuará por tempo indeterminado, pois esta ação se tornou o fórum de discussão e de debate das questões relativas ao processo de refugiados estrangeiros na escola e na comunidade. Em 2015, com apoio do professor Lineu Ko (IP-USP) construímos um site para registro de memórias dos alunos estrangeiros e descendentes, com o intuito de registrar a cultura destas famílias que migraram para o Brasil e que, de certa maneira, sofrem com o processo de "integração-adequação", resultando em perda de suas raízes culturais.

6. Outras observações

Além do grupo de trabalho com os alunos estrangeiros, descendentes e sem ascendência estrangeira, fazemos reuniões semestrais com os pais e/ou responsáveis estrangeiros, cuja pauta culminou na criação do Projeto Escola Apropriada: educação, cidadania e direitos humanos, trabalho reconhecido e com matéria na imprensa paulista: (https://www.youtube.com/watch?v=JwzxoBkFcZM) e (https://youtu.be/SBfXZvdOS_I).

7. Alunos Participantes

Alunos estrangeiros e descendentes e alunos sem ascendência estrangeira, convidados por pelos primeiros.

fotos







CATEGORIA 1
UNIDADES EDUCACIONAIS

3º Lugar

Nome do Projeto: "Justiça Restaurativa na EMEF M BOI MIRIM III"

Unidade Educacional: EMEF M Boi Mirim III (Atual EMEF Marli Ferraz Torres Bonfim)

Diretoria Regional de Ensino: Campo Limpo

Autores do Projeto: Wilson Teixeira, Raimundo Amarilho de Almeida, Sonia Mioto Visotto, Aparecida Viviane Marcos Francisco e Rosilma De Loudes Dos Anjos.

Parceiros: Cdhep (Centro de direitos Humanos e Educação popular)

APRENDER A CONVIVER

"Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser, constituem os quatro pilares da educação para o século XXI, segundo o relatório para Unesco da comissão internacional sobre Educação para o século XXI.
(Delores, Jacques)

"Educação é muito mais do que decodi icar linguagem e aprender cálculo. É claro que é essencial para todo o estudante aprender a ler, escrever, calcular, somar e dividir, mas só isso não forma um cidadão. Um dos maiores problemas da sociedade é não conseguir resolver, com autonomia, nossos con litos",
(Prefeito Fernando Haddad).

RESUMO

O projeto Justiça restaurativa na Emef M Boi Mirim III teve inicio em no ano letivo de 2013, de lá para cá muita coisa mudou para melhor. Por meio de círculos de paz, conversas restaurativas, assembléias com a equipe gestora, pais, alunos e professores estamos dando vez e voz à toda comunidade escolar, em especial aos alunos e professores que refletem sobre a vida em comunidade e a convivência com seus pares.

Ao permitir que todos tenham direito à fala e à escuta criamos o "território da palavra", refletimos sobre diversos problemas do cotidiano da escola, buscamos a resolução dos conflitos de forma coletiva valorizando sempre os direitos humanos de todos.

Caracterização do Jardim Angela e da Emef M Boi Mirim III.

A EMEF M Boi Mirim III (atual EMEF Marli Ferraz Torres Bonfim) está localizada bem no centro do Jardim Ângela e a nossa proposta desde a inauguração da escola em 2009 foi fazer uma escola inclusiva e cidadã, que promovesse esporte, lazer, cultura de paz e educação de qualidade.

Atendemos atualmente cerca de 720 alunos dos ciclos de alfabetização, ciclo interdisciplinar e ciclo autoral equivalente ao antigo ensino Fundamental I e II.

O bairro Jardim Ângela localiza-se na zona sul de São Paulo, área de grande vulnerabilidade social e violência. Algumas décadas atrás esse bairro foi considerado como uma das regiões mais violentas do mundo em virtude da criminalidade, violência e chacinas que aconteciam.

De alguns anos para cá caíram os números da violência (chacinas e assassinatos), todavia, a população ainda continua não sendo assistida de forma satisfatória pelo poder público. Neste bairro praticamente não existem áreas de esporte, lazer e cultura pra comunidade, que encontra na Emef M Boi mirim III o único lugar seguro para o ensino, aprendizagem, e para as outras coisas citadas que estão em defasagem no bairro.

JUSTIFICATIVA

Considerando a necessidade de atuar de forma preventiva na nossa escola, tivemos como objetivo a redução das diferentes formas de violência e como perspectiva construtiva o conflito em suas formas de resolução. Tivemos como norte a importância de instituir na nossa unidade a cultura da mediação de conflitos integrada ao currículo e ao Projeto Político-Pedagógico; a importância da convivência democrática entre os profissionais da educação, educandos (as) e comunidade escolar baseada na cultura do respeito, da diversidade cultural, de gênero, de raça, etnia e no pluralismo de crenças e ideias; a promoção dos direitos humanos na construção de uma cultura da mediação de conflitos como proposta de uma sociedade mais justa e democrática.

No âmbito da nossa escola há uma multiplicidade de relações entre alunos, professores, funcionários, coordenação, direção, famílias comunidade, constituindo uma rede relacional muito rica e complexa, mas por vezes conflituosa.

Neste contexto que surgem muitos conflitos, que "entendemos como uma divergência de interesses entre duas ou mais pessoas sobre um tema, um interesse ou um bem, onde se acredita que as aspirações de cada um não podem ser atendidas simultaneamente e que percebam seus objetivos como incompatíveis".

Entendemos que a nossa escola produz e é afetada por vários tipos de violência nas relações que são estabelecidas entre toda comunidade escolar, diante desse fato decidimos implementar a justiça restaurativa em nossa unidade para melhorarmos as relações entre todos os segmentos da escola.

Referencial Teórico

O cdhep e a justiça restaurativa:

Para entendermos o que é a justiça restaurativa firmamos uma parceria com o **CDHEP** (Centro de Educação Popular e Direitos Humanos), uma instituição filantrópica e sem fins lucrativos que atua na promoção dos direitos Humanos no Capão Redondo - bairro vizinho a nossa unidade escolar.

O CDHEP trouxe para nossa escola o conceito de Justiça Restaurativa como um meio de gestão de conflitos em que um facilitador auxilia os envolvidos, junto com os membros de sua família e comunidade de afeto por eles indicados. Ao iniciarem um processo dialógico que é capaz de transformar uma relação marcada pela violência, com uma relação cooperativa, visam a responsabilização, a reparação de danos, o fortalecimento de laços comunitários e a prevenção de violências futuras.

A Justiça Restaurativa é um processo pelo qual todas as partes ligadas a uma ofensa em particular, se reúnem para resolver coletivamente como lidar com as consequências da ofensa e suas implicações para o futuro.

Os valores que regem a Justiça Restaurativa são: empoderamento, participação, autonomia, respeito, busca de sentido e de pertencimento na responsabilização pelos danos causados, mas também na satisfação das necessidades evidenciadas a partir da situação de conflito.

Os gestores e professores e demais funcionários fizeram a formação sobre Justiça Restaurativa no CDHEP a fim de aplicar o conceito e as práticas de justiça restaurativa na nossa unidade escolar.

OBJETIVOS

1-Possibilitar que os alunos e professores conheçam melhor e compreendam a razão das regras ou normas disciplinares, criadas para garantir um ambiente de aprendizagem adequado. Normas como respeito mútuo, pontualidade, cuidado com o ambiente, por exemplo, valem para todos: diretores, professores, funcionários e alunos. O importante é possibilitar cada um refletir sobre o que fez, por que fez e quem foi afetado. Assim, ele tomará contato com as conseqüências dos seus atos e poderá ter um comportamento diferente daquele apresentado até então.

2- Embasar teoricamente a equipe gestora, professores, alunos e comunidade escolar sobre Práticas Restaurativas.

3- Desenvolver atividades de empoderamento da toda comunidade escolar.

4- Diminuir os casos de violência e de bullying dentro da escola.

5- Melhorar as relações dentro de toda comunidade escolar.

6- Melhorar o índice da unidade escolar nas avaliações externas.

7- Melhorar a relação professores / alunos.

8- Formar uma rede de proteção para alunos e famílias excluídas.

9- Formação de cidadãos responsáveis por suas escolhas.

10- Ver as Crianças e adolescentes como sujeitos de direitos.

11- Evitar estigmatizações e exclusões, através do respeito às diferenças.

12- Construção de uma comunidade capaz de identificar sua necessidades e empoderada para atendê-las.

Público Alvo

Toda Comunidade escolar a Emef M Boi Mirim III.

METODOLOGIA

Encontros e conversas restaurativas e assembleias dos alunos



São espaços de poder compartilhado, onde as pessoas chegam de livre e espontânea vontade. Nnguém é culpabilizado, os participantes assumem a responsabilidade pelo acontecido e chegam a um plano que repare o dano vivido e restaure as relações. Neste ambiente trabalhamos o perdão, a compaixão, os tipos de pactos para a reconciliação, a janela da disciplina social, a comunicação assertiva, habilidades emocionais, e os sete passos da vingança para a reconciliação.

Os encontros restaurativos acontecem a todo tempo em nossa unidade escolar, e sempre que estamos atendendo em situação de conflitos fazemos as seguintes perguntas para agressor e vítima:

Perguntas Restaurativas:

Ao ofensor
O que aconteceu?
O que estava pensando no momento do fato?
O que pensa /sente agora?
Quem foi afetado por causa de sua ação? Como?
O que acha que precisa ser feito para reparar o dano?

A vítima
O que pensou quando você percebeu o que aconteceu?
Qual é o impacto do fato em você e nos outros?
Qual foi a parte mais difícil para você?
Como você se sente agora?
O que precisa acontecer para reparar o dano?

As perguntas restaurativas para o agressor e vítima tem nos ajudado bastante na resolução dos conflitos, agressor é vítima refletem sobre suas ações e na maioria dos casos chegam à conciliação e ao perdão acabando com um conflito que poderia continuar e até mesmo ficar mais grave.

No começo os alunos já chegavam na direção pedindo um punição, com a justiça restaurativa o agressor aprende a se responsabilizar por suas ações e como elas podem afetar o próximo.

Círculos de paz:

Os círculos de Paz ocorrem nas salas de aula e em outros ambientes da escola de forma coletiva quando diagnosticamos com professores, alunos, pais e coordenação que algumas salas de aula estão extrapolando em relação às normas de convivência. Fazemos círculos de paz, que consiste em alunos, professores e pais sentarem em círculo para que todos tenham o direito da fala e da escuta. É dado um objeto ou uma "peça de fala" que vai passando pelo círculo e cada um fala como está sentindo em relação aos colegas de sala, professores e demais funcionários da escola.



Estes círculos não têm objetivo algum de punição ou exclusão, discutimos coletivamente o que pode ser feito para melhorar a indisciplina, o bullying, os xingamentos e agressões ísicas e verbais que estão acontecendo.

Podemos constatar que o relacionamento de todos naquela sala melhoram O professor consegue depois do circulo ministrar uma aula melhor, os alunos param de ser agredir e rendem mais nas atividades de ensino e de aprendizagem.

Resultados:

Uma comunidade escolar com recursos para cuidar da convivência entre seus membros e entre a Escola e demais instituições. Uma escola integrante e integrada a rede de atendimento às crianças e adolescentes. Uma escola mais autônoma, isto é menos dependente de rede de apoio. Uma escola que resolve paci icamente seus con litos e dissemina a Cultura da Paz.

Bibliogra ia:

BRASIL. Presidência da República. **Direitos Humanos 2008: A realidade do país aos 60 anos da declaração universal**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos 2010.

UNIDADES EDUCACIONAIS

Menção Honrosa

Nome do Projeto: "Autonomia Indígena e Gestão Escolar Democrática: uma construção em curso no CECI Jaraguá"

Unidade Educacional: CECI Jaraguá

Diretoria Regional de Ensino: Pirituba

Autor do Projeto: Daniel Righi, Alísio Gabriel Tupã Mirim,

Willians Macena, Sônia Barbosa de Souza, Roberto Veríssimo Lima,

Márcio Vera Mirim Rodrigues e

Pedro Luís Macena.

Apresentação

O CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena) existe há dez anos na cidade de São Paulo. Foi criado a partir de uma proposta da própria comunidade indígena Guarani Mbya residente no município e viabilizado pela Prefeitura. São três as unidades do CECI – duas em Parelheiros e uma no Jaraguá, e é nesta última que foi realizado o projeto. No CECI Jaraguá são atendidas por volta de 120 crianças de 0 a 6 anos, que vivem nas aldeias Tekoa Pyau e Tekoa Ytu –ambas integrantes da Terra Indígena Jaraguá, da qual também faz parte o Tekoa Itakupe.

A escola, elemento relativamente novo entre os indígenas de modo geral, representa para vários povos tradicionais a possibilidade de criar um diálogo respeitoso entre sua cultura e a da sociedade envolvente. Para os guaranis desta cidade, que perderam tanto de suas terras e de seu modo de vida original, signi ca também um espaço para que sua tradição se fortaleça continue sendo vivida pelas gerações futuras do seu povo. Ao mesmo tempo em que trabalham com sua sabedoria milenar no CECI e em toda a aldeia –entendida, toda ela, como um espaço educacional –os guarani buscam outros conhecimentos, que ajudem a conquistar melhores condições de vida e relações mais equilibradas com os não-indígenas. A experiência cotidiana do trabalho na unidade e tudo que envolve a organização dela colabora para uma formação em que buscam cada vez mais espaço no debate educacional com os não-indígenas, bem como assumir plenamente o controle na educação de seu povo.

Os gestores públicos, de modo geral, tem pouca apropriação da atual legislação a respeito dos povos indígenas (da qual a Convenção 169 da OIT é o exemplo mais expressivo), e as estruturas institucionais que compõe a sociedade brasileira nem sempre oferecem condições de diálogo aos povos indígenas; neste contexto, a educação tem potencial para colaborar no estabelecimento de outras referê cias para essas relações.

Numa perspectiva de conquista de autonomia por parte da comunidade indígena, o desenvolvimento da educação escolar diferenciada está ligado também ao da democrática do espaço educacional. Apresentamos aqui algumas ações desenvolvidas entre o povo Guarani Mbya da TI Jaraguá, buscando sua participação cada vez maior na gestão do CECI e nas decisões a ele relacionadas.

JUSTIFICATIVA

A legislação brasileira –incluindo aí a Constituição Federal e a LDB –garante que a Educação Escolar Indígena aconteça de acordo com a proposta de cada povo, respeitando sua língua materna, sua cultura e seus processos próprios de aprendizagem. No entanto, a organização do sistema de ensino em seus vários níveis no país passa pela exigência de formação e vinculação ao quadro de funcionários da administração pública.

No caso da comunidade Guarani Mbya da cidade de São Paulo, torna-se necessário garantir a formação inicial para os indígenas que trabalham no CECI. Embora essa formação fortaleça a autonomia indígena na questão pedagógica, ainda nos resta garantir que essa autonomia também seja possível na gestão do CECI, onde o desconhecimento no que se refere à administração escolar di iculta que membros da comunidade assumam plenamente o comando da unidade.

Para enfrentar esse problema, lideranças guarani da TI Jaraguá e servidores públicos municipais ligados ao CECI Jaraguá resolveram propor outra forma de gerir a unidade. Até então um único funcionário público respondia por tudo que se referisse à gestão, concentrando em suas mãos ações referentes ao cadastro de alunos, à alimentação escolar, verbas, iscalização de empresas prestadoras de serviço, ações desenvolvidas junto a outras instituições educacionais, e até mesmo participação do CECI em eventos que discutissem questões pertinentes aos indígenas. Essa forma de trabalhar impossibilitava que membros da comunidade adquirissem experiência na gestão da educação escolar indígena em seu território, fazendo com que os guaranis dependessem completamente da Prefeitura para isso.

METODOLOGIA

Desde julho de 2014, o servidor público que responde pela gestão passou a acompanhar e orientar o trabalho de três membros da comunidade indígena, responsáveis, cada um, por uma das três áreas em que se dividiu a atividade gestora:

1. Alimentação e matrícula
2. Recursos inanceiros e materiais
3. Ação pedagógica interna e externa

Este acompanhamento foi pensado para criar condições aos funcionários guarani para adquirirem experiência e conhecimento nos assuntos ligados à gestão, dependendo cada vez menos de ajuda externa e podendo compartilhar esse conhecimento com outros membros da comunidade.

Esta nova organização do trabalho no CECI Jaraguá também se apoiou em outras ações que visavam ao aumento do poder de decisão guarani na gestão da Educação Escolar Indígena:

Participação do Conselho da Aldeia no processo de contratação, demissão e acompanhamento dos funcionários do CECI.

A indicação das pessoas que compõem a equipe do CECI é feita pela própria comunidade indígena atendida por ele. Os problemas que venham a surgir no desempenho das funções por algum de seus membros devem, também, ser discutidos pela comunidade. Contudo, os não-indígenas, muitas vezes, tomavam a fala de uma liderança isoladamente como a vontade da maioria. Na medida em que alguém ocupasse cargo de che ia no CECI, teria condições de indicar, se assim desejasse, pessoas de sua preferência para trabalhar na unidade. Para tornar o processo mais democrático e transparente, bem como para fortalecer uma instância legítima de poder dentro da aldeia, houve acordo para que essas decisões coubessem ao Conselho da Aldeia (um colegiado de lideranças que auxilia o cacique na tomada de decisões importantes).

Composição exclusivamente indígena da Associação de Pais e Mestres

A Associação de Pais e Mestres (APM) tem, entre outras atribuições, a de gerir os repasses de verbas federais destinadas à unidade: o PTRF (Programa de Transferência de Recursos Financeiros) e o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola). Esta associação deve, anualmente, realizar eleições anuais e estabelecer seu planejamento de gastos. Recomenda-se que a presidência da APM de uma escola seja assumida pela diretora ou diretor da mesma. O CECI não tem exatamente um cargo de direção, mas era

comum que o servidor público responsável por organizar o trabalho por lá fosse presidente da APM. Chegou-se à conclusão de que apenas os guaranis deveriam integrar a associação, e que esta deveria trabalhar numa sólida articulação com o funcionário indígena responsável pela parte inanceira na gestão do CECI. A atuação do servidor público municipal priorizaria não a execução, mas a orientação das ações necessárias.

Ainda que tenha sofrido algumas críticas –devido a atrasos ocorridos na entrega de documentação e prestação de contas, fruto da inexperiência nesse tipo de trabalho –a APM do CECI tem mantido uma composição exclusivamente guarani. É importante ressaltar que os problemas encontrados foram resolvidos, e que a totalidade do processo, com erros e acertos, resultou em experiência valiosa para a equipe indígena que trabalha no CECI; é esta experiência que permitirá que membros da própria comunidade administrem os recursos destinados ao atendimento de suas crianças.

Elaboração do Regimento do CECI em discussão aberta à comunidade

Aproveitando o movimento de reelaboração dos regimentos escolares em 2014, promovido a partir de solicitação da Secretaria Municipal de Educação, o CECI iniciou a elaboração de seu primeiro documento desta natureza. As discussões começaram abordando a importância do regimento para a realização, na unidade, das inalidades almejadas pela comunidade. O documento foi sendo escrito ao longo de alguns meses, combinando reuniões internas à aldeia e reuniões entre indígenas e servidores municipais.

Participação de um guarani no Conselho de Alimentação Escolar da rede municipal

Desde a criação do CECI existe a reivindicação de que alimentação das crianças nele atendidas observe a tradição guarani. Entretanto, esta proposta sempre encontrou obstáculos, por demandar outra dinâmica de aquisição de gêneros alimentícios, em menor quantidade -posto que só há três unidades do CECI na cidade. Nos últimos dois anos houve avanços nesse sentido, com a compra de alguns alimentos solicitados pela comunidade, e também com uma maior participação guarani em decisões ligadas ao

tema; a representação indígena efetivou-se com a eleição de um membro para o CAE (Conselho de Alimentação Escolar).

Dentro da proposta de construção da autonomia indígena na gestão do CECI, a representação no CAE significa a conquista de mais um espaço de participação da comunidade e o fortalecimento de uma visão própria deste povo, que não concebe a alimentação, a educação e a luta por direitos como assuntos separados; sua cultura perpassa a todos eles, mantendo unidos os elementos da vida, humana ou não, e o que há de sagrado nessa mesma vida.

Realização de reuniões semanais entre todos que trabalham no CECI

Na busca de compartilhar informações importantes e dar respaldo e legitimidade às ações da equipe gestora guarani, foi fundamental reunir, periodicamente, todas as pessoas que trabalham no CECI. Chegou-se ao acordo que, ao menos durante um certo tempo, essas reuniões deveriam ser semanais – com a evolução do diálogo entre o grupo, elas poderiam ser realizadas a intervalos maiores. Esse movimento foi importante, pois alguns grupos de funcionários puderam colocar pontos de vista próprios, dificilmente contemplados nas discussões administrativas.

A existência de uma instância coletiva de decisão estimulou a participação de todos os trabalhadores do CECI e também de membros da comunidade interessados nos rumos da Educação Escolar Indígena, e até indivíduos e entidades parceiras foram convidados a exporem suas propostas ao grupo –indo além da conversa reservada com uma ou duas pessoas próximas.

POTENCIAL DE IMPACTO

O povo indígena Guarani Mbya que vive em São Paulo, assim como vários outros povos nativos pelo Brasil afora, possui uma experiência de exclusão em relação aos centros de poder na sociedade brasileira. Diante deste quadro, a resposta possível das comunidades tem sido a organização de passeatas, ocupações, campanhas e outras ações.

O projeto abriu a possibilidade de trilhar um caminho que muitas vezes está vedado aos indígenas: o de participar da de inição e da execução das políticas públicas que os afetam, para além de apenas responder a uma consulta. Sem excluir outras formas de luta por direitos, a manutenção de um diálogo constante em torno do desenvolvimento de um projeto comum permite estabelecer outro patamar para as relações entre a comunidade e o poder público.

Para os guaranis da Terra Indígena Jaraguá, especi icamente aqueles que trabalham no CECI, o projeto signi icou uma aposta bem sucedida na sua capacidade de organização e na possibilidade de aproveitar espaços existentes na sociedade não-indígena, bem como de conquistar outros. Para os agentes do poder público, foi a demonstração de que a única forma viável de apoiar realmente os povos indígenas é trabalhar *com* eles, e não *por* eles, já que o fortalecimento de sua organização é condição fundamental para a conquista de relações mais igualitárias com os não-indígenas.

PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE E SUSTENTABILIDADE

A experiência adquirida no projeto não se limita ao que foi escrito aqui. A percepção de seus participantes é de que não foi o projeto que iniciou tudo isso; ele apenas colheu um pouco da realidade existente no CECI Jaraguá e a tornou conhecida por mais gente.

O título menciona uma construção em curso, e efetivamente é isso que se tinha em mente. A intenção das pessoas ligadas a estas iniciativas é criar condições para que a comunidade indígena possa dialogar em igualdade de condições com a sociedade envolvente, e possa decidir com total liberdade os rumos da educação de seu povo.

As mudanças na estrutura organizacional do CECI Jaraguá não foram pensadas para existir temporariamente. Portanto, não havendo iniciativa de nenhuma parte para alterá-las, assim permanecerão.

Na medida em que as conquistas aqui expostas sejam mantidas e ampliadas, e que o conhecimento advindo desta experiência seja compartilhado tanto entre os indígenas quanto entre os não-indígenas envolvidos no CECI, a construção da autonomia indígena neste âmbito deve continuar. Este registro é parte importante da preservação desse conhecimento.

indígena neste âmbito deve continuar. Este registro é parte importante da preservação desse conhecimento.

E-referências

Decreto nº 5.051, de 19/04/2004 (Promulga a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho -OIT sobre povos indígenas e tribais. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm

Constituição da República Federativa do Brasil (compilado) http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional). http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm



Reunião de equipe do CECI Jaraguá na Opy (Casa de Reza) do Tekoa Pyau



Jogo tradicional no CECI Jaraguá (Zarabatana)



Informática no CECI Jaraguá



Culinária tradicional no CECI Jaraguá

CATEGORIA 2
PROFESSORES

“Direitos Humanos - Violência”
Deyse da Silva Sobrino

“Eu Te Respeito"
Mariana Cristina Lima Reis

“Pra dizer que eu também falei das flores (e dos espinhos)”
Amanda Régia Costenado, Diego dos Santos, Elisabete Godliauskas, Nilton Benedito Antunes e Thiago Mena

“Adaptação de Currículo”
Marcos Vitorino da Silva

CATEGORIA 2
PROFESSORES

1º Lugar

Nome do Projeto: "Direitos Humanos - Violência"

Unidade Educacional: EMEF José Bonifácio

Diretoria Regional de Ensino: Penha

***Autora do Projeto*:** Deyse da Silva Sobrino

Parceiras: Cláudia Mayer Pigatti Silva e Eleine Cristina de Sousa Landim

RESUMO

O projeto: “Direitos Humanos – Violência”, desenvolvido com os alunos do último ano do ciclo autoral, do ensino fundamental, com idade aproximada, entre 13 e 15 anos, fazia parte de uma meta estabelecida pela Secretaria Municipal de Educação, para a conclusão do ciclo.

O tema foi escolhido pela relevância social e por fazer parte do cotidiano de cada aluno. Por ser um tema amplo os alunos dividiram-se em grupos de até quatro elementos e escolheram um subtema relacionado ao tema geral: Violência.

Era objetivo do projeto, levar os alunos à reflexão sobre as práticas de violência, exercidas pela e na sociedade, como forma de agressão que deveria ser radicalizada ou minimizada para uma vida digna, respeitando os direitos de ir e vir, com segurança, dos cidadãos que fazem parte de um sistema globalizado onde todos lutam na busca de um bem comum.

Mais especificamente os alunos deveriam refletir sobre a prática da violência, de qualquer natureza; deveria haver diálogo, criação, comunicação, o desenvolvimento de habilidades pessoais, sociais, emocionais, cooperativas, de comunicação, de pensamento crítico e de construção de autoestima.

Por fim, a busca de soluções para extinção ou minimização da violência fosse ela na escola, em casa ou na sociedade, com alertas as pessoas sobre eventuais riscos e formas de denúncias.

Todas as atividades levariam para um trabalho coletivo, onde o respeito ao próximo e ampliação de ideias seriam consideradas fundamentais.

Para chegar ao produto final, muitas pesquisas foram realizadas, rodas de conversa, orientações, exposições de conhecimentos, entendimentos, experiências.

Ao final do projeto, em dia, local e horário, predeterminados, os alunos puderam esclarecer os convidados presentes, distribuindo o produto confeccionado, por eles, como resumo de sua pesquisa e orientações tanto para seus colegas adolescentes, como orientações aos pais, na expectativa de dias melhores com a minimização da violência por parcela da população, do entorno, agora com esclarecimentos sobre: Aborto, Abuso sexual, Bullying, Cyberbullying, Homofobia, Violência Ambiental, Violência doméstica, Violência geral, Violência nas ruas.

Por meio do projeto desenvolvido os alunos, em busca dos objetivos, aprenderam a trabalhar com o outro, valorizar o conhecimento, a não temer, ter coragem e enfrentar desafios e situações de conflitos. Se autovalorizaram.

APRESENTAÇÃO

O grupo de alunos que participou do projeto "Direitos Humanos – Violência" era composto por aproximadamente 30 (trinta) adolescentes entre 13 a 15 anos de idade, os quais frequentavam o nono ano do ensino fundamental. Durante as aulas normais querem dividir o tempo entre professor e celular. Durante as aulas diferenciadas (projetos) são mais ativos e participativos. São agitados, criativos e pela primeira vez, desenvolveram uma experiência nova quanto à realização, ou seja, um trabalho autoral, que deveria ser apresentado como um dos requisitos para a conclusão do curso.

O grupo participava dos encontros fora do seu horário de aula motivo pelo qual foram bastante motivados e cobrados para que chegássemos ao final com êxito.

Atualmente, pela minha experiência, sou da opinião que existem dificuldades quanto ao ensino, em todos os anos do ensino fundamental. Acredito

Vejo como prioridade, a curto e médio prazo, uma educação mais aberta, onde um ser humano aprende com o outro em qualquer ambiente, onde existam trocas de experiências e conhecimentos, entre professores e alunos.

Dessa forma acredito na aprendizagem pelo prazer e relacionada com a realidade dos alunos. Os alunos devem perceber a educação como formas de poder participar de ações e mudanças sociais, um enriquecimento pessoal, uma forma de ter poder para o exercício da cidadania e não como uma imposição de seus familiares e professores. Vejo como necessidade e gostaria, imensamente, que os alunos desenvolvessem a criticidade para participação efetiva diante de qualquer situação apresentada.

Organização da prática pedagógica

Há cinco anos venho desenvolvendo projetos, junto com os alunos, a respeito de nossos valores e princípios. Começamos falando sobre amigos, autoestima, confiança, respeito.

Partimos para o estudo do Bullying e o respeito às diferenças, por necessidades da própria escola, frente à violência cotidiana que não era mais suportada.



Prosseguimos com a violência que o homem impõe à natureza e buscamos entender a ética, a cidadania e desenvolver a solidariedade.

Estudamos como deveria ser uma escola sustentável e o que poderíamos fazer para seguir o caminho em busca da sustentabilidade na nossa escola.





Fizemos um projeto sobre a Copa Verde (Copa do Mundo), em que nos preocupávamos com a sustentabilidade ambiental e quais eram os nossos direitos – Direitos Humanos.



Continuando nossos estudos, discutimos sobre nossa segurança, as ocorrências sobre violência, demonstradas e vividas, a cada dia, dentro da escola e fora dela e bastante explorada, pela mídia televisa.

JUSTIFICATIVA

Esses enfoques fizeram com que os alunos buscassem o estudo sobre a Violência, em suas várias vertentes, após lançada a pergunta: "O que mais os incomoda que acontece dentro e fora da escola, com repercussão para o mundo?". Os alunos já estavam motivados quando a pergunta foi lançada. Dessa forma criou-se uma justificativa para que no mês de março iniciássemos os estudos sobre a Violência e suas facetas.

O tema já há muito trabalhado era uma necessidade visível da escola e permanecia em estudo, desde 2009 nas suas mais variadas vertentes e formas de

abordagem. Tínhamos como diagnóstico das turmas os conhecimentos apropriados, pelos projetos desenvolvidos, em anos anteriores, pelos quais os alunos adquiriram um repertório satisfatório, expressados em seus contos e crônicas (outro projeto) um dos motivos de porque escolherem o tema em questão, ou seja, Violência.

Objetivos:

Com o tema decidido, alguns objetivos foram traçados e ao final do projeto desenvolvido, esses deveriam ser atingidos como demonstração de sucesso da pesquisa e das conquistas. Então, foi elaborado um esqueleto do caminho a ser seguido por todos os envolvidos, que foi acrescido de atividades a partir das necessidades surgidas e algumas delas suprimidas por vários motivos, à medida que o projeto foi se desenvolvendo.

Esperava-se que os alunos durante a execução do projeto e ao final dele pudessem:

- Refletir, imaginar, dialogar, comunicar, criar, escrever e expressar, inclusive, de forma artística as formas de violências e suas ocorrências.
- Desenvolver habilidades pessoais, sociais, emocionais, cooperativas, de comunicação, de pensamento crítico e de construção de autoestima.
- Buscar soluções de extinção ou minimização da violência seja ela na escola, em casa ou na sociedade.
- Alertar as pessoas sobre eventuais riscos e formas de denúncias.
- Criar no dia-a-dia, ambientes de respeito, estimulando a capacidade de aprender e fazer escolhas socialmente conscientes.
- Perceber que o exercício dos valores universais, dos direitos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana, promove o bem estar para os indivíduos e para a sociedade como um todo.

Resultados alcançados:

Os alunos, em busca dos objetivos, aprenderam a trabalhar com o outro, (dupla, trio ou grupo de quatro pessoas), pesquisar, trocar ideias e experiências em rodas de conversa, fazer entrevistas, raps, elaborar vídeos, construir tenda, painéis com fotos, serem protagonistas do momento de compartilhamento, se solidarizar com o próximo, com suas aflições e angústias.

Aprenderam a valorizar o conhecimento independentemente de avaliação qualitativa ou quantitativa.

Aprenderam que tinham conhecimentos suficientes para responderem questões e tinham o domínio do material estudado.

Aprenderam a não temer, ter coragem e enfrentar desafios e situações de conflitos. Se autovalorizaram.

METODOLOGIA – PASSO-A-PASSO.

Desde o início do ano de 2014 já desenvolvíamos um projeto denominado: Direitos Humanos, onde trabalhávamos o direito de uma escola de qualidade, a liberdade de expressão e comunicação, a moradia, saúde e a segurança, entre outros.

Trabalhávamos também a não aceitação da exploração dos menores pelo trabalho infantil e a aceitação das pessoas como elas se apresentam, ou seja, com suas diferenças.

Era propósito da Secretaria Municipal da Educação que os alunos do nono ano do ensino fundamental, entregassem um trabalho de autoria como um dos requisitos para o encerramento do ciclo.

Como coordenadora de projeto de uma das turmas, partindo de nossos estudos, já no inal do mês de março, perguntei aos alunos: “O que mais os incomodava que acontecia dentro e fora da escola, com repercussão para o mundo?” e que pudesse ser estudado por nós com futura proposta de solução ou minimização do problema e com alertas à população.

Os alunos discutiram e chegaram ao resultado: “Violência”. Por ser o tema amplo e profundo para o estudo, os alunos foram orientados a escolherem subtemas dentro do mesmo e a desenvolverem o trabalho em grupo de até quatro alunos para melhor distribuição das tarefas.

Alguns alunos escolheram o subtema baseado em temas já trabalhados anteriormente por meio de projetos, os quais já lhe ofereciam um vasto repertório. Outros escolheram por casos evidenciados na família ou mesmo entre amigos e partiram de dados reais para as pesquisas.

A partir de então, os alunos iniciaram as pesquisas sobre o tema e subtemas escolhidos, em casa e na escola, utilizando-se da internet e outros meios de pesquisa.

Os alunos tiveram, disponibilizadas, para pesquisas, rodas de conversas, esclarecimentos de dúvidas e confecção do material da apresentação (pan letos, caixas, fotos, entre outros) seis horas aulas semanais, (do mês de abril ao mês de novembro) as quais eram frequentadas pelos grupos, de acordo com sua necessidades.

No período de inalização do projeto os alunos eram mais frequentes em busca de orientações para o fechamento das atividades desenvolvidas.

Os alunos pesquisavam, faziam rodas de conversas onde discutiam a pesquisa realizada e faziam a melhoria de ideias. Mesmo com subtemas, esses ainda eram amplos e os alunos constantemente eram orientados para não perderem o foco da pesquisa. Os alunos participantes dos grupos se ajudavam mutuamente e em outros momentos eram auxiliados pela professora.

alunos participantes dos grupos se ajudavam mutuamente e em outros momentos eram auxiliados pela professora.

Os momentos em que os alunos confidenciavam seus sofrimentos foram muito significativos, pela confiança que depositaram na minha pessoa. Outros, também, significativos foram os momentos que ocorreram as apresentações dos grupos aos presentes, pela alegria e satisfação, estampados nos rostos dos alunos e dos familiares presentes pela conclusão do trabalho realizado com êxito.

Os obstáculos em relação à frequência dos alunos, nos horários estipulados, foram contornados por meio de diálogos e conscientização sobre a importância do resultado final. Os obstáculos relativos às apresentações dos vídeos, ou seja, toda parte técnica, ajeitou-se dentro das possibilidades que tínhamos no momento, ou seja, troca de pen drive para outro tipo de mídia, aceitar um pouco da microfonia e acústica do pátio escolar que não favorece as atividades como palestras, teatro, entre outras.

Considero como momentos significativos alguns depoimentos feitos por alguns alunos, ao concluírem o projeto:

- “Neste momento, ao terminar o trabalho, não me importo com a nota que a professora poderá dar. Mesmo que eu tire zero não importa! O que vale é o que eu aprendi!”
- “Pelo que pesquisei me avalio nota 8.5, pelo que aprendi 10.0”.
- “Não acredito!”. “Fui eu que fiz este trabalho sozinho!” “Estou muito feliz!”

Os temas escolhidos pelos alunos, a serem desenvolvidos, foram:

- Aborto - No caso do Aborto os alunos conceituaram; falaram sobre o Aborto induzido e as complicações originadas por ele; descreveram sobre a Síndrome Pós Aborto; Aborto como crime e orientações. Construíram e distribuíram panfletos explicativos e orientadores aos convidados presentes no dia da apresentação e elaboraram um painel contendo fotos relativas ao tema estudado.

- Abuso sexual – o grupo trabalhou o conceito, as categorias, enfatizando a Pedofilia e o Estupro. Descreveu alguns sintomas da pessoa que sofre o Abuso Sexual e orientou sobre a necessidade da denúncia. O grupo elaborou e distribuiu panfletos explicativos e orientadores aos convidados presentes no dia da apresentação e apresentou um vídeo sobre o tema estudado.

- Bullying – o grupo definiu bullying, tipos de bullyng, cyberbullyng, características comportamentais de quem sofre o bullying, evidenciou a denúncia como forma de diminuição da prática e de sofrimento, evitando mais violência que muitas vezes acontece pelo revide. O grupo aproveitou e replicou a caixa do "Sitocol", remédio antibullying, criado anteriormente quando do desenvolvimento do projeto "Bullying – Respeite as Diferenças" e a bula que o acompanha que é explicativo e orientador sobre o tema e que também foi distribuído após a apresentação aos convidados presentes e apresentou um vídeo sobre o tema estudado.

- Bullying – uma questão cultural? – o aluno fez uma análise da cultura do Brasil e do Canadá para descobrir se o bullying seria uma questão cultural. Chegou a conclusão que não. Que no Canadá país muito rico e desenvolvido também ocorre a prática de bullying e é grande o número de suicídio. O aluno também replicou a caixa do Sitocol antibullying, remédio fictício e reflexivo com a bula que o acompanha que foi distribuído aos convidados presentes, além da apresentação de um vídeo sobre o tema.

- Ciberbullying – o grupo de alunos após debater o tema, reunidos, criaram um rap, esclarecedor do tema. Também elaboraram um vídeo com o rap tocado e cantado por eles, além de distribuírem aos convidados presentes, a letra da música para que fossem acompanhados durante a apresentação.

- Homofobia – O grupo elaborou um vídeo, explicativo, conceituando homofobia, e a necessidade da aceitação das pessoas como elas se apresentam; suas escolhas e divergências em relação ao que muitos consideram como certo. Fizeram um vídeo de apresentação do trabalho desenvolvido que foi apresentado aos convidados presentes.

- Violência Ambiental – a aluna pesquisou sobre alguns dos tipos de degradação do meio ambiente como: lixo, desmatamento, poluição do ar e poluição das águas. A aluna inicia o seu trabalho dizendo que a violência é a consequência maior do desequilíbrio ambiental ao qual a Terra está submetida e termina dizendo: "Se não pudermos dar a nova geração um mundo melhor, vamos deixar pelo menos o que recebemos!" Faz um panfleto falando um pouco sobre cada tipo de degradação e inicia o mesmo com o título "PODEMOS MUDAR O FUTURO DE NOSSO PAÍS. JUNTOS POR UM FUTURO MELHOR!" que foi distribuído entre os convidados presentes e também elaborou um vídeo para apresentação final.

- Violência Doméstica – o grupo definiu violência, descreveu sobre a violência doméstica e alertou sobre a existência da Lei Maria da Penha que deixa de tratar a violência contra a mulher como crime de menor potencial ofensivo. O grupo confecciona panfletos com os temas: “O que é violência?”, “Violência doméstica?”, “Lei Maria da Penha” intitulado: “Uma vida sem VIOLÊNCIA é um direito de todos”. Esses panfletos norteadores foram distribuídos aos convidados presentes. O grupo ainda construiu uma tenda no pátio da escola, com frases e fotos para visitação dos presentes, com direito a perguntas e respostas esclarecedoras pelo grupo ali presente.

- Violência Geral – de uma forma geral, o grupo falou a respeito da violência no mundo, como assaltos, mortes, guerras e explicou sobre o mundo capitalista. Elaborou um vídeo, sobre os estudos feitos, que foi apresentado aos convidados presentes.

- Violência nas Ruas – o grupo construiu um rap onde descreve que as famílias deixam os filhos para se dedicarem ao trabalho em busca de alimentação. O envolvimento das crianças com as drogas, partindo para a criminalidade e suas consequências. Grita: VIOLÊNCIA NÃO e diz que a solução necessária é mais investimento na Educação. O grupo também elaborou um vídeo que foi passado aos convidados presentes e também elaborou e distribuiu a letra do rap para que todos pudessem acompanhar durante a apresentação do vídeo, onde cantam o rap criado.

- investimento na Educação. O grupo também elaborou um vídeo que foi passado aos convidados presentes e também elaborou e distribuiu a letra do rap para que todos pudessem acompanhar durante a apresentação do vídeo, onde cantam o rap criado.

No mês de agosto, após as pesquisas, mediações, intervenções, os alunos passaram a buscar um produto final que retrataria seu trabalho, sua pesquisa e levaria reflexões e instruções aos colegas, professores, amigos, pais, familiares, entorno da escola entre outros.

Os grupos foram escolhendo confeccionar panfletos, mural de fotos, tenda com fotos e textos, criaram raps que também tiveram suas letras impressas, replicaram as caixas do Sitocol, remédio criado em projetos anteriores para minimização da prática de Bullying, elaboraram vídeos esclarecedores dos estudos feitos.

Em outubro iniciamos o aprendizado de como trabalhar e confeccionar panfletos usando o "Publisher". Nessa fase de finalização, os alunos desenvolveram suas atividades no Laboratório de informática, intensamente, com a orientação da professora coordenadora do projeto. Aí também os alunos buscaram as fotos que compuseram o painel e a tenda.

Os raps, também foram criados no laboratório de informática, gravados e publicados utilizando o software "Audacity" com publicação posterior no Youtube e Goear.

Os vídeos de finalização das pesquisas foram elaborados no laboratório de informática, utilizando o "Movie-Maker" e publicados no Youtube e no Portal da Prefeitura, no espaço "Tá na Rede".

Nessa fase das pesquisas, alguns alunos, já quiseram demonstrar seus estudos e conhecimentos, repassando-os aos professores e coordenação escolar, em horário de estudo coletivo.

Após o encerramento das atividades, já no mês de dezembro os alunos puderam expor seus trabalhos aos pais, familiares, professores, coordenação, direção, convidados, com exposição de vídeos explicativos, sessão de dúvidas as quais eram esclarecidas pelos próprios alunos e distribuíram panfletos, por eles preparados.

Os presentes puderam observar os painéis de fotos esclarecedoras, visitar a tenda com fotos e frases explicativas e impactantes, cantar os raps criados, junto com os seus autores, além de participarem de um coquetel, oferecido pela direção escola.

Houve com certeza a intervenção social por tudo até aqui exposto.



Grupo de alunos demonstrando o conhecimento sobre o tema estudado: "Violência Doméstica", aos convidados presentes.



Grupo de alunos demonstrando o conhecimento sobre o tema estudado: "Violência Geral", aos convidados presentes.



Grupo de alunos demonstrando o conhecimento sobre o tema estudado: "Bullying", aos convidados presentes.



Aluno demonstrando aos presentes os conhecimentos após estudos realizados sobre o tema: "Bullying – Uma questão cultural?"



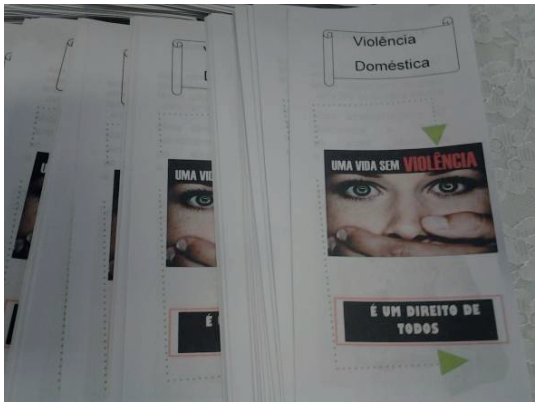


Mesa de apoio do material a ser distribuído e ao fundo tenda expositiva sobre o tema: “Violência Doméstica”

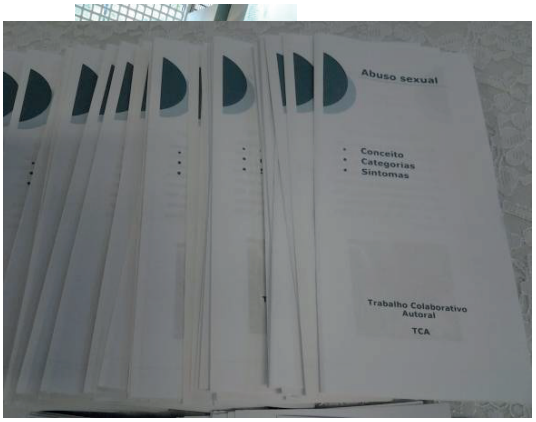


Síntese de alguns dos trabalhos desenvolvidos, distribuídos ao final das exposições com chamamentos e alertas sobre os temas.

Violência Doméstica



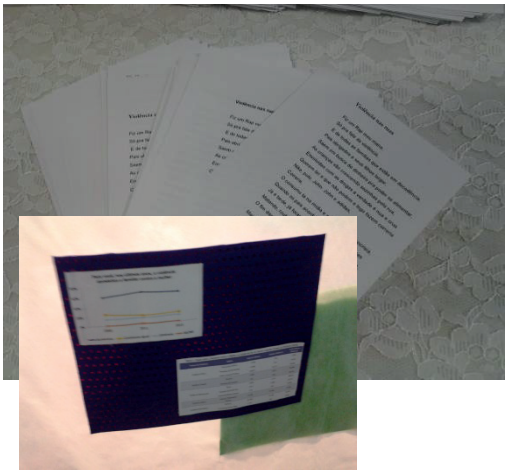
Abuso Sexual



Bullying



Violência nas Ruas



Violência Ambiental



Tenda – Violência Doméstica





O apoio e o auxílio na hora em que o coração muitas vezes acelera pela emoção.

Para facilitar os encaminhamentos na realização do trabalho e para o crescimento pessoal, foram feitas sugestões de pesquisas, orientações, intervenções e mediações. Os alunos foram repertoriados e ainda contaram com troca de e.mail, uso da rede social para contato direto e contínuo com a professora coordenadora do projeto.

Lógico que as dificuldades variaram, nos diversos grupos. Uns necessitavam de muita orientação e chamamento para o trabalho, outros se programaram para a pesquisa e eram mediados apenas quanto ao foco do tipo de violência escolhido.

Avaliação

Os alunos foram avaliados pelo trabalho desenvolvido de pesquisas, relacionamento social dos elementos do próprio grupo e em relação ao grupo maior, ou seja, classe.

A avaliação foi feita durante todo o percurso das pesquisas realizadas, onde nós, professoras orientadoras, percebíamos, nitidamente, por meio das mediações e durante as rodas de conversas, a evolução dos alunos frente ao tema pesquisado.

Durante as rodas de conversas, pode-se observar o crescimento do grupo, dentro das atividades de pesquisas que eram desenvolvidas, tanto na escola, como fora dela.

A cada dia de reunião, os alunos contavam as novidades da pesquisa realizada em roda de conversa.

Muitas vezes foi avaliado o interesse do aluno, quando mesmo no período noturno, procurava orientações com a professora coordenadora do projeto, pelas redes sociais.

Os alunos expunham suas dúvidas e suas necessidades que eram resolvidas pelo grupo, mediados pelas professoras orientadoras do projeto.

Muitos grupos nos procuravam particularmente e pela confiança adquirida durante o processo, nos contavam “segredos” os quais pudemos observar tinham motivado a escolha do tema a ser estudado e desenvolvido.

Percebi, nos grupos de alunos, como haviam incorporado valores, princípios que tanto trabalhei em anos anteriores, por meio de outros projetos e que hoje os alunos se utilizavam para expressar sentimentos e repúdios a vários atos de violência.

Pude avaliar o crescimento do conhecimento e aprofundamento dos temas pelos grupos, ressalvando os níveis de proficiência existentes entre cada participante e o meu desempenho frente aos resultados que estavam sendo apresentados e os que ainda estavam por vir.

Os alunos também foram avaliados pela forma como apresentaram o produto final de sua pesquisa. Neste campo, foi avaliado o conteúdo minimizado que dava a mensagem foco do estudo, as imagens escolhidas e utilizadas, o capricho quanto o enquadramento e montagem dos folhetos; a elaboração dos vídeos, quanto ao tempo de duração, tempo de leitura, textos e imagens relacionadas. Também foi avaliada a exposição final, de forma verbal com audiovisual e como interagiram a plateia presente e o grupo com perguntas e respostas.

Apesar de tantos quesitos serem avaliados, não existiu por parte dos professores envolvidos no projeto um conceito para definir o trabalho.

Avaliou-se o desempenho dos grupos, o protagonismo e o quanto estavam felizes por finalizarem um trabalho em que não acreditavam que seriam capazes.

Ao final, dia da apresentação, os alunos estavam corajosos e infinitamente preparados, dominando o conteúdo, respondendo questões e fazendo esclarecimentos à platéia presente, porque naquele momento, eles eram os protagonistas do evento e do momento histórico que viviam.

Pelo descrito acima, afirmo que todos os objetivos propostos foram alcançados, lógico, sempre, respeitando as diferenças existentes dentro do grupo de alunos.

Transmitindo conhecimentos

Durante o desenvolvimento das pesquisas, os alunos tiveram a oportunidade de exporem seus conhecimentos até então adquiridos e de forma oral, para os professores que fazem parte do grupo de JEIF (Jornada Especial Integral de Formação) em reunião de horário coletivo e dessa forma aprenderam cada vez mais, se libertaram da timidez e conquistaram os objetivos propostos.

Ainda, repassaram o aprendizado aos colegas da escola, em dia pré-determinado, informando, alertando.

Pudemos observar que os alunos tinham uma ânsia enorme de passar determinados ensinamentos aos colegas, tendo em vista a importância do tema e a preocupação com determinados acontecimentos relevantes e de repercussão geral.

Os trabalhos, (vídeos) foram publicados na internet, em primeiro momento no Youtube e posteriormente no portal da prefeitura, no espaço denominado “Ta na Rede” onde podiam ser vistos todos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos da rede municipal de ensino.

Os panfletos e letras das músicas foram distribuídos, ainda, em exposição feita aos professores da Divisão Regional de Ensino – Penha, em evento, denominado “Tecendo o Cotidiano das escolas”, pela professora coordenadora do projeto.

O desenvolvimento do trabalho dos alunos, também fora incentivado e avaliado pela Secretaria Municipal de Educação, quando da publicação das atividades no Portal de Prefeitura de São Paulo.

Pudemos acompanhar todo o desenvolvimento do trabalho, a evolução dos alunos, o desenvolvimento, com a publicação final dos resultados e a exposição da conclusão feita pelo grupo aos convidados presentes.

Mais uma vez pudemos avaliar, agora, os pais satisfeitos, os professores e a gestão escolar, felizes, todos participando de coquetel de encerramento na própria escola.

Os alunos aprenderam a fazer pesquisas, entrevistas, buscar o foco de um assunto, trabalhar a leitura, escrita, a oralidade, a estética, inclusive despertaram o princípio da cidadania e solidariedade na ajuda prestada aos seus semelhantes pelos ensinamentos transmitidos para a minimização da violência que aflige a sociedade de maneira geral, no mundo todo, inclusive pelas guerras que também é uma violência, em que o homem luta contra sua própria espécie.

Ao término da execução das pesquisas e das apresentações algumas alunas quando questionadas, por mim, professora coordenadora do projeto, sobre o conceito que acreditavam, deveriam receber, responderam:

- “Neste momento, ao terminar o trabalho, não me importo com a nota que a professora poderá dar. Mesmo que eu tire zero não importa! O que vale é o que eu aprendi!”
- “Pelo que pesquisei me avalio nota 8.5, pelo que aprendi 10.0”.
- “Não acredito!”. “Fui eu que fiz este trabalho sozinho!” “Estou muito feliz!”

Por ser a Violência tão presente no cotidiano de todos e por ser um tema bastante abrangente, decidi continuar seus estudos em busca de uma cultura de Paz.

Pontos positivos – aproximação dos alunos; melhora no relacionamento professor x aluno; a realização do trabalho e a satisfação ao seu final; a comunidade de pais presente e participando dentro e fora da escola; o prazer pelo trabalho desenvolvido e o aluno.

Desafios presentes:

Considero desafio, o aluno utilizar o que pesquisou e aprendeu durante sua vida, se necessário; a continuidade dos estudos, pelos alunos, sobre o tema estudado e o repasse de todo o conhecimento adquirido a outros colegas e comunidade da atual escola, alertando, esclarecendo procurando evitar novas ocorrências de violências muitas vezes pelo desconhecimento.

Hoje o meu maior desafio é criar, na escola, uma cultura de Paz.

Reaplicação

A experiência que vivi, pode ser reaplicada por outros professores que vivem realidades similares, porque a violência nas diversas vertentes faz parte do cotidiano de todos os indivíduos, seja na escola, na residência, no trabalho. A violência é um tema social que atinge a todos habitantes do Planeta Terra, inclusive ao próprio Planeta.

Para que essa experiência seja reaplicada é preciso levantar sua ocorrência com o grupo, motivar a sua exploração e buscar algumas soluções ao alcance dos envolvidos. Para motivar o grupo de trabalho é preciso que o professor orientador esteja motivado, pois o professor passa para o grupo o que ele demonstra, principalmente, com suas ações.

pois o professor passa para o grupo o que ele demonstra, principalmente, com suas ações.

Terminar um projeto com o sentimento de dever cumprido com êxito, sabendo que os alunos buscaram e conseguiram soluções que puderam melhorar determinadas situações, interferindo no comportamento do outro, que também pode buscar outras soluções, é mais que gratificante, é despertar o desejo de fazer e querer mais e melhor.

Bibliografia

1. Declaração Universal dos Direitos Humanos

http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html

2. Princípio da Dignidade Humana

http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/dh/cc/1/dh_const.htm

3. Art. 5º da Constituição Federal de 1988

http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10641516/artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988

4. Pesquisas utilizando a internet e entrevistas.

CATEGORIA 2
PROFESSORES

2º Lugar

Nome do Projeto: "Eu Te Respeito"

Unidade Educacional: EMEF Julio Mesquita

Diretoria Regional de Ensino: Butantã

Autora do Projeto: Mariana Cristina Lima Reis

Na transmissão da cultura, já são transmitidos preconceitos: idéias que devem ser assumidas como próprias sem que se possa pensar na sua racionalidade e na consequente adesão ou não a elas. Mais do que as diferenças individuais, o que leva o indivíduo a desenvolver preconceitos, ou não, é a possibilidade de ter experiências e refletir sobre os outros nas relações sociais, facilitadas ou dificultadas pelas diversas instâncias sociais, presentes no processo de socialização. A qualidade da ação dessas instâncias – família, escola, meios de comunicação de massa – se refere a como elas tratam com os tateios infantis e as fantasias a eles associadas no conhecimento do mundo. (CROCHÍK, 2006, p.17).

APRESENTAÇÃO

O projeto intitulado “Eu te respeito” surgiu pela necessidade de melhorar a relação cotidiana dentro e fora da escola, principalmente entre as crianças, visando atingir cada vez mais o reconhecimento das diferenças e o respeito entre elas.

Com este trabalho esperamos atingir graus mais elevados de respeito entre todos, levando à consciência a injustiça e o sofrimento por qual passam os grupos que não se enquadram nos padrões impostos pela nossa sociedade.

Em 2014 foi me apresentada possibilidade de um projeto em docência compartilhada com os 4ºs anos, onde poderia ser desenvolvido qualquer trabalho que julgássemos interessante. Como professora de Educação Física, com os alunos em espaços abertos e com mais liberdade, eu, diariamente, presencio cenas incríveis de cumplicidade, respeito, cooperação, mas também cenas de violência, preconceito e discriminação.

Em minhas aulas sempre houve um espaço para conversarmos sobre o desrespeito com o outro, com o espaço e materiais que utilizamos e por isso, em minha presença, as cenas de violência diminuíam drasticamente. Isto para mim não era o suficiente por não conseguirmos aprofundar nestas questões, e pelas cenas de violências aparecerem facilmente na minha ausência.

Propus para professoras e para as crianças realizarmos um projeto que abordasse as diferenças e o respeito entre as pessoas, através de audiovisuais, e todos aceitaram.

Os alunos dos 4ºs anos consideravam que a violência e o desrespeito aconteciam principalmente nos casos relacionados à raça, a gordofobia e a diversidade sexual, e como professora, e vivenciando muitas atitudes violentas em relação ao gênero, família e à classe, também os inclui como temáticas para discussão.

Estas discussões foram feitas através de audiovisuais, para facilitar o entendimento e estender tal conhecimento para fora da escola. O contato com filmes, novelas, desenhos e outros é diária para a maioria de nossos alunos, portanto, interpretá-los de forma crítica é trazer melhorias para nossa sociedade.

JUSTIFICATIVA

O ambiente escolar abriga crianças e jovens com inúmeros valores, necessidades, preferências por, no mínimo, 25 horas semanais no período de nove anos no Ensino Fundamental. Além de novos aprendizados, amizades, momentos marcantes de felicidade este período é preenchido também por marginalizações, agressões, exclusões e traumas.

O não respeito ao espaço público e/ou privado, o não respeito ao (a) outro (a) e suas diferenças está presente diariamente em todo espaço de socialização, inclusive na escola. Todo este desrespeito com o outro advém do preconceito.

Segundo Crochík (2006), o preconceito não é inato, o processo de socialização, fruto da cultura e de sua história, é que faz com que o indivíduo se adapte ou se molde a esse. "Os preconceitos são opiniões, julgamentos e valores que servem a interesses em geral inconscientes dos indivíduos, que teve de se valer deles para poder se adaptar à cultura." (CROCHÍK, 2006, p. 49).

A manifestação do preconceito acontece individualmente na adaptação à luta pela sobrevivência. Os indivíduos se apropriam dos estereótipos e os modificam conforme suas necessidades, as ideias sobre o alvo de preconceito, suas formas, instrumentos e conteúdos pertencem e vem da própria cultura.

O ser preconceituoso exterioriza

> *o sentimento da própria vitalidade: para que se sintam alguém, essas pessoas têm necessidade de se identificar com a ordem estabelecida e essa identificação faz-se com tanto mais agrado quanto mais inflexível e poderosa for essa ordem (HORKHEIMER E ADORNO, 1973, p. 179).*

O indivíduo aprende aquilo que é considerado bom ou mau, o que pode e o que não pode ser feito, tendo uma transformação em sua conduta individual por meio de valores que são de outros.

Para Crochik (2006) o preconceito é introjetado sob a forma de ameaça. Para que este não seja mais reproduzido é preciso fazer constantemente reflexões sobre os propósitos da cultura, sobre os indivíduos e suas reais necessidades. Ainda, prossegue o autor:

> *O antídoto do preconceito está na possibilidade de experimentar, sem ter a necessidade de se prevenir da experiência pela ansiedade que ela acarreta, assim como na possibilidade de refletir sobre si mesmo nos juízos formados por meio da experiência.*

> *Mas o reverso da questão é que o preconceituoso não é susceptível à argumentação racional e, em diversos casos, tampouco à experiência, ou seja, se ele se vale de argumentações apresentadas de forma lógica, elas não servem de contestação (CROCHÍK, 2006, p.30).*

Entende-se que só será possível frear a violência e o preconceito quando aumentar a possibilidade da experiência e re lexão. A ausência de re lexão é cada vez mais forte por conta da exigência de respostas rápidas.

Ter um espaço semanal para que tivéssemos contato com o diferente, para que izéssemos re lexões sobre nossas ações foi de extrema importância e enriquecedor. Para qualquer convivência em grupos é imprescindível a existência de uma organização para o social, entretanto, o que acontece em nossa sociedade é que esta acaba por decidir demasiadamente o porvir do indivíduo: através de seus processos mecânicos e burocráticos a organização social força o ajustamento, a padronização e a mecanização do indivíduo até em aspectos que não seriam necessários.

As pessoas que se sentem contempladas pelos ajustamentos impostos têm menor fadiga e são aceitas e respeitadas mais facilmente. Aquelas que, por algum motivo, fogem do padrão tido como certo pela sua sociedade, passam por diversas privações, por constantes fadigas, desrespeito, violências e muitas acabam por deixar de lado suas necessidades desde a infância.

As crianças nos seus primeiros anos de vida demonstram ausência de preconceito através de ações e palavras, mas não são ouvidas, recebendo informações de todos os lados para que se enquadrem em modelos especí icos. Os adultos, fruto dessa sociedade preconceituosa, não criam espaço para experiência, re lexão, para o esclarecimento de dúvidas das crianças em relação às diferenças.

Para Freud (1973), as pessoas entendem que as regras impostas pela sociedade são milenares, imutáveis e verdades únicas. Estas regras causam frustrações a todas as pessoas pelo excesso de exigências e padrões, e ainda assim, continuam a ser repetidas diariamente, sem re lexão, sem experimentação.

Geralmente, as crianças têm seu comportamento livre e ousado substituído, por imposição dos adultos, pela obediência, pela dependência, são educadas dentro de moldes, perdem ou muitas vezes nem conquistam sua autonomia.

Crochík (2006) propõe a diminuição da violência advinda do preconceito "por meio de políticas educacionais preventivas ou restauradoras enquanto a sociedade, nas suas condições objetivas, isto é políticas e econômicas, não puder ser alterada." (CROCHÍK, 2006, p.64).

Sendo assim, nos espaços semanais vivenciamos e refletimos sobre a violência e o respeito. A partir de audiovisuais (filmes, comerciais, documentários, desenhos, trechos de programas de tv, propagandas e casos da atualidade) as temáticas tidas como mais frequentes pelas crianças e por mim eram localizadas, e em seguida, discutíamos suas causas, consequências, as diferentes opiniões, julgamentos, valores, conhecimento histórico desses casos de violência, a influência da mídia, do capitalismo, entre outros.

METODOLOGIA

Período de implantação

- Fevereiro a dezembro de 2014.

Recursos humanos

- Professoras e alunos (as) dos 4ºs anos do Ensino Fundamental I.

Materiais/instrumentos

- Televisão

- Dvd

- Retroprojetor

- Sala de aula.

Atividades desenvolvidas / Sequência didática

O início do projeto se deu a partir da identificação dos principais alvos de violências na escola. Para iniciarmos as discussões e identificarmos nossas diferenças sem muito aprofundamento, lemos e comentamos o livro "Tudo bem ser diferente", de Todd Parr e que nos deu base até o fim do projeto.

Para nos adaptarmos a rotina do trabalho com audiovisuais e reflexão acerca destes, partimos de filmes de fácil entendimento e que abordavam as questões de

família e de classe. Assistimos aos filmes “Babá Mc Phee e as lições mágicas” e “Free Willy” para em seguida abordar o documentário “Ilha das Flores”.

As discussões se deram por temas, não tendo número de aulas pré-definidas, a temática mudava conforme a necessidade das turmas.

Em seguida partimos para a raça aproveitando os acontecimentos da atualidade (jogador de futebol Daniel Alves, quando durante uma partida foi lhe atirada uma banana; goleiro de futebol Aranha, ao ser chamado de macaco por uma torcedora, os rolezinhos, entre outros) e com os curtas “Vista minha pele”, “Xadrez das cores”, “Cores e botas”, “Teste de racismo com bonecas negras” – brasileiro e americano, com o seriado “Todo mundo odeia o Chris” e um trecho do filme “Amistad”.

A questão de gênero, diversidade sexual e gordofobia foram abordadas através das vivências nas aulas de Educação Física, desenhos, imagens de propagandas antigas e atuais, comerciais que contribuem para a manutenção dos estereótipos e preconceitos e aqueles que os desfazem como a propaganda comercial do absorvente Always, intitulado “Como uma menina”.

Assistimos e nos aprofundamos no tema também com os curtas “Mundo ao contrário – heterofobia”, “Por outros olhos – Homofobia na escola”, trechos do filme “Guerra dos botões”, “Tomboy”, “Billy Eliot” e “Minha vida em cor de rosa”.

Para a reflexão acerca dos temas tínhamos contato com o material audiovisual, e em seguida nos centrávamos em rodas de conversas, debates ou dinâmicas em sala de aula. Estes eram momentos calorosos, de muita reflexão, de muitas opiniões e as aulas acabavam com a discussão em alta e com muitas questões a serem tratadas na próxima aula.

Neste espaço, muitas crianças que antes não se expunham tanto através da fala, passaram a ter este hábito, muitas delas também me procuravam fora da aula para relatos de experiência dentro e fora da escola. Poucos alunos não se expunham desta maneira e foi pensando nestes que criei uma atividade a seguir.

Eram entregues às crianças desenhos que representavam alguém dos grupos que reconhecemos como alvos de violência, e em número menores de desenhos, aqueles que são tidos como esperados e como padrões de nossa sociedade.

Em cada um dos desenhos havia a descrição do que ele representava e abaixo duas mãos com sinal de positivo e outro de negativo, e um espaço para justificativa.

As crianças deveriam analisar o desenho, refletir sobre aquela situação e em seguida, marcar o sinal de positivo ou de negativo, justificando sua escolha.

Como eles gostavam muito desta atividade, tivemos mais de 1500 produções das três salas envolvidas. Após o projeto a maioria sabia explicar porque gostavam ou não de algo, porque as pessoas deveriam ser respeitadas e valorizadas. Tivemos pouquíssimos relatos ainda com preconceito, ou não aceitação de um algum grupo.

Realmente o respeito das crianças com os demais foi de uma evolução assustadora. Preferimos nos centrar nas conversas acaloradas, e tivemos poucos registros deste acontecimento em papel e nenhum em vídeos ou fotos.

Com a presunção de mostrar o que as crianças aprenderam com o projeto "Eu te respeito" e a forma como elas se expunham, sorteei, sem critério de seleção, vinte das mais de 1500 produções onde há relatos dos alunos por escrito.



Mulher com black power

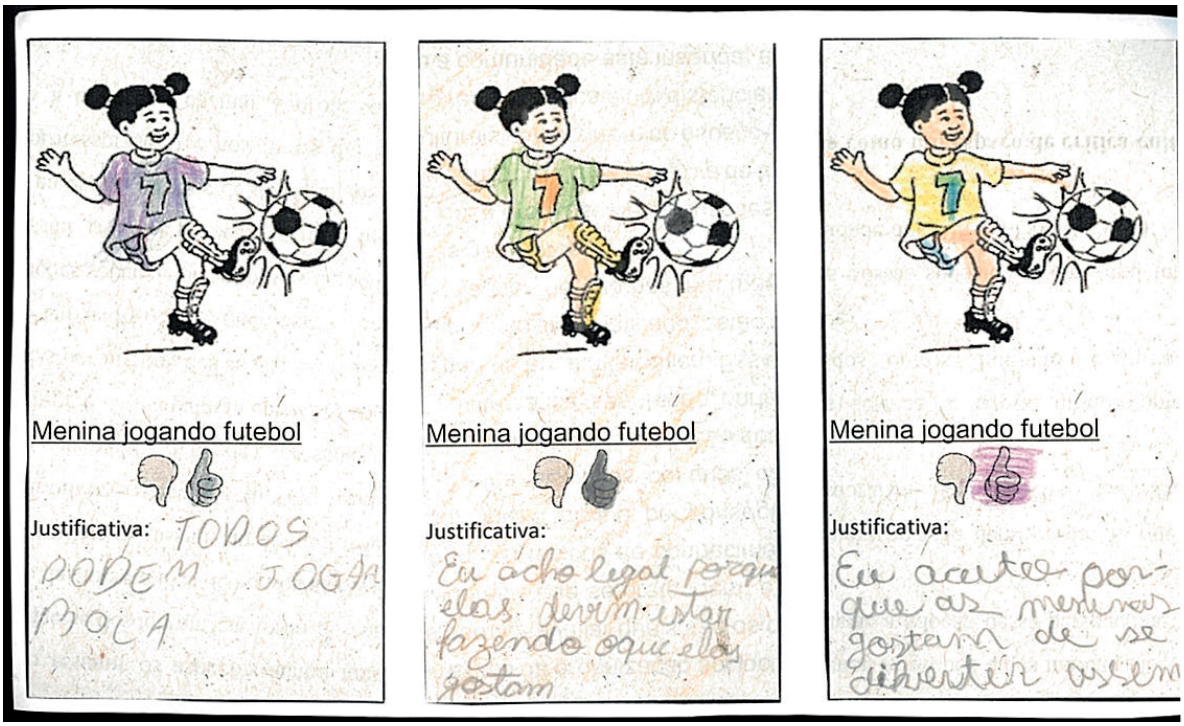
Desenho 1 – "Eu acho lindo porque as mulheres de hoje em dia querem alisar o cabelo, mas eu acho melhor natural".

Desenho 2 – "Eu gosto porque eu acho estiloso".

Homem com black power

Desenho 1 – "Eu acho bonito e eu apoio".

Desenho 2 – "Eu acho lindo porque ele mostra que gosta e valoriza".

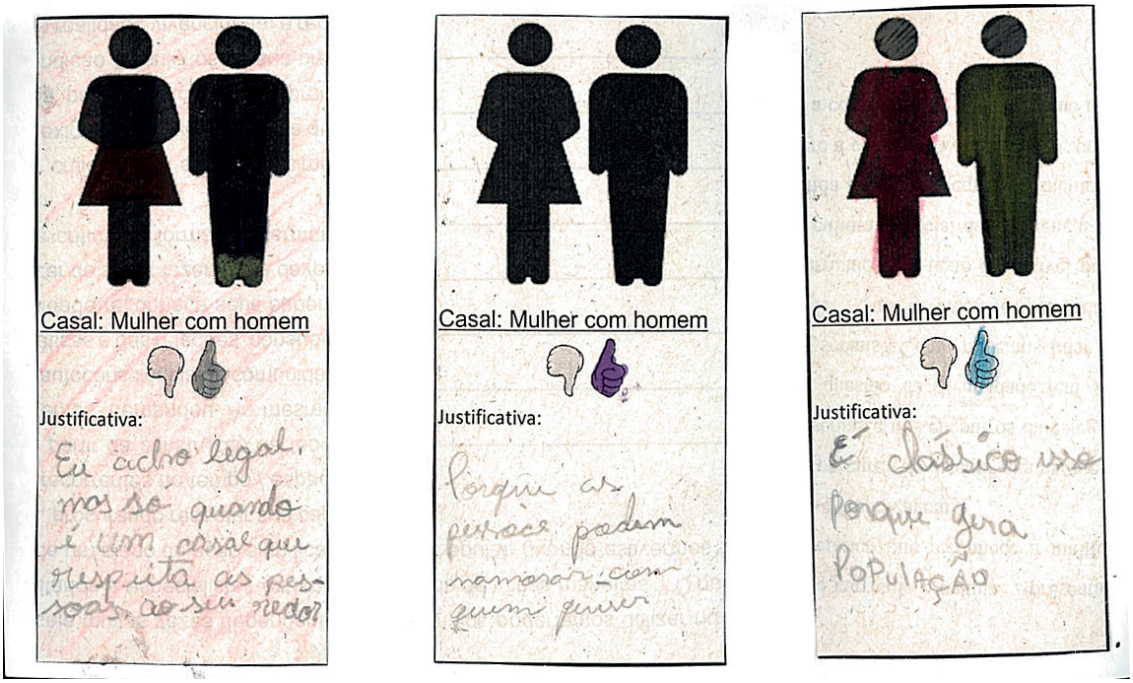


Menina jogando futebol

Desenho 1 – "Todos podem jogar bola".

Desenho 2 – "Eu acho legal porque elas devem estar fazendo o que elas gostam".

Desenho 3 – "Eu aceito porque as meninas gostam de se divertir assim".



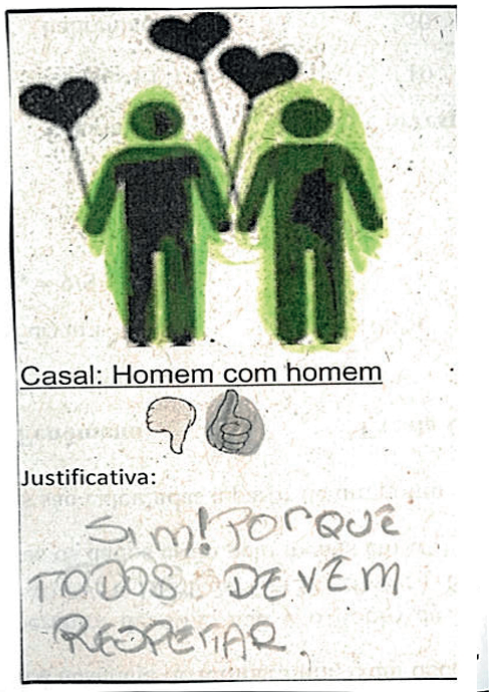
Casal: Mulher com homem

Desenho 1 – "Eu acho legal, mas só quando é um casal que respeita as pessoas ao seu redor".

Desenho 2 – "As pessoas podem namorar com quem quiser".

Desenho 3 – "É clássico isso porque gera população."

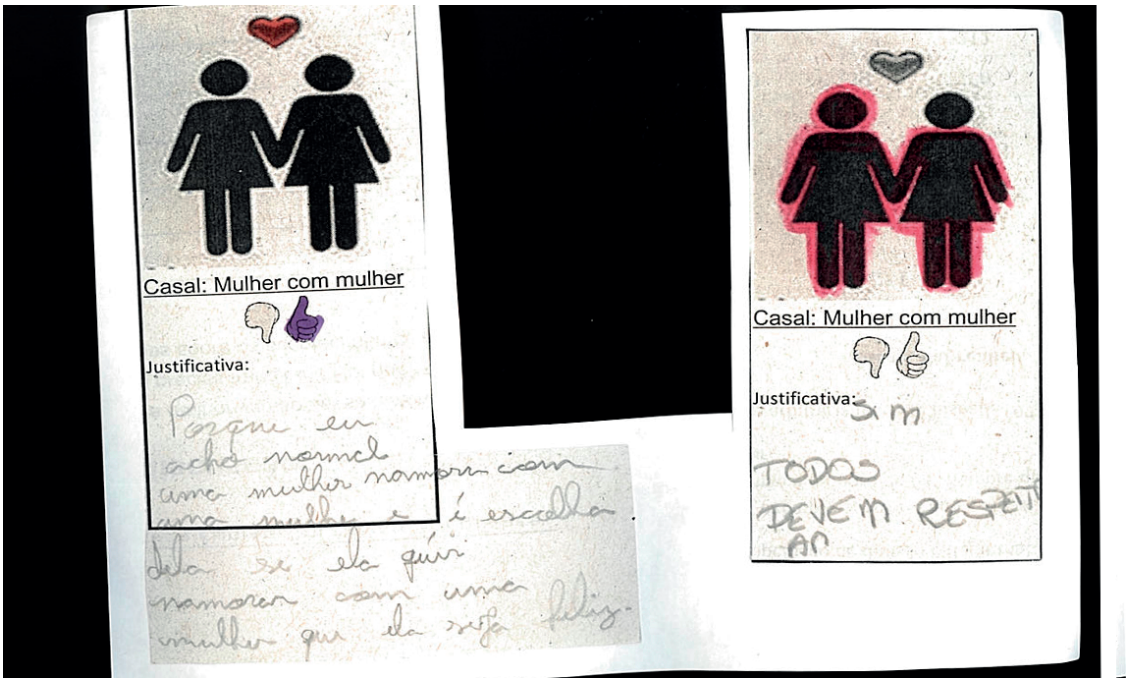




Casal: homem com homem

Desenho 1 – "É normal porque tem vários casais de homem com homem".

Desenho 2 – "Sim! Porque todos devem respeitar".



Casal: mulher com mulher

Desenho 1 – "Eu acho normal uma mulher namorar com outra mulher, é escolha dela. Se ela quer namorar com uma mulher que ela seja feliz".

Desenho 2 – "Todos devem respeitar".



Mulher maravilha gorda

Desenho 1 – "Eu não tenho preconceito com gordos. Eu acho legal porque é diferente ter super-heróis gordos e bondosos".

Desenho 2 – "Acho interessante fazer isso com uma pessoa gorda".

Desenho 3 – "Bom, porque não devemos ter preconceito".



Idosa andando de patins:

Desenho 1 – "Eu acho legal porque é bem diferente e bem difícil de achar idosos se divertindo".

Pessoa com deficiência física:

Desenho 2 – "Todo mundo é igual mesmo em cima de uma cadeira de rodas".

Garoto dançando balé

Desenho 3 – "Acho legal e não se deve ter preconceito".

POTENCIAL DE IMPACTO

O Projeto “Eu te respeito” impactou toda a escola e ultrapassou seus muros.

Além de presenciar as crianças se respeitando muito mais, ensinando, aprendendo e desconstruindo os estereótipos em atividades livres e orientadas do cotidiano escolar, elas também traziam relatos e desconstruções fora do ambiente escolar, inclusive no familiar.

Pais, mães e responsáveis me abordavam na saída e na entrada dos alunos dizendo coisas como “Você é a professora de projeto? Parabéns!”, “Professora, a senhora pode me passar o nome dos filmes que está trabalhando com minha filha, ela está adorando e eu queria assistir”, “Meu filho fala sempre do projeto e do livro que estão utilizando. Não vejo a hora de ver”, entre outros comentários.

Com um ano de projeto, com encontros apenas uma vez por semana, sem dúvidas o resultado foi melhor que o esperado.

As crianças se envolveram bastante e conseguiram envolver também aqueles (as) que o (a) cercam, construindo de fato uma sociedade melhor, mais esclarecida, com menos preconceito e com muito mais respeito.

Além disso, eu, como professora, também tive benefícios indescritíveis. Imaginando que as questões sobre orientação e diversidade sexual poderiam ser mais polêmicas, deixei para tratar abordar a temática mais ao final do projeto, pois esperava que os alunos já estivessem mais esclarecidos, mais maduros para tratarmos do assunto.

As aulas aconteciam de forma tão prazerosa, com confiança e naturalidade. Os alunos traziam relatos de sua vida pessoal e tratávamos daquilo com muito cuidado e respeito, e o mesmo aconteceu comigo: em uma das rodas de conversas pude declarar minha bissexualidade, e dizer a todos que no momento, eu namoro uma mulher.

O espanto maior veio dos adultos, como já era de se esperar, tendo em vista as características do preconceito colocadas acima. Para as crianças, pouquíssimas agiram com estranhamento, a maioria delas, tiveram curiosidade, respeito e cuidado, como aconteceu também em outros relatos, de outras crianças.

Hoje, posso falar com tranquilidade sobre a minha namorada, posso ter os alunos e colegas de trabalho nas redes sociais sem medo de me expor e ser julgada, e ainda mais, posso receber *likes* em fotos onde declaro minha paixão por outra mulher. Eu posso, ainda, levar minha namorada às festas escolares, ou ser vista em qualquer lugar com liberdade e com respeito, posso apresentá-la aos meus colegas de trabalhos, às crianças e aos seus pais, mães e responsáveis como a mulher que amo.

É sobre este espaço de respeito e liberdade que eu gostaria de falar, e hoje, é sobre ele que eu transito, é sobre ele que todos nós queremos transitar, e é este espaço que as crianças participantes do Projeto "Eu te respeito" tem proporcionado.

Agradecimentos: às professoras auxiliares Diva Ferreira da Silva, Maria Cristina de Camargo Esteves e Marli da Conceição Nejo.

Referências bibliográficas

CROCHÍK, José Leon. *Preconceito, indivíduo e cultura.* 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FREUD, Sigmund. *El malestar en la cultura y otros ensaios*. Madrid: Alianza Editorial, 1973

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. Preconceito. In:___ *Temas básicos da sociologia*. São Paulo, Cultrix, 1973.

PARR, Todd. *Tudo bem ser diferente*. São Paulo: Panda Books, 2009. Disponível em <file:///C:/Users/aspire/Downloads/professora-eu-te-respeito-livro-inspirador.pdf> Acesso em 2 fev. de 2016.

Audiovisuais utilizados

- Amistad - Babá Mc Phee e as lições mágicas

- Billy Eliot

- Como uma menina - propaganda comercial do absorvente Always

- Cores e botas

- Ilha das Flores

- Free Willy

- Guerra dos botões

- Minha vida em cor de rosa

- Mundo ao contrário – heterofobia

- Por outros olhos – Homofobia na escola

- Teste de racismo com bonecas negras – brasileiro e americano

- Todo mundo odeia o Chris

- Tomboy

- Vista minha pele

- Xadrez das cores

CATEGORIA 2
PROFESSORES

3º Lugar

Nome do Projeto: "Pra dizer que eu também falei das flores (e dos espinhos)"

Unidade Educacional: EMEF Victor Civita

Diretoria Regional de Ensino: Pirituba

***Autores do Projeto*:** Amanda Régia Costenado, Diego dos Santos, Elisabete Godliauskas, Nilton Benedito Antunes e Thiago Mena

Foi um projeto coletivo, com enfoque interdisciplinar, tendo as artes como eixo articulador. Em diferentes frentes de ação, abrangeu a temática da ditadura militar sob os vieses dos direitos humanos, do combate à violência e do resgate histórico. Articulado ao Projeto Político Pedagógico da escola, possibilitou o despertar de um novo olhar para o currículo. Culminou em um espetáculo envolvendo música, movimento, artes visuais e poesia, apresentado à comunidade em três sessões, no teatro do CEU Pêra Marmelo.

2. Justi icativa

"Reproduza esta informação, faça-a circular pelos meios ao seu alcance: à mão, à máquina, por mimeógrafo. Mande cópia para seus amigos: nove em cada dez estarão esperando. Milhões querem ser informados. O terror se baseia na incomunicação. Volte a sentir a satisfação moral de um ato de liberdade. Derrote o terror, faça circular esta informação."
[Rodolpho Walsh - "Crônica do Terror"]

Manter viva a memória dos mortos e desaparecidos, bem como da violência e autoritarismo cometidos em nome de um suposto processo de restabelecimento da ordem social, escritas numa página infeliz da nossa história, não é apenas uma responsabilidade da escola, mas um urgente dever humanístico do cidadão criticamente formado. Estamos falando de um momento histórico que não foi vivenciado pelos atuais alunos da Educação Básica regular e alguns de seus professores, mas cujos desdobramentos fatalmente nos acometem até estes tempos. A inal, "passado abandonado jamais se torna passado" (Antígona, Sófocles). Trata-se do período de ditadura militar brasileira (de 1964 a 1985).

Consta no Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade, publicado em 2014, que nessa época se erigiu uma burocracia de censura que intimidava ou proibia manifestações de opinião e de expressões culturais identificadas como hostis ao sistema. Sobretudo, em suas práticas repressivas, fazia uso, de maneira sistemática e sem limites, dos meios mais violentos, como a tortura e o assassinato. Tais ações repressivas

contavam, inclusive, com doações de empresários e indústrias, além do apoio e suporte da mídia televisiva. Estes são apenas alguns fragmentos que indicam a corrupção e as graves violações de direitos humanos cometidas por uma estrutura de estado.

Como a irmou Paulo Freire em sua obra “Pedagogia da Autonomia”, em referência às ditaduras, "o caminho autoritário já é, em si, uma contravenção à natureza inquietamente indagadora, buscadora, de homens e de mulheres que se perdem ao perderem a liberdade". Vale ressaltar que ele mesmo, o patrono da educação brasileira, não foi poupado das perseguições dos militares. Foi preso e obrigado a deixar o país e seu povo. Isto porque sua pedagogia "subversiva" se voltava justamente à alfabetização para a conscientização e a participação política. Dentre outras características, admitia dentre seus pressupostos pedagógicos, particular apreço ao respeito pela condição humana. Para ele, “nada que diga respeito ao ser humano, à possibilidade de seu aperfeiçoamento ísico e moral, de sua inteligência sendo produzida e desa iada, os obstáculos a seu crescimento, o que possa fazer em favor da boniteza do mundo como de seu enfeamento, a dominação a que esteja sujeito, a liberdade por que deve lutar, nada que diga respeito aos homens e às mulheres pode passar despercebido pelo educador progressista”.

Interessa-nos, nesse sentido, alcançar a sutil percepção da forma como o conhecimento das injustiças e violações dos direitos humanos historicamente cometidas pode contribuir para a sua superação, na esteira da máxima recentemente veiculada, em ocasião dos 50 anos do golpe civil-militar brasileiro: "Para que não se esqueça. Para que não mais aconteça". Consideramos que compete aos educadores e educadoras, inspirados pelas ideias progressistas de Paulo Freire, dar vida e materialidade à leitura crítica do nosso passado sombrio, não apenas em termos preventivos, mas na perspectiva mesmo de enfrentamento do espectro de conservadorismo intolerante, preconceituoso e violento que ainda assola o Brasil.

Foi para entrar nessa batalha e assumir essa responsabilidade histórica que idealizamos o projeto "Pra dizer que eu também falei das flores (e dos espinhos)". Um projeto que é fruto de anos de estudos teóricos individuais e coletivos, que atende aos nossos anseios por transformação da realidade e nossos desejos de mais democracia e liberdade. Um projeto que se presta até mesmo a desestabilizar estruturas hierárquicas

de poder na unidade escolar; que nos leva a repensar os tempos e espaços da escola; e que nos possibilita explicitar, na prática, a dimensão política da educação. Articula-se diretamente com nosso Projeto Político Pedagógico, que tem por foco central o desa io da formação ética e humana. Admite singular abrangência, posto que envolve todos os segmentos da escola e seu entorno, todos os alunos e professores, direta ou indiretamente, como atores, produtores, colaboradores ou expectadores.

3. Metodologia

Atividades especiais sistemáticas: aulas de música (canto solo e coral), desenvolvidas no âmbito do programa mais educação, para alunos voluntários, no contraturno, duas vezes por semana, por uma hora e meia, durante oito meses.
Obs: as demais atividades ocorreram durante as aulas regulares, de modo transversal. Inclusive, os professores em Complementação de Jornada (CJ), que cotidianamente substituem os professores ausentes, também aproveitaram as aulas de substituição para tratar das temáticas associadas à ditadura, organizando um projeto de ação mais especí ico dentro do projeto maior.

Atividades esporádicas: (a) intervenções durante as semanas de avaliações da escola - uma avaliação subversiva, que propunha a re lexão sobre o conceito de manipulação a partir de uma prova na qual os alunos foram incitados e se rebelarem contra os professores; outra avaliação explorando o conceito de fruição, iniciada com uma apresentação do coral (três músicas) para toda a escola, seguida de um momento de criação coletiva de cartazes de protesto. (b) performance dos alunos do 9º ano durante o intervalo - primeiro, uma cena representando os mortos da ditadura com a etiqueta de não identi icado e, em um outro momento, uma cena de um grupo de pessoas sendo manipulado por um controle remoto.

Produto final: um espetáculo envolvendo música, movimento, artes visuais e poesia, a ser apresentado a toda a comunidade em três sessões, no teatro do CEU Pêra Marmelo. Desenvolvido mediante a colaboração dos professores e dos alunos do Ciclo Autoral. Tal

espetáculo tem por base o conceito de arte de protesto/resistência. Visa sensibilizar e despertar para a reflexão, tanto quem apresenta quanto quem assiste.



Apresentação da música "Pra não dizer que não falei das flores".

Repertório cinematográfico para apreciação, sensibilização e discussão: Batismo de sangue (Helvécio Ratton); Zuzu Angel (Joaquim Vaz de Carvalho); O dia que durou 21 anos (Camilo Tavares); Muito além do cidadão Kane (Simon Hartog).

Repertório musical para apreciação, interpretação e execução (canto solo e coral):
Pra não dizer que não falei das flores (Geraldo Vandré); Apesar de você (Chico Buarque); Roda vida (Chico Buarque); O bêbado e a equilibrista (Aldir Blanc e João Bosco); Alegria,

alegria (Caetano Veloso); Ponteio (Edu Lobo); Cálice (Chico Buarque e Gilberto Gil); Não chores mais (Gilberto Gil); Imagine (John Lennon).

Repertório de obras de arte para estudo e fruição: Trouxas ensangüentadas (Arttur Barrio); Identidade Ignorada (Carlos Zílio); Lute (Rubens Gerchmann), dentre outras.

Repertório bibliográfico para fundamentação e formação: Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964 (CEPE. Companhia de Pernambuco, 1995); Brasil nunca mais (Ed. Vozes, 1985); Adeus ano velho (Marcelo Rubens Paiva, Ed. Objetiva, 2006).

Visitas monitoradas: ao Theatro Municipal e à Estação Pinacoteca, para ampliação do repertório estético, arquitetônico, bem como para o exercício da fruição artística. Visita ao Museu da Resistência, para contato com o acervo histórico disponibilizado, pertinente ao tema estudado, e vivência de experiências históricas dentro do local onde muitos dos fatos ocorreram.

3.1 Objetivos

Do apelo à estratégia de projetos: organizar o trabalho pedagógico da unidade escolar em torno de uma temática geradora, privilegiando a coletividade e a interdisciplinaridade, no sentido de enfrentamento da rigidez estrutural e curricular da escola tradicional.

Da temática escolhida: contribuir para a preservação da memória dos fatos ocorridos durante a ditadura militar no Brasil, especificamente no período compreendido entre 1964 e 1985, com vistas a fomentar a necessária indignação humanista frente às ações de tortura e desrespeito aos direitos humanos, aproveitando a riqueza de todo o aparato cultural desenvolvido por artistas militantes daquela época.

Da metodologia construída: promover aprendizagens signi icativas, aguçar percepções mais apuradas e despertar re lexões aprofundadas sobre conteúdos históricos, políticos, geopolíticos, linguísticos, psicológicos, ilosó icos, sociológicos e estéticos, numa perspectiva humanista, tendo as artes como eixo articulador.

Da elaboração de um espetáculo artístico: subsidiar certas demandas práticas do Ciclo Autoral implantado em 2014 nas escolas municipais de São Paulo, projetando e efetivando, junto aos alunos desse nível de ensino, uma espécie de intervenção artístico-social pautada no conceito de arte de protesto/resistência, aproveitando e explorando diferentes linguagens e mídias.

Da formação musical: propiciar um contato mais profundo com essa linguagem, sobretudo em seu aspecto formal, em que se insere o conhecimento sobre a técnica vocal, a isiologia da voz, a percepção rítmica e melódica, a prática do canto solo e coral, o domínio do corpo, a postura de palco e os pressupostos para a de inição de repertório, mas sem desprezar o seu caráter re lexivo e suas potencialidades sensibilizadoras.

Das expectativas gerais de aprendizagem: desenvolver nos alunos além das habilidades leitora e escrita, o despertar da ética como ferramenta necessária para a compreensão do tema Direitos Humanos, viabilizando o incremento de uma consciência crítica e autocrítica, política e socialmente engajada.

3.2 Desenvolvimento

É importante frisar, desde o princípio, que o projeto não seguiu uma ordem lógica previamente fixada. Envolveu uma multiplicidade de ações que se desenrolavam concomitantemente. Foi construído centrado na aprendizagem como condição da cidadania, de busca por formas educativas diferenciadas. Para isso ocorrer, cada professor envolvido no projeto buscou criar atividades que retomassem os fatos

relacionados à política e à sociedade brasileira nas décadas de 1960, 1970 e 1980, tentando estabelecer um paralelo com os acontecimentos contemporâneos.

No decorrer das aulas de artes, os alunos entraram em contato com obras de artistas que retrataram o tema da Ditadura. Conceitualmente, no exercício da criação / fazer artístico, com desenhos, pinturas, instalações e também com performances. Todos os trabalhos eram seguidos da leitura e apreciação do que cada aluno realizou. Dessa forma, a escola participou direta ou indiretamente de todo o processo. Do ponto de vista estético, nada entrou em cena como mera ilustração ou perfumaria. Tudo estava devidamente contextualizado e signi icativo. Por exemplo, a ilustração dos convites para o espetáculo continha um número de digitais proporcional ao número de mortos e desaparecidos divulgado pela Comissão da Verdade. Também os iltros dos sonhos, parte integrante do cenário o espetáculo, simbolicamente prendiam os pesadelos das atrocidades cometidas. Os cartazes e o pôster "Nome aos Bois" demonstravam a revolta, o grito de basta e a vontade de "nunca mais ditadura".

No que se refere às aulas de Educação Física, foi pensado em demonstrar, por meio da performance, a opressão existente na época da Ditadura Militar. Fizemos, em conjunto, uma apresentação que fosse capaz de passar esta mensagem utilizando apenas os movimentos corporais. Sabe-se que nosso corpo fala e mesmo a performance não tendo diálogos, conseguimos mostrar um pouco como era viver naquela época, em uma sociedade marcada pelo medo, insegurança, sem direito à liberdade. Pretendeu-se que, com isso, os alunos conseguissem compreender o tema do projeto e também um pouco da importância do corpo como instrumento de conhecimento.

Nas aulas de informática, que ocorreram em parceria com o professor de história, os alunos do 8º e 9º ano elaboraram um documentário exibindo um olhar da nossa geração de crianças e adolescentes sobre a trajetória da Ditadura Militar desde seu início, relacionando-a com as manifestações de julho de 2013. Vale acrescentar que o interesse por essa aproximação dos temas surgiu dos próprios alunos em assembléia de classe. Sob a mediação dos professores, eles fizeram pesquisas em livros, revistas, documentos e internet. Com o material selecionado em mãos, elencaram algumas imagens, vídeos, frases e textos de impacto para sensibilização. Foi feita a filmagem de alguns alunos narrando informações referentes ao tema. De modo geral, todos

demonstraram bastante empenho e dedicação durante o processo de estudo e produção/gravação/edição do vídeo.

As aulas de música foram focadas no preparo vocal dos alunos para a apresentação. Porém, a abordagem técnica não esteve desvinculada, em momento algum, da dimensão re lexiva. Por um lado, puderam ser apresentados conceitos como os de altura, timbre, intensidade, volume, falsete, apoio, entonação, articulação, etc. Foram também realizadas atividades para o desenvolvimento rítmico e melódico. Fizemos treinos de leitura rítmica na partitura. Brincamos com alguns cânones. Trabalhamos aquecimento, respiração e vocalizes no teclado e com os áudios do método "Por Todo Canto". Mas, por outro lado, também discutimos os conceitos de cultura e música, tomando esse último como legítimo meio de expressão e protesto. O repertório foi constituído por músicas de protesto compostas por artistas brasileiros entre as décadas de 1960 e 1980. Três músicas foram cantadas em coro e outras seis foram cantadas solo. Pudemos contar ainda com a colaboração do professor de Língua Portuguesa para realizar a leitura e interpretação das letras junto aos alunos, e do professor de História para contextualizar o período em que tais canções foram criadas.

Em paralelo ao trabalho desenvolvido nas disciplinas específicas, uma atividade sistemática que perpassou todo o desenvolvimento do projeto foram as assembleias de classe e rodas de conversa - prática que já havia sido implantada no ano anterior, que pode ser aperfeiçoado durante o ano e que ficou de legado para os anos posteriores (até hoje são praticadas). São momentos de debate coletivo, em que os alunos tomam a palavra para opinar sobre questões que os afligem a respeito da escola como um todo. É um mecanismo que, além de formativo, contribui para ampliar as dimensões do processo democrático nas relações escolares, desestabilizando as hierarquias de poder e valorizando o protagonismo juvenil. Ora, não adiantaria nada debatermos a privação de direitos levada a cabo em regimes ditatoriais, sem assumirmos ações concretas nesse sentido. Conforme Paulo Freire, "(...) não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesa, e não nos molhar. Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles

percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo" (Pedagogia da Autonomia).

Para a elaboração do espetáculo, realizamos reuniões esporádicas entre os professores interessados, nos raros momentos que conseguíamos nos encontrar. Este, certamente, é um grave problema estrutural da burocracia escolar contemporânea. Porém, também aproveitamos os recursos tecnológicos para viabilizar essa comunicação. Conversávamos muito, compartilhávamos ideias e trocávamos material de estudo e trabalho por e-mail e pelo bate-papo do Facebook. Nas últimas semanas que antecederam o espetáculo, praticamente todas as atividades da escola assumiram o mesmo foco. Foi um momento ápice do trabalho em equipe, do engajamento coletivo e da transdisciplinaridade. A escola funcionou do modo como acreditamos que ela deveria funcionar cotidianamente.

3.3 Avaliação

Para a avaliação do percurso, adotamos a estratégia de portfólios. Os alunos foram convidados (não foi algo obrigatório, posto que nosso objetivo era obter apenas uma amostra voluntária) a reservar um dos cadernos recebidos no início do ano para esse im. A sensibilização para tal atividade foi feita, com os interessados, por meio do ilme "Escritores da Liberdade" e o aprofundamento da ideia de portfólio foi feito com vídeos explicativos disponíveis no Youtube. Cada aluno poderia desenvolver os seus registros da forma que achasse mais pertinente e prazerosa. Mensalmente os portfólios eram apresentados ao professor responsável para possíveis orientações e sugestões. Ao inal do projeto, os portfólios foram recolhidos para uma avaliação qualitativa e, em seguida, devolvidos aos seus autores.

Em análise, pudemos perceber: (a) o teor subjetivo desses registros, sendo que alguns alunos chegaram a confundir o portfólio com um diário; (b) o frequente recurso a desenhos, colagens, letras de músicas (principalmente as músicas que estávamos

trabalhando) e fotos (desde as fotos da infância do aluno até os registros dos passeios ao Museu da Resistência e ao Theatro Municipal); (c) a criação de poemas e textos sobre liberdade de expressão, paz e futuro; (d) depoimentos perplexos sobre os ilmes assistidos (as cenas de tortura do ilme Batismo de Sangue de fato impactaram), (e) comentários comoventes sobre as músicas analisadas: a música "Pra não dizer que não falei das lores" assumiu o seu papel de hino das ações revolucionárias; (f) desabafos sobre a ansiedade experimentada momentos antes das apresentações; (g) a revolta e indignação expressas nas iguras desenhadas ou coladas (alguns alunos chegaram a desenhar pessoas sendo torturadas); (h) inalmente, relatos sobre a emoção e satisfação do dever cumprido.

Já a avaliação dos resultados em grande escala foi feita, num primeiro momento, coletivamente, junto aos alunos. Na sequência, os resultados foram debatidos entre os professores, o que nos possibilitou apurar os aspectos positivos, a serem repetidos, e os negativos, a serem superados nas próximas oportunidades. Todo o processo foi registrado por meio de fotos, vídeos e textos. É importante frisar que não tínhamos o interesse de obter dados pontuais ou quantitativos. Nossa perspectiva avaliativa foi outra, mais processual, focada na autoavaliação crítica, entre os pares, propiciando mesmo um ambiente de conscientização formativa.

Utilizando o recurso já mencionado das assembléias de classe, propusemos uma atividade em que os alunos, dispostos em círculo, poderiam elencar os elementos gerais constitutivos do projeto que mereceriam um troféu de ouro, um troféu de prata e um troféu abacaxi. Nesta experiência, presenciamos relatos emocionados de alunos que se sentiram muito comovidos com o conhecimento histórico que haviam adquirido nesse percurso. Alguns comentaram os conflitos familiares que foram gerados quando os pais começaram a ser questionados sobre o seu posicionamento favorável à ação militar de caráter violento e autoritário. Houve muitos elogios às apresentações artísticas, tanto por parte de quem as realizou quanto por aqueles que as apreciaram. O contato com o repertório musical das décadas de 1960, 1970 e 1980, e a leitura mais aprofundada de suas letras, também foi algo que se mostrou significativo para os alunos, que passaram a divulgá-las e a cantarolá-las pelos corredores (e até nos ônibus de excursão). Isso,

certamente, indica uma abertura para um universo artístico riquíssimo; o que, por si só, já é uma grande conquista.

O satisfatório desenvolvimento de habilidades artísticas relacionadas ao canto e ao teatro também ficou evidente nos relatos de alunos que reconheceram, apesar do nervosismo, a superação de sua timidez cotidiana quando subiram no palco para se apresentar. Também o elemento criativo merece um destaque especial, posto que tivemos alunos que, autonomamente, se dispuseram a escrever poemas e letras de canções para comporem o espetáculo.

Após as apresentações do espetáculo, disponibilizamos um grande cartaz no muro da escola para que os alunos deixassem seu recado a respeito da ditadura. Eles, com suas estratégias muito características, revelando as expressões estáticas juvenis da contemporaneidade, utilizaram o gra te para registrarem frases impactantes, tanto as apreendidas durante as aulas, quanto as criadas por eles. Tudo isso nos leva a concluir que nossos objetivos foram satisfatoriamente alcançados.

4. Potencial de Impacto

Na opinião da supervisora escolar:

O projeto "Pra dizer que eu também falei das ores (e dos espinhos)", desenvolvido com adolescentes na unidade escolar, foi extremamente relevante por vários aspectos. Primeiro, trata-se de um tema da maior importância, sobretudo nos dias de hoje, pois nossos jovens (e também os adultos) precisam conhecer a História do Brasil, particularmente o período do golpe civil-militar, para entender suas causas e consequências para a sociedade de hoje e assim valorizar a democracia, a liberdade de expressão e a vida! Segundo, porque o projeto propôs ação interdisciplinar: os estudantes puderam buscar conhecimentos em História, Geogra ia, Língua Portuguesa, Arte (música, dança...)! Terceiro, porque possibilitou o envolvimento dos diversos professores e funcionários da unidade, tornando-se algo vivo, pulsante, prazeroso, o que fez com que jovens e adultos se engajassem e contribuíssem para construção de um lindo trabalho coletivo, verdadeiro, em que cada um colaborou de acordo com suas potencialidades e se sentiu inspirado em realizar outros projetos. Quarto, possibilitou o

trabalho com diferentes linguagens e formas de expressão, particularmente a poesia, música, a expressão corporal e vocal (tão importante, mas geralmente negligenciado no currículo escolar!), culminando com um espetáculo assistido pelos próprios estudantes, pais e todos da comunidade. Além disso, também foi apresentado em diferentes momentos, para que educadores da região pudessem conhecê-lo e apreciá-lo. Parabéns a todos os envolvidos! Sim, nós podemos! A escola pública Municipal de São Paulo constrói trabalhos de excelente qualidade, vivos, prazerosos e fundamentais para formação humana e crítica dos nossos jovens! [Lucimar Athayde - Supervisora de Ensino / DREPJ]

Na opinião da vice-diretora da escola:

Os Projetos acontecem em nossa Unidade Escolar desde 2012 e a cada ano adquirem maior qualidade e importância para o Projeto Político Pedagógico. O projeto "Pra dizer que eu também falei das lores (e dos espinhos)" foi concluído com um belo espetáculo que contou com o envolvimento de toda comunidade escolar e convidados (Supervisão Escolar, educadores de outras unidades, etc.). Tratou de uma temática difícil, forte e impactante. Nossos adolescentes e professores realizaram um trabalho envolvendo diferentes manifestações artísticas, proporcionando assim grande re lexão sobre uma época tão di ícil para a sociedade brasileira. O espetáculo transmitiu sensações de encantamento e prazer a todos os envolvidos, por um trabalho realizado com tanto empenho e dedicação. [Nazaré Santos de Genaro - Vice-Diretora]

Na opinião da coordenadora-padagógica da escola:

O projeto foi de fundamental importância para os alunos da EMEF Victor Civita no ano de 2014, ano marcado pelo aniversário de 50 anos do golpe civil-militar no Brasil. Estudantes de muitos lugares certamente estudaram esse tema para entender um pouco mais dos anos difíceis aqui experimentados, mas nossos alunos tiveram a oportunidade de mergulhar na história através da música, compreender os sentimentos expressos de forma tão discreta devido a censura ao decompor as letras para interpretá-las e ouvir relatos de pessoas que sentiram isso na pele. Mais do que estudar sobre o assunto, nossos alunos foram marcados pelo assunto, e não apenas os que participaram do coral,

pois esse projeto tocou a todos. Tudo o que eles sentiram, tão ricamente expressado pela arte, decerto não será facilmente esquecido. [Nádia Piau - Coordenadora Pedagógica]

Na opinião dos professores envolvidos:

A grande conquista desse projeto foi fazer com que o assunto se espalhasse pela escola no decorrer do ano, possibilitando que todos, de alguma forma, participassem, hora como expectador, exercitando a fruição, hora como coadjuvante da ação, pondo a mão na massa. Outro ponto muito importante foi a dinâmica de discussão e reflexão entre os profissionais envolvidos, não permitindo que qualquer ideia fosse perdida, sendo todas lapidadas e transformadas. Em consonância com toda essa reflexão, aprendizado e conhecimento, nenhum detalhe foi deixado de lado. As cenas teatralizadas que puderam ser verdadeiramente sentidas; as músicas que além de ouvidas, cantadas e vistas, foram guardadas; as palavras de apresentação... Enfim, todo um conhecimento transcendente que nunca poderá ser objetivamente avaliado. [Amanda Régia Costenaro - Professora de Artes]

O grande lance do trabalho com projetos está na possibilidade de criar. Nesses momentos me sinto mais autor das ações pedagógicas. Não tem nada pronto. Não foi imposto por ninguém. Cabe a mim experimentar, explorar, arriscar, ousar e, sobretudo, desfrutar. Sim, porque é prazeroso lidar com suas próprias criações. Criações pedagógicas, obviamente, mas que têm seu lado artístico, estético. Não admito, porém, grandes pretensões de originalidade. No fundo, o que fizemos foi apenas tentar dar materialidade àquilo que já havia sido teorizado e pensando por Paulo Freire e outros tantos intelectuais contemporâneos da área da Educação. Vale acrescentar que é também desafiador, e por isso motivador, trabalhar em conjunto com uma equipe socialmente engajada, militante das causas humanistas, disposta a construir uma nova escola. O reconhecimento a gente percebe nos olhares, gestos e palavras dos alunos. Um afeto que desarma, para que possamos ajudá-los a se armar ainda mais, de criticidade, de inconformismo e de humanidade. [Thiago Mena - Professor de Matemática e Música]

O projeto, além de possibilitar que o aluno se posicionasse ideologicamente frente aos fatos históricos estudados, trouxe outras questões que nem os professores tinham imaginado. Por exemplo: em uma cena de tortura, exibida no ilme "Batismo de Sangue", muitos alunos não icaram chocados com o grau de violência exposto. Já os pais, mostraram-se muito incomodados. Isso pode indicar que nossos jovens já vivenciam a "banalização da violência". Outro ponto de realce foi o interesse de vários jovens em estudar o período com mais propriedade, destacando assim alguns possíveis líderes sociais. [Nilton Benedito Antunes - Professor de História]

Na opinião dos alunos envolvidos:

"Aprender sobre o golpe militar foi uma das melhores experiências que já tive em minha vida. Fico feliz em saber que ao estudar sobre a ditadura eu adquiri um novo conceito político e social." [Iago Humberto Sousa da Silva - aluno do 9º ano]

"O projeto da Ditadura Militar teve um grande signi icado para mim, pois nele tive várias experiências que não iria ter somente lendo um livro. Ditadura vai mais além de ler, mas sim pesquisar, se dedicar ao assunto que estamos estudando. O projeto ajudou a me dedicar nas coisas que faço ou irei fazer, a interessar-me sobre os fatos históricos do país, e também a interagir com o grupo para podermos desenvolver o objetivo inal." [Karen Rafaelly Silva - aluna do 9º ano]

5. Perspectivas de Continuidade e Sustentabilidade do Projeto

Este projeto não é apenas uma ação pontual, mas corresponde a um processo de formação coletiva, construído a partir das angústias e anseios de todos os profissionais envolvidos. Isso não quer dizer, obviamente, que pudemos contar com a colaboração ou participação de todo o pessoal da unidade escolar. Sabemos das constantes tensões entre as propostas mais progressistas e aquelas mais conservadores que convivem nesse campo de forças chamado escola. Mas, ainda assim, não há perspectivas de que o projeto seja encerrado, tendo em conta principalmente sua estrutura e fundamentação.

As temáticas abordadas é que poderão variar com o decorrer dos anos. Algo natural, posto que não aguentaríamos permanecer discutindo sobre a ditadura, de modo sistemático, por tanto tempo. Prova disso é que neste ano já estamos dando continuidade, com os mesmos encaminhamentos – e agora podendo contar com o apoio e envolvimento de uma parcela ainda maior dos educadores e funcionários da escola – abordando a questão da pluralidade cultural.



Assembleia para avaliação do projeto..



Alunos deixando seu recado sobre a Ditadura Militar.

CATEGORIA 2
PROFESSORES

Menção Honrosa

Nome do Projeto: "Adaptação de Currículo"

Unidade Educacional: CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos)

Diretoria Regional de Ensino: Itaquera

Autores do Projeto: Marcos Vitorino da Silva

1. Apresentação

O projeto consiste em adaptar metodologia de ensino, materiais didáticos e gestão de sala de aula a fim de melhor contemplar, principalmente, os alunos com deficiência, visto que no CIEJA cada ano recebemos mais alunos (jovens e adultos) com diferentes deficiências e com muitas dificuldades de aprendizagem. Deste modo todos os professores da escola estão se esforçando, estudando, discutindo e transformando o currículo de forma que seja mais inclusivo. Por exemplo, para um aluno que tem deficiência visual total, gravamos a leitura do texto num pequeno gravador que ele escuta uma, duas vezes e em seguida fazemos algumas perguntas de interpretação, ou quando adaptamos mapas colando barbante, deixando-o em alto relevo, ou mesmo ao fazermos uma leitura de imagem temos o cuidado de oferecer-lhe dados descritivos

2. Justificativa

À partir do ano de 2010 o CIEJA Itaquera vem recebendo um número cada vez maior de alunos com deficiência em quase todos os turnos, desde às 7h30 até às 20h, o que nos mobilizou a pensar sobre o ensino que praticamos e o que precisamos praticar a fim de incluir todos os alunos no processo ensino-aprendizagem. Jovens e adultos deficientes que tiveram seu direito à educação negado por muitos anos, ficaram confinados em casa ou instituição assistencialista,, sofreram múltiplos preconceitos e ficaram à margem da sociedade até mesmo por décadas. Mas agora suas famílias reconheceram seu direito aos estudos e eles estão frequentando as escolas. Tentamos, portanto oferecer mecanismos para que desenvolvam Hábitos de higiene (com aulas de saúde e corpo humano); autonomia para ir e vir; caminhar pela escola; organizar seu próprio material; comer sozinho; conhecer e reconhecer cores, números, letras; acompanhar a discussão e o desenrolar de um tema; participar na aula com sua atividade adaptada ou em grupo. Enfim, proporcionar ao aluno deficiente meios de interagir, acompanhar, aprender (dentro das suas condições) o tema que todos estão estudando.

3. Metodologia

* Sondagem: para cada aluno é feito uma sondagem de leitura e escrita para verificar seu grau de desenvolvimento escolar, com os alunos especiais é feito uma entrevista com os pais que nos orientam de seu histórico, sua síndrome, seu desenvolvimento... Alguns são alfabetizados e para eles aplicamos aquela sondagem que os alunos regulares fizeram. Para os demais aplicamos atividades que nos permitem perceber o desenvolvimento de

habilidades e atitudes diversas como o reconhecimento de cores, relacionar cores do real para o abstrato, reconhecer lateralidade (em cima, embaixo, do lado), reconhecer letra, localizar letra, contorno e coordenação motora, reconhecimento de números, contagem etc.

* Temas geradores/ palavras chaves: procuramos os temas geradores para desenvolver determinados conteúdos, por exemplo: Escravidão (imagens e palavras que remetam ao encarceramento, ao aprisionamento, ao trabalho forçado, à figura do índio e do negro, daí a identificação e comparação dos traços físicos)...

* Materiais diversificados: é fundamental variarmos bastante os materiais didáticos, utilizamos bastante imagens (desenhos, pinturas e fotografias) e fazermos leitura e comentários delas. Fazemos também pesquisa de imagens na internet e a pintura de determinados desenhos relacionados ao tema. Adaptamos o texto para alunos que estão na fase silábica da alfabetização, para os alunos que reconhecem letras e mesmo para os alunos que não as reconhecem, utilizando letra bastão e tamanho ampliado. Revistas para recorte e colagem de letras, texto e de imagens. Vídeos (documentários, curta e longa metragens) e músicas sobre o tema em questão. Jogos e quebra cabeça, por exemplo, do mapa do Brasil. Cadernos e lápis diferenciados para alunos com baixa visão e com deficiência motora, gravador para alunos com deficiência visual total (grava-se se o texto e as atividades para que o aluno possa memorizá-los melhor e apreender alguns conceitos, uso de barbante e palitos na confecção de mapas para proporcionar alto relevo e possibilitar a leitura tátil para os alunos com deficiência visual....

* Metodologia e gestão de sala de aula: fazemos a leitura em voz alta e pedimos para todos acompanhá-la, assim como uma explicação geral. Para o desenvolvimento das demais atividades organizamos as carteiras em dupla ou em grupo, e também, individualmente, as atividades são adaptadas, o professor percorre a sala ajudando no desenvolvimento das tarefas, tirando as dúvidas e orientando. Nas parcerias, um ajuda o outro. Outra estratégia importante é a comunicação em geral e a oralidade em particular portanto, estimulamos a fala de todos inclusive do aluno especial.

4. Potencial de Impacto

Ao longo do tempo percebemos que os alunos deficientes vão aos poucos interagindo com os colegas, com o professor e com os temas que estudamos. Vão se apropriando dos espaços e ganhando autonomia para falar, ir e vir, organizar seu material, participar das atividades, manusear computador etc. Quanto aos professores, estamos em aprendizado constante, afinando nossa sensibilidade, definindo melhor objetivos a serem atingidos para cada aluno, reconhecendo nossos limites, aprofundando nossos estudos. Os demais alunos e a escola como um todo vão

desenvolvendo o espírito colaborativo, acolhedor, respeitoso, desconstruindo preconceitos e aprendendo a conviver num ambiente diversi icado, valorizando habilidades e dispostos a ajudar. Ou seja, está havendo uma mudança no olhar, no modo de olhar o outro, com um olhar mais humano.

5. Perspectivas de Continuidade e Sustentabilidade do Projeto

O Projeto já vem sendo desenvolvido há alguns anos e estamos aperfeiçoando-o a cada ano que passa. Ele já faz parte do Projeto Político Pedagógico da escola, já faz parte da nossa rotina, da nossa vida. Quando o pensamos para atender melhor nossos alunos com de iciência não imaginávamos que nós, professores, seríamos tão ou mais bene iciados que eles, pois estamos aprendemos a ser melhores pro issionais e melhores seres humanos. Assim entendemos que a adaptação de currículo não deve ser pensada somente para o de iciente, mas também para todos os alunos com di iculdades de aprendizagem. Assim sendo, ele é um projeto permanente.

6. Avaliação

É observado e analisado todo o processo de desenvolvimento das atividades, a participação do aluno nas aulas, inferências, empenho, oralidade, escrita, prova individual e em dupla etc. Ao serem estimulados a falarem sobre determinado assunto de interesse os alunos vão desenvolvendo a oralidade, perdendo o medo de falar, articulando melhor a fala e organizando o pensamento, o aluno deficiente, ao seu modo vai articulando também sua fala e sua ideias, aprimorando o aprendizado a medida em que o exercitam e têm o outro como parâmetro. A observação do seu desenvolvimento é fundamental para avaliar seus avanços, seus impasses suas potencialidades, bem como serve para observar a eficácia das atividades, se elas estão adequadas ou não, se precisam ser refeitas, quais mudanças são necessárias. As notas não têm o mesmo peso das notas dos alunos regulares, mas nos dão parâmetros sobre seu desenvolvimento escolar, suas habilidades, suas atitudes, sobre nossas intervenções, sobre as atividades que precisamos melhorar.

CATEGORIA 3
ESTUDANTES

“Violência Urbana”
Marcela Ribeiro de Souza

“Declaração Vicentina dos Direitos Humanos"
Álvaro de Souza Oliveira, Joanna Christiny Monte, Janayna Santana de Souza, José Ronaldo de Araújo Filho, Maria Cecília dos Santos Silva, Nicole Lourenço Beletati de Lima e Renata de Lima Muniz

“Desmascarando o Preconceito!”
Sabrina dos Santos Bastos

“Bicicletário - uma alternativa sustentável”
João Fernando de Lima Gonçalves

CATEGORIA 3
ESTUDANTES

1º Lugar

Nome do Projeto: "Violência Urbana"

Unidade Educacional: EMEF José Maria Whitaker

Diretoria Regional de Ensino: São Mateus

Autora do Projeto: Marcela Ribeiro de Souza

Professora orientadora: Fernanda Depizzol

1. **O que é o projeto?**

   "A convicção de que todos os seres humanos têm o direito a ser igualmente respeitados pelo simples fato de sua humanidade é a ideia central do movimento em prol dos direitos humanos." (PINHEIRO, 2008, p.01)

   Percebemos a necessidade de um maior esclarecimento e conscientização dos problemas que os alunos enfrentam na escola e no bairro onde vivemos. Nos deparamos com diversos problemas sociais, entre tantos, resolvemos trabalhar com maior ênfase os seguintes aspectos da nossa sociedade: Pichação; Chacina; Tráfico de Drogas; Assalto; Exploração do trabalho infantil; Prostituição; Intolerância.

   É um projeto que tem uma inserção social, com o objetivo de esclarecer e melhorar a qualidade de vida, pois somos cidadãos com direitos e deveres que devem ser respeitados e cumpridos.

2. **Por que o projeto foi realizado?**

   Devido aos grandes problemas que acontecem no entorno da nossa escola e comunidade, houve a necessidade da implantação do projeto na escola, com o intuito de provocar uma reflexão nos alunos e promover uma melhor qualidade de vida de todos da nossa comunidade escolar. Com estudo e esclarecimento, podemos vencer as diferenças sociais e garantir os direitos humanos, sem distinção de etnia e classe social.

3. **Como o projeto foi desenvolvido?**

   O projeto foi desenvolvido, em equipe, com todos os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, através de pesquisas, rodas de conversa, pesquisa de campo, coletas e tabulação de informações, até a elaboração de filmes e documentários informativos para todos da escola, família e comunidade. Todos estes documentários foram planejados e elaborados pelos alunos, mediados pelos professores, de forma colaborativa e compartilhados por todos da escola, na Mostra Cultural. Estes trabalhos, ainda são os temas do TCA (Trabalho Colaborativo de Autoria), que está sendo desenvolvido durante todo o ano letivo.

1. **Quais são os pontos positivos do projeto para a escola e/ou comunidade?**

   Os pontos positivos para escola e/ou comunidade, é o esclarecimento e inserção no entorno da escola, sobre os temas trabalhados, de forma que nos traz à re lexão, pois é através do estudo e troca de ideias que fazemos uma sociedade mais justa e igualitária. Este trabalho estimulou todos os alunos à pesquisa e elaboração dos ilmes/documentários informativos. Ainda, temos como objetivo a multiplicação das informações, ou seja, cada aluno se tornou um multiplicador das informações coletadas, de forma a promover um esclarecimento e uma mudança de atitude por parte das famílias envolvidas.

2. **Qual a chance de continuação do projeto?**

   Já está em andamento a continuidade do projeto. Nosso objetivo comum é a multiplicação das informações de forma a promover uma conscientização da comunidade escolar, para isso, será publicado um jornal impresso e distribuído gratuitamente para todos da escola e comunidade, para trazer todos para uma re lexão e mudança de atitude, pois, percebemos durante este ano, que quando o trabalho é realizado em equipe e com compromisso de todos, o resultado é mais abrangente, e todos unidos por uma mesma causa os resultados são e icazes. Os formandos, que são alunos do 9º ano, assumiram a responsabilidade de desempenhar a função de agentes formadores e multiplicadores junto aos alunos de 8º ano, para que estes assumam a liderança deste projeto no ano subsequente.

3. **Outras observações**

   Pensando em que o projeto não pode acabar com o término do ano letivo e após a publicação do jornal impresso, vamos também publicar os filmes/documentários informativos no canal do YouTube que a nossa escola desenvolve, para que, a

qualquer tempo, outras pessoas possam acessar as informações e se conscientizar para uma mudança de atitude. Também, estamos buscando parcerias com o comércio local para distribuição do jornal impresso e divulgação do nosso canal do YouTube, para que este projeto tenha a maior abrangência possível e que não se limite aos muros da escola.

Vale ressaltar, que este foi um trabalho realizado em equipe por todos os alunos e professores. Todos os professores nos orientaram, cada um dentro de sua especialidade, para termos nossos objetivos atingidos.

Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), "a **Declaração Universal dos Direitos Humanos,** afirma que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos, dotados de razão e de consciência e devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade."

CATEGORIA 3
ESTUDANTES

2º Lugar

Nome do Projeto: “Declaração Vicentina dos Direitos Humanos"

Unidade Educacional: EMEF Vicentina Ribeiro da Luz

Diretoria Regional de Ensino: Itaquera

***Autores do Projeto*:** Álvaro de Souza Oliveira, Joanna Christiny Monte, Janayna Santana de Souza, José Ronaldo de Araújo Filho, Maria Cecília dos Santos Silva, Nicole Lourenço Beletati de Lima e Renata de Lima Muniz

Professoras orientadora: Marcela Moreira Cerencio e Lisandra de Moraes Domingues

Declaração Universal dos Direitos Humanos na EMEF Vicentina Ribeiro da Luz

Nossa escola, entorno, comunidade e serviços públicos

A Escola Municipal de Ensino Fundamental "Vicentina Ribeiro da Luz" localizada no Jardim Santo Eduardo, na Zona Leste de São Paulo, atende alunos do entorno escolar, desde moradores de invasões próximas, casas antigas da região e condomínios populares novos. Muitos alunos não contam com saneamento básico em suas casas, estando em situações de precariedade de moradia, assim como alta vulnerabilidade social.

Quando analisamos o território de forma alargada vemos o grande abismo social e econômico do qual estes alunos são sujeitos. O Jardim Santo Eduardo está rodeado por bairros de classe média e classe média alta, o que faz com que os moradores sintam de perto a exclusão social e econômica. Ao andar de ônibus, ao caminhar, eles se deparam com uma realidade inacessível. Por exemplo, a apenas cinco quilômetros da região encontra-se o Centro Esportivo e Recreativo do Trabalhador – Anália Franco (CERET), parque municipal, rodeado por condomínios de alto padrão, lojas de luxo e rede de transportes que nossa comunidade não encontra próximo a suas casas.
A poucas quadras, temos um desenvolvimento imobiliário crescente com condomínios de classe média sendo construídos com ampla gama de oportunidades recreativas e bem estar. Aqueles que nascem nas moradias mais pobres de nossa região convivem com com bens e serviços que eles não podem acessar. E para aqueles de classe média e classe média alta que vivem neste entorno, nossos alunos, com seu jeito simples, são invisíveis ou vistos com repúdio.

Quanto à rede de proteção social, desenvolvendo-se em torno da Avenida Aguiar da Beira (chamada As Pistas), a comunidade conta com duas Unidades Básicas de Saúde, UBS Vila Antonieta e UBS Vila Guarani, a menos de um quilômetro da Escola; um Centro de Referência de Assistência Social, CRAS Aricanduva, localizado a menos de três quilômetros; dois Conselhos Tutelares, Conselho Tutelar Aricanduva, a cinco quilômetros, e Conselho Tutelar Sapopemba, a menos de quatro quilômetros. Portanto vemos uma rede de proteção adequada no entorno, apenas dificultada pelo fato destas unidades de proteção localizarem a nossa comunidade como limite de seus territórios. Assim as Pistas dividem a territorialidade dos serviços oferecidos e nossa comunidade fica na fronteira, mal vista como os que estão no limite, ou quase não vista.

Continuando com nosso estudo sobre as redes de proteção social, um parceiro importante que não encontramos tão próximo em nosso território é o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPS-infantil), que atende crianças e jovens com problemas de saúde mental. A unidade mais próxima encontra-se no bairro da Mooca, a quase dez quilômetros da escola. Enquanto o centro de lazer próximo é o Centro Educacional

Unificado Aricanduva, com diversos cursos e oportunidades, a apenas algumas quadras da escola.

Vale lembrar que as pessoas que atendem nestas redes de proteção, não são oriundas da comunidade – com exceção de algumas oficinas oferecidas pelo CEU –, mas sim das classes média e alta da região (muitas vezes) e são os outros que nas ruas evitam nossos alunos e tem uma série de preconceitos sobre eles.

São em bairros como o Jardim Santo Eduardo que fica nítido os "guetos" de exclusão que nossa sociedade do consumo tem produzido. Alguns alunos que frequentam a nossa escola tem como única refeição, a oferecida pela escola, a única roupa é o uniforme escolar. Alunos que ambos os pais, ou que o único adulto da casa sai para trabalhar, e os tranca em casa com medo da violência. Alunos que quando os adultos saem para trabalhar não são trancados em casa, mas que passam o horário não escolar nas ruas, sem supervisão adequada. Alunos que vem para a escola sujos, porque não há água em casa. Alunos com deficiências cognitivas sérias e consolidadas, por pouco estímulo quando crianças, ou por sérios déficits nutricionais.

Mas em meio a isto tudo também existe muito talento, muitos potenciais cientistas, médicos, esportistas, estudantes de universidade, muitos alunos com vontade de transformar, de ter um futuro digno, de trabalhar para ajudar a família a sair da condição de pobreza. Muitas famílias trabalhadoras desta cidade, que além do trabalho diário ao qual se comprometem, dedicam-se integralmente a proteger e oferecer aos filhos o melhor das suas possibilidades. São pessoas as quais não pode ser omitida a oportunidade de participar igualmente da sociedade. Pessoas que podem colaborar definitivamente para tornar o mundo um lugar melhor.

A escolha do tema

No Trabalho Colaborativo de Autoria desenvolvido em 2014, foi possível estudar o território mais a fundo, analisando a partir da questão ambiental (O tema foi Meio Ambiente e Eu), o destino do lixo na região, a falta de saneamento básico e canalização de córregos. No início de 2015, o corpo docente pensou em prosseguir com o tema. Mas ao conversar com os alunos, o grupo de estudantes citou que estava cansado de falar sobre o Meio Ambiente, que as discussões tinham sido exaustivas. Começamos então um movimento de levantar problemáticas da escola, da comunidade e do entorno.

Quando a Coordenadora Pedagógica, Marcela Moreira Cerencio, e os professores questionaram os alunos a cerca dos problemas na escola, inúmeras questões foram levantadas: a alta vulnerabilidade social a qual estamos sujeitos no Jardim Santo Eduardo, exposição às drogas, gravidez na adolescência, falta de respeito às diferenças.

Em relação ao tema gravidez na adolescência, nós do Jardim Santo Eduardo vemos esta realidade muito próxima, com jovens ficando grávidas e iniciando a vida reprodutiva muito cedo. Famílias sem planejamento sendo desenvolvidas, e estas jovens tendo por vezes mais de quatro, cinco filhos, muitas vezes de pais

vão parar nas ruas do nosso bairro, e as famílias por falta de preparo e planejamento não tem condições de oferecer o mínimo a estas crianças, que acabam sendo nossos colegas de escola, nossos vizinhos e por vezes até as mães e pais de nossos amigos. É um ciclo vicioso que acaba por repetir de geração a geração e afeta em muito a vida de todos nós.

Porém de certa forma, este tema pareceu envolver mais as meninas do oitavo ano do que os meninos, já que os mesmos não apresentaram interesse pela temática e relataram em suas apresentações que este tema era feminino uma vez que a mulher quem fica grávida.
Durante as votações, a maior parte escolheu o tema Respeito às Diferenças então passamos a estudar este tema mais a fundo.

RESULTADO DA VOTAÇÃO PARA O TEMA DO TCA

	8°A	8°B	8°C	8°D	9°A	9°B	9°C	**TOTAL**
Gravidez na Adolescência	3	5	13	0	9	11	4	**45**
Respeito às diferenças	15	12	5	7	0	9	16	**64**
Solidariedade	1	0	0	4	7	0	1	**13**
TOTAL	**19**	**17**	**18**	**11**	**16**	**20**	**21**	**122**

Respeito às Diferenças: Levantando Conhecimentos

Em sala de aula, as discussões iniciaram com quais diferenças encontramos na escola e no entorno escolar e a importância de se valorizar a diversidade. Foi discutida a questão dos alunos com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento, questões de saúde que temporariamente necessitam de atendimento especial, doenças mentais. Em nossa escola a diversidade é ampla assim como em toda sociedade, temos alunos de cores diversas, alunos com deficiência intelectual, alunos com doenças mentais, alunos homossexuais, e muitas vezes esta diversidade gera conflitos. De forma que o trabalho com o respeito e valorização desta diversidade é imprescindível para a melhoria da qualidade social da educação oferecida.

A professora de língua portuguesa apresentou e discutiu conosco a Declaração Universal dos Direitos Humanos, sua origem, a forma consensual com que os países signatários se comprometerem com a Declaração.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é o documento que sela o acordo de muitos países em torno do que se entende por Direitos Humanos, seus princípios e as principais garantias que toda população mundial deve ter assegurada. Estudá-la em ambiente escolar é promover uma discussão que envolve desde o conceito de consenso e sua importância para o desenvolvimento democrático do globo até quais são os direitos fundamentais e suas garantias.

Desta forma, este grupo de oitavos anos decidiu que seria uma importante colaboração para a escola escrever uma Declaração Vicentina dos Direitos Humanos que possibilitasse explicitar quais os direitos que os alunos, professores e funcionários tem ao freqüentar esta Unidade, para que possamos construir um ambiente de paz e igualdade, considerando o mesmo nível de acesso e oportunidades a todos os alunos independentemente de suas diferenças e considerando suas dificuldades.

Ações desenvolvidas

O grupo de alunos de oitavo ano reuniu-se para discutir a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Pesquisaram na Sala de Informática a origem e forma como foi escrita este documento.

Nas aulas de Língua Portuguesa dos oitavos anos, o texto foi discutido, assim como apresentado formas de escrita de uma Declaração Vicentina dos Direitos Humanos. O grupo iniciou então a primeira versão escrita desta Declaração da escola.

Assembléia Estudantil

A partir desta primeira versão da Declaração Vicentina dos Direitos Humanos, foi realizada uma assembléia estudantil de alunos do Ciclo Autoral (7º, 8º e 9º anos), para a leitura, discussão e reescrita da Declaração. A Coordenadora Pedagógica Marcela Moreira Cerencio realizou a leitura de todos os itens da declaração para os alunos que discutiram e propuseram alterações à declaração. As alterações propostas foram votadas e o texto final aprovado pela Assembléia.



Alunos Nicole, Joanna, Maria Cecília, Renata, Janaína, José Ronaldo e Álvaro antes da Assembléia Estudantil

Perspectiva para 2016

O grupo de alunos deste trabalho verificou a necessidade da escola construir um Grêmio Estudantil para preservação e garantia dos Direitos apresentados na Declaração desta unidade escolar, assim como outras questões de representatividade dos estudantes frente ao corpo docente e gestão escolar.

Neste momento de início de ano letivo, estamos planejando a construção do Grêmio Estudantil da EMEF Vicentina Ribeiro da Luz em parceria com professores e gestores.

O Grêmio Estudantil terá entre suas funções preservar e divulgar a Declaração Vicentina dos Direitos Humanos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. MEC (2004). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (2013). **Estatística do IDEB 2013.** Disponível em: http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/planilhas-para-download último acesso 24 de setembro de 2015.

KIUSAM (2013). **O Mundo no Black Power de Tayó.** São Paulo: Editora Peirópolis.

MICHAELIS (2009). **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (1948). **Declaração Universal dos Direitos Humanos.**

STIVAL, M.; FORTUNATO, S. (2008). **Dominação e reprodução na escola: Visão de Pierre Bourdieu.** Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/676_924.pdf último acesso 24 de setembro de 2015.

YOUTUBE (2015). **A Corrente do Bem.** Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zy6jguVt2YM

CARTER (2009). **Mãos Talentosas.** Filme de Sony pictures.

CATEGORIA 3
ESTUDANTES

3º Lugar

Nome do Projeto: "Desmascarando o Preconceito!"

Unidade Educacional: EMEF Professora Celia Regina Andery Braga

Diretoria Regional de Ensino: Guaianases

Autoras do Projeto: Sabrina dos Santos Bastos e Lays Heloise Santos da Silveira

Professora orientadora: Ângela Maris Murillo Araújo, Débora Rodrigues Sant'Anna e Thiesa Cristina Ramos Visentini Silva

Parceiros: Fábricas de Cultura Cidade Tiradentes e grupo do TCA

1.O que é o projeto?

O projeto consiste nas junções de nossas perspectivas sobre como a nossa comunidade está para o restante da sociedade brasileira. Com a ajuda da coordenação e de professores conseguimos elaborar um projeto que está em andamento e que tem como foco um produto final de transformação escolar com a comunidade utilizando as linguagens artisticas. Realizado a Princípio para o TCA (Trabalho Colaborativo de Autoria). Tem com objetivo ajudar a comunidade a mudar sua perspectiva e suas atitudes perante atos discriminatórios e preconceituosos que acontecem frequentemente, discutir sobre seus direitos e trazêlos a luta por uma sociedade boa e justa para todos, indiferentemente da sua condição financeira.Atualmente está circulando por instituições publicas,tendo recentemente como primeira parceira a Fabrica de Cultura Cidade Tiradentes.



E.M.E.F. Professora Celia Regina Andery Braga 04/5/2015



Fabrica de Cultura Cidade Tiradentes 06/02/2016

2. Por que o projeto foi realizado?

Porque percebemos que o preconceito está diariamente na nossa comunidade mascaradamente e que por sermos de classe baixa não temos voz. O projeto é uma forma de nos expressarmos, de lutar por nossos direitos e mostrar nossa verdadeira realidade a qual a mídia, e quem não vive nela não faz a mínima ideia da existência.

3. Como o projeto foi desenvolvido?

Motivado pela escola nosso projeto foi desenvolvido inicialmente para o nosso TCA (Trabalho Colaborativo de Autoria) com a ajuda de professores começamos debates que nos ajudaram a refletir sobre a atual situação que nós nos encontramos, situações que acontecem no nosso diaadia que já achávamos normais percebermos que são irracionais, não há por que pisar em outra pessoa para se sentir melhor. O preconceito não tem um fundamento racional, aceitamos o que nos convém, aceitamos o que é melhor para nós. Quando começamos a

enxergar as diversas mascaras que o sistema preconceituoso usa para nos manipular não conseguimos acessar um caminho para a liberdade por falta de recursos e capacitação .E o projeto é justamente para nos dar voz, afinal de contas não investem na periferia por que não temos capital financeiro para retribuir o “favor”, e não querem nos escutar, pois sabem que estamos insatisfeitos.

4.Quais são os pontos positivos do projeto para a escola e/ou comunidade?

A escola é um importante meio de comunicação já que estamos tentando nos reeducar, e quem é melhor do que ela para nos ajudar nisso? A partir do momento em que abrimos nossos olhos para a realidade e compartilhamos com as pessoas esse conhecimento podemos mudar opiniões, vidas. O futuro da nossa sociedade está nas mãos das pessoas que estudam na escola hoje, se forem educados com uma perspectiva de vida diferente, se forem estimulados tudo vai mudar. Ninguém nasce sendo preconceituosa, as pessoas aprendem a ser. Uma vida melhor, uma chance de realmente viver e não apenas sobreviver começa na escola, se aprendermos isso, nossa comunidade vai mudar, porque nós somos a comunidade.

5.Qual a chance de continuação do projeto?

Grande. Quando você começa a enxergar as inúmeras injustiças que acontecem com você e a sua comunidade não dá pra simplesmente virar as costas. Quando inúmeras questões são respondidas a partir do quanto de poder aquisitivo você tem não tem como você deixar quieto. Essa é a nossa realidade, se nós não lutarmos por ela, ninguém vai. Este projeto defende a vida de milhares de pessoas, que mesmo sendo a maioria, não tem voz, não tem direito algum sobre elas mesmas.

6.Outras observações

enxergar as diversas mascaras que o sistema preconceituoso usa para nos manipular não conseguimos acessar um caminho para a liberdade por falta de recursos e capacitação .E o projeto é justamente para nos dar voz, afinal de contas não investem na periferia por que não temos capital financeiro para retribuir o “favor”, e não querem nos escutar, pois sabem que estamos insatisfeitos.

4.Quais são os pontos positivos do projeto para a escola e/ou comunidade?

A escola é um importante meio de comunicação já que estamos tentando nos reeducar, e quem é melhor do que ela para nos ajudar nisso? A partir do momento em que abrimos nossos olhos para a realidade e compartilhamos com as pessoas esse conhecimento podemos mudar opiniões, vidas. O futuro da nossa sociedade está nas mãos das pessoas que estudam na escola hoje, se forem educados com uma perspectiva de vida diferente, se forem estimulados tudo vai mudar. Ninguém nasce sendo preconceituosa, as pessoas aprendem a ser. Uma vida melhor, uma chance de realmente viver e não apenas sobreviver começa na escola, se aprendermos isso, nossa comunidade vai mudar, porque nós somos a comunidade.

5.Qual a chance de continuação do projeto?

Grande. Quando você começa a enxergar as inúmeras injustiças que acontecem com você e a sua comunidade não dá pra simplesmente virar as costas. Quando inúmeras questões são respondidas a partir do quanto de poder aquisitivo você tem não tem como você deixar quieto. Essa é a nossa realidade, se nós não lutarmos por ela, ninguém vai. Este projeto defende a vida de milhares de pessoas, que mesmo sendo a maioria, não tem voz, não tem direito algum sobre elas mesmas.

6.Outras observações

O preconceito de Classe Social está interligado com todos os outros tipos de preconceito. Podemos dizer até que ele é o mais influente já que é indiferente a sua cor, religião, nacionalidade etc. se você tiver dinheiro. Nosso projeto não tem como principal objetivo erradicar o Preconceito de Classe Social. Entendemos que primeiramente o processo de mudança de atitude é necessário para que tal coisa possa acontecer e que estamos longe de conseguir concluíla. Queremos através desse projeto conquistar aliados que defendam a mesma causa: Nossa Humanidade.



CATEGORIA 3
ESTUDANTES

Menção Honrosa

Nome do Projeto: "Bicicletário - uma alternativa sustentável"

Unidade Educacional: EMEF João Domingues Sampaio

Diretoria Regional de Ensino: Jaçanã/Tremembé

Autores do Projeto: André Luis Guilarducci Campos Correia, João Fernando de Lima Gonçalves, Pedro Henrique Lopes Silva, Gustavo Guarnieri de Melo, Renato Lopes Araujo Sodine Nunes

Professora orientadora: Talita V. Z. Mikola

1. Apresentação

O projeto desenvolvido pelos alunos do oitavo ano C da EMEF João Domingues Sampaio é um estudo da mobilidade urbana, principalmente voltado ao tráfego de bicicletas e acessibilidade dos bairros Vila Guilherme, Vila Maria Alta, Vila Maria Baixa e Jardim Japão, vizinhos à escola. O trabalho trata da implantação de um bicicletário na EMEF João Domingues Sampaio. A princípio, a idéia pode parecer simples mas dentro desse processo, surgiram muitos assuntos interessantes e importantes para a comunidade.

Os assuntos mais abordados foram a mobilidade urbana e a mobilidade urbana sustentável, aliado a deslocamento e questões ecológicas.

Através de entrevistas com a comunidade, observaram a situação do transporte público na região e os problemas referentes à acessibilidade, como lixo em locais inapropriados e irregularidades no calçamento das principais vias que impedem a passagem dos pedestres. Além disso, mapearam as ciclofaixas e as áreas verdes dos bairros citados com o intuito de sugerirem um estilo de vida mais saudável e menos estressante, incentivando o uso de bicicleta como alternativa de transporte e convidando à atividades ao ar livre. Como primeiro passo para a mudança, criaram um bicicletário na escola.

No mês de setembro, a EMEF realizou uma Mostra Cultural, evento aberto à comunidade. Aproveitando a oportunidade, os alunos resolveram expandir o projeto, criaram um setor de “Ouvidoria” e realizaram uma consulta pública para identificar as áreas da região que possuem mais problemas de infraestrutura. Após a tabulação dos dados, os discentes irão construir um documento para apresentarem aos órgãos competentes, reivindicando melhorias, com sugestões sobre quais ações devem ser tomadas, e qual é a prioridade de cada uma.

2. Justi icativa

Este projeto teve início na idéia da contrução de um bicicletário na escola, pois muitos alunos desejavam usufruir desse meio de transporte e não possuíam um espaço adequado para guardar seus veículos.

Re letiram que os problemas eram maiores que apenas a ausência de um recinto para armazenar bicicletas. Ao longo do estudo, percebeu-se que a situação era mais séria e que a cidade precisa de melhorias para garantir a segurança de todos os ciclistas, motoristas e a natureza. Há ciclovias, mas essas ainda estão incipientes, desconectadas e nem possuem um mapeamento disponível para que a população possa consultar suas localizações. Existem depósitos de lixo espalhados pelas ruas que prejudicam todos os modais de transporte. As calçadas são estreitas e irregulares, impossibilitando o trânsito, principalmente de idosos, crianças e cadeirantes. Os educandos queriam dar voz à comunidade, concluíram que os principais usuários não haviam sido ouvidos, e suas necessidades ainda estão distantes dos planos o iciais. E não há um registro efetivo das reais necessidades daquela comunidade por parte da subprefeitura.

3. Metodologia

Os protagonistas do projeto foram os alunos do oitavo ano C da EMEF João Domingues Sampaio. Ao optar por trabalhar com o projeto de aprendizagem sobre mobilidade urbana, os discentes trouxeram um problema presente na comunidade da qual fazem parte e começaram a valorizar cada passo que avançavam na pesquisa pois entendem seu trabalho como algo relevante e que propiciará, além do desenvolvimento da sua autonomia, possibilidades de intervenções sociais para melhorar a qualidade de vida das pessoas com as quais convivem. A idéia central do projeto sempre foi fazer com que os adolescentes se tornassem cidadãos conscientes dos seus deveres e direitos e principalmente, conduzí-los a pensar em soluções para injustiças e problemas que os incomodam.

No sentido de educar para a formação de cidadãos, a escola passa a ter papel fundamental na articulacão de saberes formais a realidade. Obviamente essa articulação não pode ser alcancada por meio de um ensino conteudista e decontextualizado, é necessário um novo olhar para a educacão e isso implica em

caráter interdisciplinar, a educadora passava a atuar como professora polivalente, auxiliando na construção dos diversos saberes. O projeto mobilizou toda a comunidade escolar pois contou com o apoio e compreensão de professores, funcionários e alunos de outras turmas para realização das atividades necessárias.

Fez-se necessário desconstruir a ideia de que o aluno é um mero receptor de informações, eles devem ser sujeitos do ensino. Com a prática de projetos, o professor funciona como um orientador de estudos, direcionando pesquisas e conduzindo os passos mais viáveis para que o projeto avance. O aluno se sente parte do processo o tempo todo, passa a entender melhor o mundo e a si mesmo, além de se sentir estimulado a realizar as atividades propostas, baseadas nas necessidades identificadas e combinadas previamente. Tudo passa a ter significado, despertando sua curiosidade e permitindo indagações críticas.

Vale salientar que nem todas as atividades realizadas haviam sido pensadas no início do projeto de aprendizagem, e que, algumas aulas desencadeavam dúvidas que se relacionavam a outros conteúdos que eram trabalhados naquele momento e com isso a aula tomava um rumo diferente do planejado.

A medida que eram desafiados a encontrarem alternativas para solucionarem as dificuldades e para organizarem uma estratégia de pesquisa, iniciavam o processo de protagonismo e autonomia.

O projeto foi realizado em 6 semanas, às quartas feiras durante todo o período de aula.

- Primeira semana: discutiu-se as necessidades da comunidade, para a melhora da escola. Foram feitos questionários para os alunos da EMEF a fim de fazer um levantamento de quantas pessoas teriam interesse em ir para a escola de bicicleta e em qual local o bicicletário deveria ser instalado.
- Segunda e terceira semanas: a coordenadora pedagógica foi até a subprefeitura solicitar mapas que demarcavam as áreas verdes e ciclofaixas da região. A subprefeitura não tinha uma resposta imediata e como o tempo para o desenvolvimento do projeto era curto, decidiu-se confeccionar os mapas dos bairros estudos com as

- longo do desenvolvimento do estudo, como: lixo nas áreas verdes, lixeiras quebradas, ciclofaixas em pouca quantidade e em locais perigosos, calçadas esburacadas ou danificadas que dificultam o acesso dos pedestres. Além disso, foram feitos desenhos que participaram de um concurso e o vencedor será pintado na parede ao lado do bicicletário.
- Quinta semana: ocorreu a edição dos vídeos e a elaboração de um questionário que foi aplicado aos parentes dos alunos e moradores da região. Para expandir a pesquisa, foi decidido que na Mostra Cultural, evento aberto à comunidade, teria um setor de "Ouvidoria" para registrar os principais problemas dos bairros do entorno.
- Sexta semana: criação de um manual de regras de conduta para transitar de bicicleta com segurança e instruções para utilização do bicicletário.

4. Potencial de Impacto

Os Direitos Humanos estão intimamente relacionados com a promoção da dignidade da pessoa humana, propiciando a construção da cidadadania e tornando a sociedade mais justa e democrática. Um dos direitos assegurados é o de ir e vir. E numa cidade complexa como São Paulo, onde as características mudam bairro a bairro, ou até mesmo de uma rua para a outra, é essencial ouvir e conhecer as necessidades para que a intervenção da Prefeitura seja a mais eficaz possível.

Através do projeto, a comunidade foi ouvida e as devidas intervenções para melhoria na qualidade de vida já começaram a ser realizadas. Um exemplo disso foi a criação de uma manual de conduta para utilização de bicicleta em espaço público.

Ao conhecer melhor as necessidades da população de uma região, o poder público pode usar os escassos recursos de forma eficaz e efetiva, beneficiando ao máximo um maior número de pessoas, e fazendo com que elas se sintam responsáveis pela gestão e utilização da cidade.

5. Perspectivas de Continuidade e Sustentabilidade do Projeto

Desejando dar continuidade ao processo, será realizada a abertura do bicicletário para que os alunos utilizem, será distribuído o guia para toda comunidade escolar, será realizada a pintura do desenho vencedor do concurso, os dados da pesquisa serão concluídos e divulgados, um documento com o levantamento realizado será encaminhado à prefeitura. Além disso, a metodologia aplicada pode ser facilmente transportada para outras unidades de ensino, respeitando as singularidades de cada comunidade escolar, que por meio do grande conhecimento capilarizado pelos alunos mapeariam completamente uma das maiores cidades do mundo. A manutenção do projeto se daria pelos canais contruídos com as subprefeituras, onde propostas de melhorias poderiam ser levadas de tempos em tempos. Os alunos saberão onde e como apresentar suas idéias e conhecimentos, aproximando a população e seus eleitos.

- Registros fotográficos dos momentos de pesquisa, em diferentes espaços da escola e resultado apresentado na Mostra Cultural:

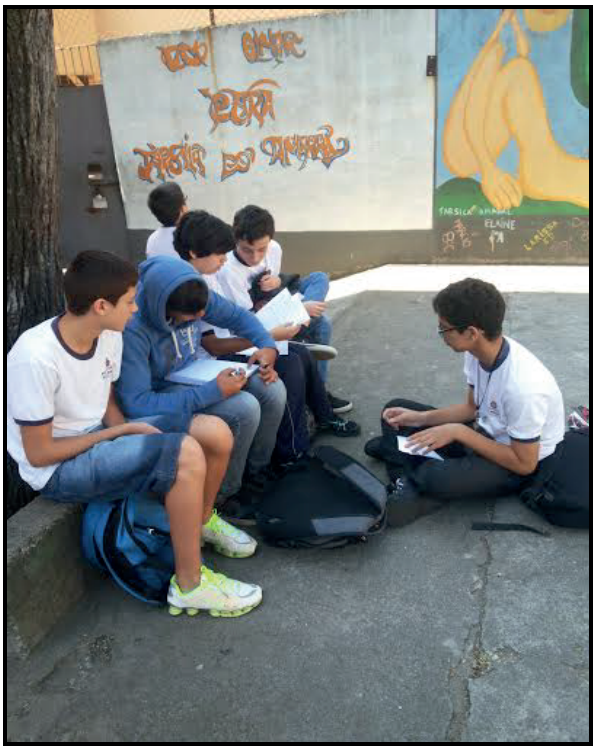









GAP








QUEREMOS
OUVIR
VOCÊ




HISTÓRIA DA

CATEGORIA 4
GRÊMIOS

“Aprendendo a ser cidadão ciclista em São Paulo”
Gabriel Vincentin da Silva

“Grêmio Estudantil: O Futuro é Agora!”
Stephane de Souza Oliveira, Monique Andrade Da Masceno, Luan dos Santos Nunes e Marina Beatriz de Andrade

“Grêmio na Escola”
Laiza Kassia Silva Santos

“Jornal do Grêmio Estudantil "Carlo Giuliane" - Folha do Gusmão”
Gabriela Thainan Pereira de Andrade

CATEGORIA 4
GRÊMIOS

1º Lugar

***Nome do Projeto**:* "Aprendendo a ser cidadão ciclista em São Paulo"

***Unidade Educacional**:* EMEF Profª Maria Antonieta D'Alkimin Basto

Diretoria Regional de Ensino: Butantã

Autores do Projeto: Gabriel Vincentin da Silva

Professora orientadora: Cristiane Teixeira Magen

Parceiros: Associação Ciclocidade

“Aprendendo a ser cidadão ciclista em São Paulo”

O Projeto desenvolvido na EMEF Profa. Maria Antonieta D´Alkimin Basto, iniciou em 2013, quando os estudantes da comunidade escolar propuseram em sua plataforma de eleição para a nova gestão do Grêmio Estudantil, a existência de um bicicletário na escola, favorecendo aos estudantes esta possibilidade de transporte.

O tema do bicicletário, desencadeou no grupo de estudantes e educadores participantes das reuniões semanais do Grêmio Estudantil, uma reflexão sobre a mobilidade na cidade de São Paulo em suas diversas possibilidades. Assim, concomitantemente ao debate político na esfera municipal, consideramos que o ciclismo, na questão da mobilidade urbana, seria relevante tema para compartilhar com toda a comunidade escolar, importante para um projeto reflexivo e ativo do Grêmio Estudantil.

Para aprofundar as estratégias de reflexão e ação cidadã, convidamos organizações não governamentais, de ciclistas e ativistas a participar de nossas reuniões semanais, desencadeando debates e planejamento de vivências para todos. Contamos com a significativa contribuição das Associações Ciclocidade, Aromeiazero e Bike Anjo.



Reuniões do Grêmio Estudantil na EMEF D´Alkimin com parceiros das Associações Ciclocidade e Aromeiazero





Compartilhando o Projeto de Mobilidade Urbana na formação de professores da EMEF D´Alkimin

A dimensão educacional no território escolar, com a organização de eventos interno entorno da escola (nos meses de Setembro e Novembro), provocou a percepção sobre possibilidades de ações políticas participativas, de ocupação transformadora do espaço soc que o ciclismo traz novas posturas para motoristas de vários tipos de veículos e pedestres.

Momentos especiais das vivências no 1º. Festival da Bicicleta na EMEF D´Alkimin: palestra com debate, oficina de reparos, oficina de silk em camisetas, construção de placas em vinil, desenho e pintura e a especial participação da Rádio D´Alkimin!







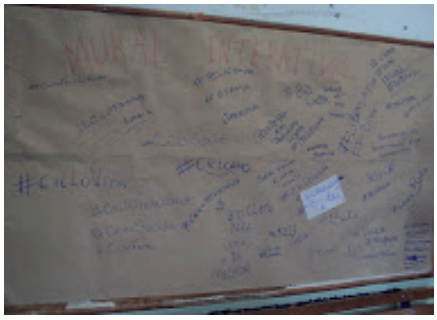












Muitos dos jovens ainda não haviam vivenciado a experiência de pedalar pela cidad como se praticamente esta possibilidade de transporte, de prática esportiva e de lazer não pertencesse mais ao universo juvenil. Quando enfim, nos eventos organizados pelo Grêmio estudantil em parceria com as Associações de ciclistas o fizeram, engajaram-se alegremen sentimento de pertencimento à cidade e ao seu espaço urbano, vivenciando o essencial dir ir, vir, ver, participar e "curtir" a cidade...

Certamente que a construção de um bicicletário na escola, com os recursos que rece do 3º. Prêmio de Educação em Direitos Humanos, será a concretização de uma ação cidadã comunidade escolar e viabilizará novas posturas às gerações futuras, que incluem a percep cidadania, de saúde individual e social, de sustentabilidade e de que a educação não está a s de resultados apenas mensuráveis, mas de humanização de seus sujeitos e de seus espaços sociais.

Convidamos a todos a visitar a cobertura de nossos eventos nos links:

1º. Evento (cobertura da Rádio D´Alkimin):
https://www.youtube.com/watch?v=SsqR9QERpeY PARTE 1

https://www.youtube.com/watch?v=VrtWiXnxhyQ PARTE 2

https://www.youtube.com/watch?v=ywGwu5IVlZ8 PARTE 3
1º. Evento(cobertura de Silvia Ballan):
https://www.youtube.com/watch?v=DNJDoUOqwd0
2º Evento (cobertura da jornalista Renata Falzoni)- Quando ocupamos o território!:
http://bikeelegal.com/noticia/3758/criancas-fazem-o-_34_dia-da-bike_34_-em-escola-pu de-sp
Publicação do sociólogo Paulo Neves, que inclui nosso projeto:
"Escolas em Rede – Experiências de articulação e fortalecimento do Sistema de Garantia do Direitos da Criança e do Adolescente" – em parceria com a Cidade Escola Aprendiz - 2015

CATEGORIA 4
GRÊMIOS

2º Lugar

Nome do Projeto: "Grêmio Estudantil: O Futuro é Agora!"

Unidade Educacional: EMEF Arquiteto Vilanova Artigas

Diretoria Regional de Ensino: São Mateus

Autores do Projeto: Stephane de Souza Oliveira, Monique Andrade Da Masceno, Luan dos Santos Nunes e Marina Beatriz de Andrade

Professor orientador: Wellington Gustavo Pereira

A ORIGEM DO PROJETO

Em síntese, o projeto constituiu-se pela formação e o desenvolvimento de um coletivo de estudantes, interessados em expor suas demandas e ouvir ideias de outros segmentos da escola, estabelecendo diálogos igualitários e fortalecendo as práticas democráticas em busca de melhoria na qualidade da educação pública.

O projeto proporcionou a experiência da formação cidadã, calcada na possibilidade do protagonismo infanto-juvenil. O Grêmio Estudantil buscou reduzir conflitos, melhorando o diálogo entre os membros que compõem a unidade escolar: alunos, funcionários em geral, direção, coordenação, professores e comunidade ao redor. A aprendizagem da convivência pacífica com a resolução de problemas e o respeito às individualidades e aos diferentes pontos de vista possibilitaram novas compreensões para todos dentro da unidade escolar. Para os estudantes, a elevação da autoestima foi notória.

A construção do Grêmio iniciou-se com o processo de escolha, feita pelos próprios discentes, dos representantes de turma. Com uma reunião semanal de uma hora e trinta minutos, fora do turno, os estudantes, em conjunto com o Professor Orientador do Projeto, puderam organizar as seguintes etapas:

Estudar como são formados os Grêmios Estudantis;
Planejar e agendar uma Assembléia Geral de estudantes;
Iniciar a ação "Frase da Semana" afixada em todas as salas de aula;
Redigir o Estatuto do Grêmio Estudantil;
Apresentar opções para a eleição do nome da agremiação.
Organizar funções e cargos da Diretoria para o ano de 2015.



Apresentação da diretoria do Grêmio em maio de 2015

O GRÊMIO ESTABELECIDO

Tornou-se oficial. Na assembleia geral, a diretoria tomou posse, ocorreu a aprovação do Plano de Trabalho para o ano de 2015 e a eleição do nome do Grêmio Estudantil, que passou a se chamar "O Futuro é Agora!". A partir da sua legitimação, o coletivo de estudantes pôde expor ainda mais suas demandas e organizar ações que garantissem o atendimento destas necessidades, sempre com respeito à diversidade presente na escola e pelo princípio da fraternidade. Os projetos desenvolvidos foram:

Estabelecimento do jornal semanal *"Fica Ligado!";*
Planejamento de concursos culturais e esportivos;
Participação na festa junina com espaço lúdico próprio e personalizado;
Participação em reuniões do Conselho de Escola;
Implantação da "Música no Intervalo".
Elaboração de vídeo em homenagem aos 30 anos da unidade escolar.





Barraca do Grêmio Estudantil "O Futuro é Agora!" na festa junina.
Brincadeira: colocar o bigode e o chapéu no caipira.

DESTAQUE PARA DOIS PROJETOS

Todos os projetos foram importantes. Entretanto, é válido destacar a continuidade diária da "Música no Intervalo" e o informativo semanal "Fica Ligado!!!". Ao contemplar um gênero musical diferente por dia, visando alcançar todas as preferências artísticas das crianças e adolescentes, o intervalo com canções cultivou a atmosfera do respeito ao outro. Por outro lado, de forma complementar, o periódico "Fica Ligado!!!" conquistou importância dentro da escola e se tornou veículo de divulgação de fotos dos eventos escolares, da "Frase da Semana" (muitas vezes elaborada por alunos) e espaço para publicação de

textos de autoria discente nos mais variados gêneros textuais e sobre diferentes assuntos de relevância social.

Com produções de textos dos estudantes originadas nas aulas, o informativo apresentou trabalhos sobre: a programação da TV, o racismo, a homofobia e a diminuição da maioridade penal, entre outros temas polêmicos. Diferentes posições vieram a público, proporcionando o ambiente saudável da discordância democrática e respeitosa entre seres humanos dotados de consciência.


FICA LIGADO!!!

E-MAIL: ficaligado1234@gmail.com Mande Sugestões!!

FRASE DA SEMANA

"Viver esperando o fim de semana ou as férias é encurtar a vida."
(Lili Palmer, atriz polonesa,1914-1986)

FOTOS

ARTIGO DE OPINIÃO

Homossexualidade no país

Atualmente, a homossexualidade é um ponto polêmico a respeito da televisão brasileira. Acreditamos que sua principal consequência é a má influência.

A programação televisiva apresenta cenas inadequadas diversas. Isto fica evidente na rede Globo com novelas. Tal situação é crítica porque a população não aceita ou não entende. A TV tem a função de informar e ser neutra.

Portanto, constatamos e sugerimos que não exiba homossexualidade antes da meia noite. A TV deve posicionar-se com responsabilidade. Ao telespectador, especialmente aos adultos, cabe reclamar sempre e nunca desrespeitar.

Autor: 9ºB

Festa junina-27/06

Festa junina-27/06

31/JULHO/2015 – INFORMATIVO SEMANAL DO GRÊMIO "O Futuro é Agora" – 5ª EDIÇÃO
Editado por : Luan Dos Santos Nunes (8ºB)


FICA LIGADO !!!

Mande Sugestões!! E-MAILS: ficaligado1234@gmail.com ou ficaligado123@hotmail.com
Facebook: Grêmio Estudantil O Futuro é AGORA

FRASE DA SEMANA

"Não olhe onde você caiu, mas onde você escorregou."
Provérbio Africano

ARTIGO DE OPINIÃO

Acabando com o racismo na TV

Existe um nível muito grande de racismo na televisão. Em novelas, filmes e, até mesmo, em programas jornalísticos.
Podemos ver que nas novelas pessoas negras nunca estão em um cargo superior às pessoas brancas, nunca colocam negros como advogados, médicos ou empresários.
Mulheres negras sempre são vistas como empregadas domésticas e, até mesmo como prostitutas. Homens são vistos como motoristas e muitas vezes como moradores de rua.
No caso dos jornais, houve toda aquela confusão pelo fato da meteorologista ser negra, muitos a apoiaram, mas muitos também a julgaram por causa da sua cor.
Acho que a TV brasileira deveria romper essa barreira entre pessoas negras e pessoas brancas, pois isso acaba influenciando os telespectadores a se tornarem racistas, só pelo fato dela não ser da mesma cor que outros. Quem sabe um dia, a TV inverta os papéis e se torne uma coisa mais agradável para se assistir.

Stephane de Souza Oliveira – 9ºC

Fotos

Reunião Dos Professores em 24/08. Oficina criativa: Bonecas Abayomi

Peça do Projeto do AdolêSer em 26/06

MÚSICA NO INTERVALO: RESPEITE ESTE PROJETO!

SE NÃO PUDER AJUDAR, NÃO ATRAPALHE!

28/Agosto/2015 – INFORMATIVO SEMANAL DO GRÊMIO "O Futuro é Agora" – 9ª EDIÇÃO
Editado por: Luan Dos Santos Nunes e Nataly Dionísio Lopes da Silva (8ºB)

Duas das dezenove edições do "Fica Ligado!!!". Mais em: https://www.facebook.com/ ica.ligado.74/?fref=ts

PROSSEGUIR E EXPANDIR

O projeto terá continuidade, pois foi integrado por alunos dos 5ºs e 6ºs anos do ciclo interdisciplinar e por estudantes de todos os anos do ciclo autoral, não somente os de 9º ano. Não apenas com a exposição de fotos, mas também com o levantamento de suas demandas peculiares, existe a intenção de que o Grêmio Estudantil possa alcançar definitivamente outros segmentos estudantis da unidade (Educação de Jovens e Adultos e Ciclo de Alfabetização). Para estes grupos, serão pensadas estratégias próprias visando uma participação significativa e espontânea,

como a que se observa por parte dos adolescentes do antigo Fundamental II, matriculados no período da manhã.

NOTA DE AGRADECIMENTO PELA PREMIAÇÃO

Primeiramente, quero agradecer a minha escola que me deu essa oportunidade de ser presidente do grêmio. Nunca pensamos que chegaríamos tão longe. Então, estamos muito felizes por estar aqui hoje, só temos que agradecer a todos.

STEPHANE DE SOUZA OLIVEIRA – 9ºc (10/12/2015)



Cerimônia do 3º prêmio de Educação em Direitos Humanos

CATEGORIA 4
GRÊMIOS

3º Lugar

Nome do Projeto: "Grêmio na Escola"

Unidade Educacional: EMEF Alceu Amoroso Lima

Diretoria Regional de Ensino: São Mateus

Autores do Projeto: Laiza Kassia Silva Santos, Agatha Jesus da Silva, Bianca de Oliveira Silva, Gabriela C. Kaneko dos Santos, Gabriela Novais de Souza, Paulo Henrique Gomes da Silva e Paulo Henrique Silvino de Sousa

Professor orientador: Fernando de Souza, Rogério Martins de Oliveira e Roselane de Souza Estevam

Justificativa e objetivos

O Grêmio é um dos primeiros envolvimentos políticos da criança e adolescente e um efetivo exercício de cidadania, uma vez que preza a luta por direitos, a participação e a responsabilidade dos alunos para representar os interesses dos estudantes tanto dentro da escola como também na comunidade.

O grêmio é a voz dos alunos dentro da escola para participar, transformar, colaborar e crescer na sociedade em diferentes aspectos, como cultura, esporte, politica, comunicação, etc.

Atividades desenvolvidas

A formação do Grêmio dentro da Emef Alceu Amoroso Lima deu-se em 2009. Desde então, a cada ano tornou-se mais forte e atuante.

Para sua formação, os alunos organizaram uma *Comissão pró-grêmio* para conversar com a direção da escola e esclarecer a necessidade de um Grêmio Estudantil e as suas expectativas. À comissão coube divulgar a ideia do grêmio para a escola, buscando alunos que quisessem participar montando uma chapa, elaborar o estatuto do grêmio, aprovado em assembleia geral, e montar uma *Comissão eleitoral*.

Era necessário, então, escolher um nome e um símbolo para o Grêmio e, assim surgiu a ideia de um concurso. Os alunos inscreveram seus desenhos e sugestões de nomes, dentro do cronograma estipulado, e participaram de um processo de votação que aconteceu na escola, nesta época ainda manualmente, através de cédulas.

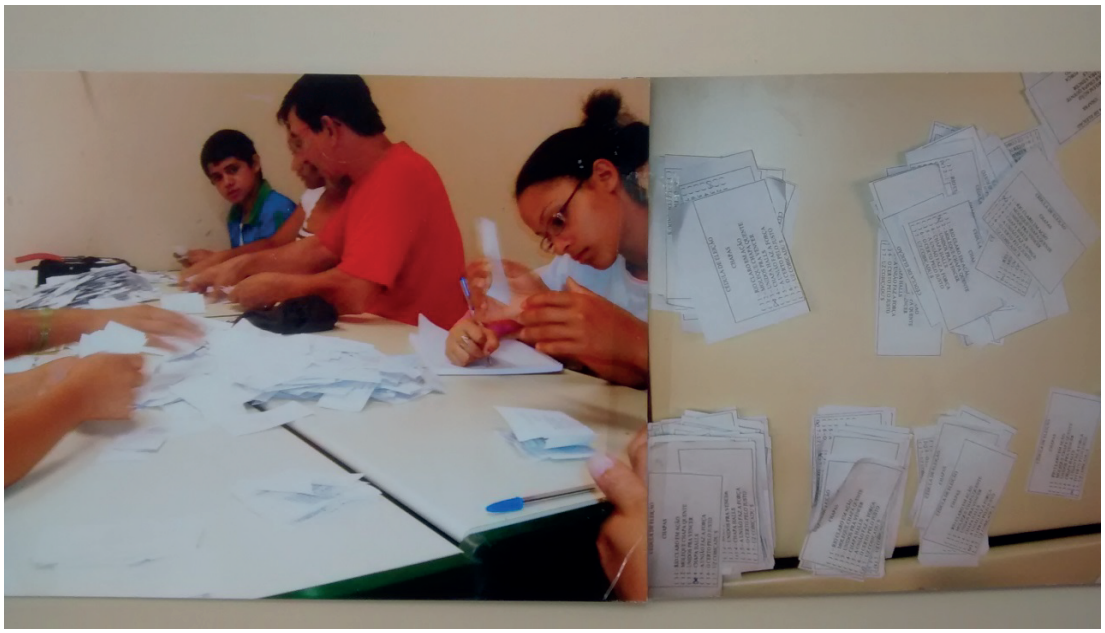
Em 20/10/2009 houve a realização das Assembleias Gerais, em dois períodos que deliberou sobre os pontos abaixo:

- Fundação do Grêmio Estudantil como instituição livre, laica, democrática de representação dos educandos na U E;
- Estatuto do Grêmio (leitura, discussão, adendos e votação.);
- Apresentação dos símbolos;
- Data das eleições: 26/10/2009: decidir sobre as chapas, símbolos e o nome da instituição: Grêmio Estudantil Rio Claro, Grêmio Estudantil Tropa de Elite, Grêmio Estudantil Metamorfose.
- Cerimonia de posse em 07/12/2009.

Obs.: O nome escolhido pela comunidade escolar foi o Metamorfose

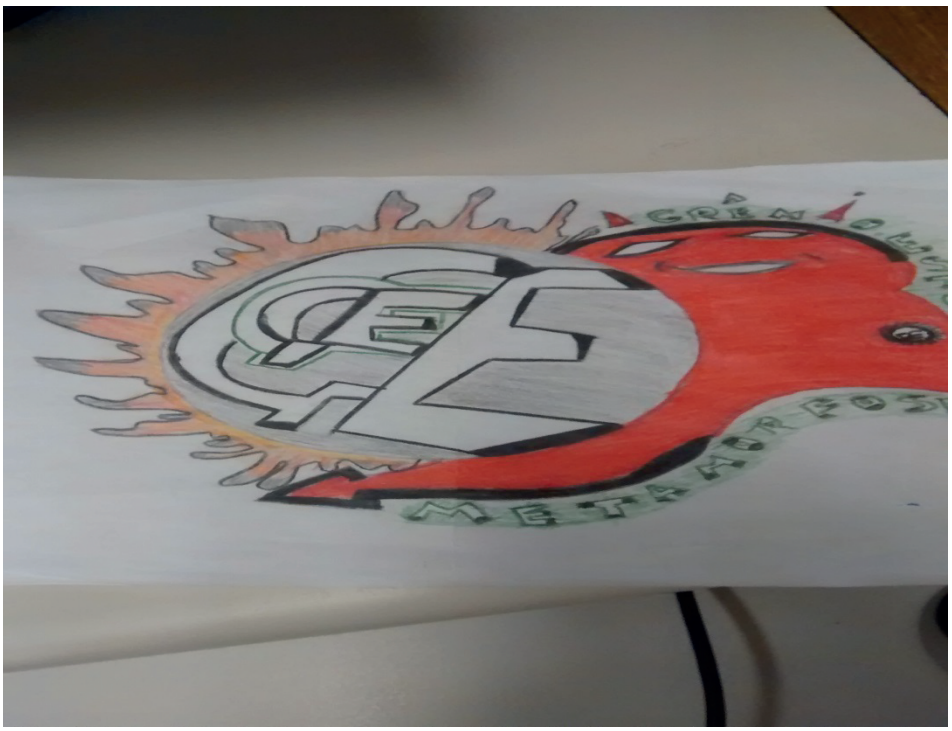


Eleição dos símbolos - 2009



1º Eleição do Grêmio - 2009

Nascia, então, o **Grêmio Estudantil Metamorfose**, **GEM**.



Símbolo vencedor

O processo de formação continuou. Chapas formadas, trataram de preparar um cronograma para o período de propagandas nas salas de aula, assim como as datas do debate eleitoral, da eleição e da cerimônia de posse da diretoria do grêmio, funções realizadas pela comissão eleitoral que ainda garantia o registro de todas essas ações em ata.



1º Eleição do Grêmio 2009

Em 2013, o processo ocorreu da seguinte maneira: a comissão eleitoral divulgou o cronograma de inscrições das chapas que deveriam conter nome e série do aluno, nome de dois membros coordenadores , responsáveis pela

comunicação entre chapa e comissão, as propostas e, ainda, o nome de um professor convidado para "apadrinhar" a chapa. Este ficaria à disposição dos alunos para ajudá-los a organizar ideias, elaborar questões, ampliar o vocabulário, impostação de voz e postura nas apresentações e no debate , etc, caso necessitassem.

A partir daí, os alunos seguiram o calendário para a propaganda em sala de aula em todos os períodos da unidade escolar. Além disso, os coordenadores de cada chapa receberam um kit propaganda (cartolinas, pinceis, canetões, cola, etc), para confeccionar cartazes que podiam ser expostos no pátio e nos corredores comuns da escola. Neste momento, os alunos também podiam contar com a ajuda dos professores de Linguagens e Comunicação quanto à ortografia, mensagem e imagens, caso precisassem.

Nos dias estipulados para a apresentação de cada chapa, seus membros expunham suas propostas e respondiam aos questionamentos dos alunos participantes, ou não, de outra equipe. As perguntas feitas nestes momentos serviram de base para o debate eleitoral, que aconteceu no teatro do CEU São Rafael, com a presença de todos os alunos da escola, professores, funcionários, coordenação, direção e comunidade escolar.

No debate, dois alunos representantes de cada chapa eram chamados ao palco para compor a mesa. Todos em seus lugares, deu-se início à sabatina, na qual os alunos podiam esclarecer e discutir suas propostas, mediante questões previamente elaboradas pelos alunos da U.E. e sorteadas na hora para cada chapa.



Debate Eleitoral

Dias depois, aconteceu a eleição com urna eletrônica, utilizando o programa APERTA QUEM. Contando com a ajuda da POIE, os alunos dirigiam-se à sala de informática e usavam os computadores para votar. Na sala, além da POIE, também

estavam os fiscais (dois alunos de cada chapa) e os mesários (membros da comissão eleitoral).



Votação com urna eletrônica

Consta do estatuto do GEM, que a formação da gestão é feita por meio de um **colegiado,** respeitando a proporcionalidade matemática para sua formação. Portanto, as três chapas mais votadas teriam um número maior de membros e as chapas com menos votos teriam um menor número de membros atuantes nesta gestão.

O próximo passo do processo eleitoral foi a cerimônia de posse, que aconteceu também no teatro do CEU São Rafael, com a presença dos alunos, professores, funcionários, coordenação, direção escolar e com a presença do Supervisor de Ensino, da Dirigente Regional e da responsável pelos Programas Especiais da DRE. A cerimônia contou também com um show de música com aluna e ex- aluno da U.E.

Na cerimônia de posse, os alunos eram chamados ao palco e recebiam das mãos de um membro da mesa solene um certificado e um crachá com seu nome e sua função dentro da gestão corrente, de acordo com uma das sete pastas do GEM: Coordenação, Finanças, Esporte e Cultura, Meio Ambiente, Assuntos Educacionais, Imprensa e Relações Públicas, Assuntos da Mulher, Racismo e Homofobia, e os suplentes, conforme consta do Estatuto.

Assim, a partir de então, o Grêmio - 2013/2014 começou a trabalhar no desenvolvimento de suas propostas. Realizaram bailes temáticos como Baile de Máscaras, confeccionadas pelos próprios alunos, Halloween e Dia das Crianças. Auxiliaram os professores OSL na organização e conservação do Quiosque de Leitura, que funciona livremente no pátio, auxiliaram na organização do espaço para a Feira Cultural, além da participação ativa na confecção do *Jornal Novas Ideias*, desenvolvido na U.E.

CATEGORIA 4
GRÊMIOS

Menção Honrosa

Nome do Projeto: "Jornal do Grêmio Estudantil "Carlo Giuliane" - Folha do Gusmão"

Unidade Educacional: EMEF Alexandre de Gusmão

Diretoria Regional de Ensino: Guaianases

Autores do Projeto: gabriela thainan pereira de andrade , mariana oliviera da silva, matheus alves da silva, agatha louise de oliveira santos, tawane conceição do nascimento, abrahão lucas c. dos santos, emilly dos santos, thiago bortolito xavier, cintia evangelista da silva, samily ribeiro anunciação e victor hugo c.caetano.

Professor orientador: Luís Carlos De Sales Pinto

Parceiros: comunidade - Fábrica de Cultura - Jardim Robru - Guaianazes - capital SP

Justificativa da ação do grêmio:
A escola emef. Alexandre de gusmão está localizado em uma comunidade carente da periferia do bairro de guaianases, capital-sp. Entre o lageado e o alto de guaianases. É conhecida pelas ocupações em seu entorno na luta por moradia, chamada de faixa de gaza, devido ao nível de violência gerada pela exclusão social e o tráfico de drogas. Uma região segundo a prefeitura da cidade e sua regional como um dos mais baixos índices do IDH da cidade de são Paulo. E marcada pelos boletins de ocorrências de violências e assassinatos contra as mulheres. Sem falar das inumeras ocorrências com os dependentes químicos. Diante desse quadro o trabalho do jornal folha do gusmão teve início com o objetivo de informar e formar opinião sobre os direitos humanos na escola e no bairro. Através do jornal mural visualisado na escola e repassado por email a comunidade e fixados em alguns comércios no entorno da unidade escolar.

Protagonismo gremista:

A gestão do grêmio fez um trabalho coletivo em várias frentes:
.cobrir e divulgar eventos dentro da escola.
.cobrir e divulgar eventos com nossos parceiros: de guaianases e fábrica de cultura.
.propor atividades e executar como: vídeos sobre direitos humanos, palestra do a.a. E alanon, palestras com n.a. E naranon.
.acompanhar o tca dos alunos: ajudando na pesquisa de campo e divulgando seus trabalhos.

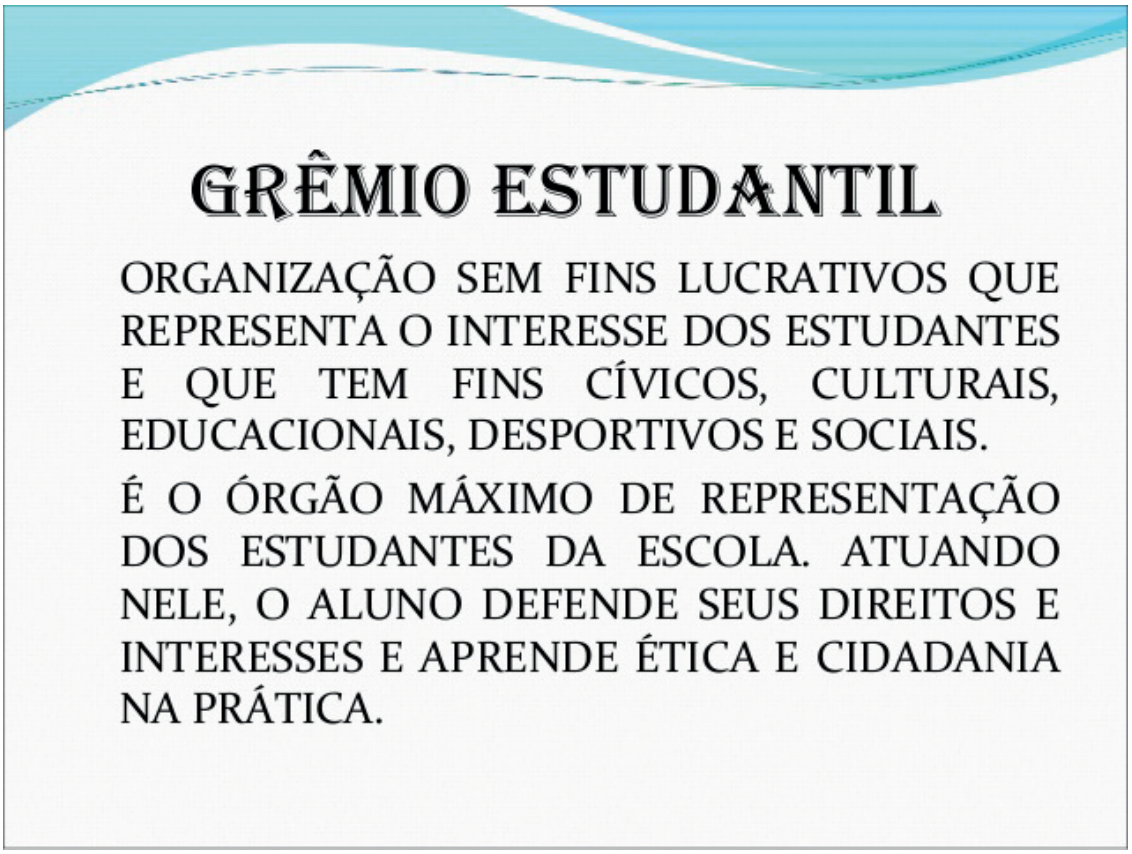
Objetivo Final dos Gremistas:

.Transformar o Jornal mural e edições para entregar nas casas do entorno da Escola.
.Fazer o jornal online.
.Realizar passeios culturais e apresentar a comunidade a visibilidades desses passeios: museus, eventos e atividades externas de: arte, cultura e dança.
.Aumentar informação e formação na luta pelos direitos humanos em: moradia, transporte, cultura, arte, lazer e no combate as violências contra as mulheres, racismo e homotransfobia.
.Apoiar a luta da comunidade para ampliação do EJA na Escola para Ensino Médio EJA.
.Apoiar a Luta da comunidade para anexação de uma quadra de esporte que pertence a Escola, mas está fora da Escola. E que as vezes mesmo com negociação não possível utilizar.



“Direitos HUMANOS”

Estiveram presentes em nossa escola em Setembro duas representantes da secretaria municipal para educação em direitos humanos, se reuniu com o Grêmio e o professor Luís Carlos. Ficaram conhecendo todos os projetos da escola e demonstraram suas atividades. Procuram parcerias nas comunidades escolares para realizar uma educação humanista e defesa dos direitos humanos. Ficando feliz em conhecer nossos alunos, o jornal do Grêmio, o Clube de Leitura, a Campanha contra intolerância e o projeto da Eletropaulo, entre outros. Com esse apoio foi inscrito ao concurso sobre direitos humanos em São Paulo, dois projetos do Gusmão: Aulas de Libras – Professora Rosana e o Jornal do Grêmio, com aluna Gabriela Thainan.





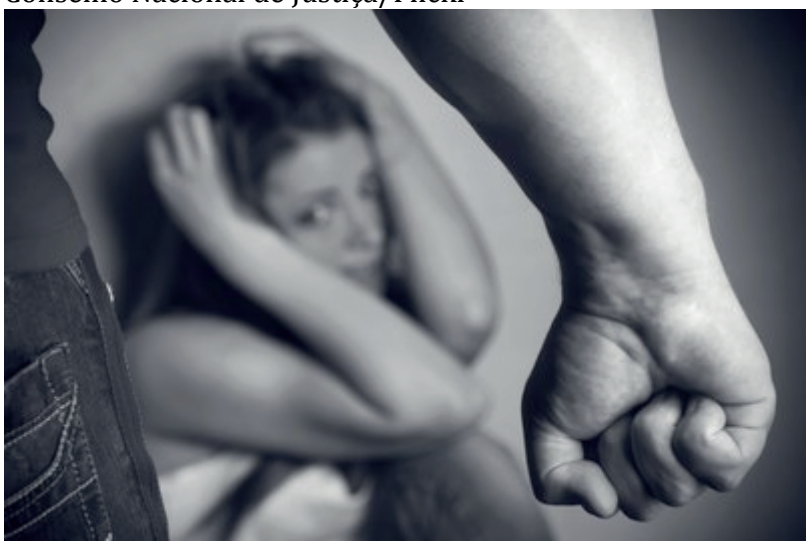


A **homofobia** define o ódio, o preconceito, a repugnância que algumas pessoas nutrem contra os homossexuais. Aqueles que abrigam em sua mente esta fobia ainda não definiram completamente sua identidade sexual, o que gera dúvidas, angústias e certa revolta, que são transferidas para os que professam essa preferência sexual. Muitas vezes isso ocorre no inconsciente destes indivíduos. Homofobia geral muita violência nas ruas e ate dentro de casa, geral muita violência de gente inocente.

Combate à violência contra a mulher avança pouco nas últimas décadas

Declarações como a do deputado federal Jair Bolsonaro dificultam conscientização. Para especialistas, machismo é a principal causa dessa violência. Número de agressões continua elevado.

Conselho Nacional de Justiça/Flickr



De acordo com a OMS, 35% das mulheres no mundo foram vítimas de violência física ou sexual em 2013

As declarações ofensivas do deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) contra a deputada Maria do Rosário (PT-RS) durante um discurso na Câmara nesta quarta-feira 10 voltaram a causar indignação e levaram quatro partidos – PT, PC do B, PSOL e PSB – a pedir a cassação do parlamentar.

Durante o discurso, Bolsonaro afirmou que só não estupraria a colega porque ela "não merecia". Atitudes como a do deputado contribuem para perpetuar o machismo e a violência contra a mulher, ainda bastante presentes no país.

Em 2014, casos de abuso sexual a mulheres no transporte público e o incentivo a esse assédio em uma página no Facebook causaram revolta no Brasil. O fato mostra como a violência contra a mulher continua presente em espaços públicos e privados.

Há 40 anos, a ONU abriu o debate sobre o tema e declarou 1975 como o Ano Internacional da Mulher, um marco no reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres e no combate à discriminação, além da ampliação de direitos às mulheres.

Em 1995, na quarta conferência sobre mulheres das Nações Unidas em Pequim, a organização traçou metas para acabar com essa violência. Passado 20 anos, apesar dos avanços, as mulheres continuam em situação vulnerável.

"O que determina a violência contra as mulheres é precisamente a questão cultural do machismo. Essa ideia de que homens e mulheres não são iguais", a irma Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), 35% das mulheres no mundo foram vítimas de violência ísica ou sexual em 2013. Em alguns países, essa realidade atinge 70% da população feminina.

Segundo a porta-voz da Anistia Internacional na Alemanha sobre violação de direitos humanos das mulheres, Gunda Opfer, a violência doméstica, cometida por parceiros ou familiares, é a forma mais frequente de agressão contra mulheres. Em uma pesquisa entre 45 países, o Paquistão foi o líder na violência doméstica, seguido da Rússia e da Bolívia.

Números elevados no Brasil

No Brasil, os números da violência contra a mulher também são alarmantes. Assim como em outros países, 71,8% das situações de violência ísica ou sexual cometidas contra a mulher ocorrem no ambiente doméstico.

Além disso, uma pesquisa realizada com jovens entre 16 e 24 anos mostrou que 78% das mulheres já foram vítimas de assédio em locais públicos, sendo que 31% delas já sofrem abuso dentro do transporte público.

"As causas para a discriminação e a violência contra a mulher são as tradições enraizadas de que a mulher não possui os mesmos direitos que os homens, tradições de que as mulheres são consideradas seres humanos de segunda classe e tratada quase como propriedade dos homens", afirma Opfer.

Segundo Gasman, a visão de que homens e mulheres não são iguais e o pensamento machista também são propagados pelas próprias mulheres. E justamente essa forma de pensar é o que leva uma grande parcela da população a culpar a vítima pela agressão sofrida, além de concordar com atitudes machistas.

Uma pesquisa entre jovens brasileiros mostrou que 25% dos entrevistados acreditam que mulheres que usam roupas curtas estão se oferecendo e 48% dos ouvidos acham errado a mulher sair sozinha só com amigos.

Já na pesquisa Tolerância social à violência contra a mulher, do Ipea, divulgado no início deste ano, 58,5% dos entrevistados concordam que se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros no Brasil. Enquanto 42,7% dos ouvidos disseram que se a mulher agredida continua com parceiro é porque ela gosta de apanhar.

Educação para combater a violência

Para a integrante da Comissão de Estudos à Violência de Gênero da Ordem dos Advogados do Brasil no Paraná Erika Paula de Campos, políticas públicas que promovam campanhas educativas e de orientação contra a violência e o machismo são fundamentais para combater esse mau.

"As pessoas não sabem os direitos que elas têm. E, às vezes, em muitos casos elas acham que fizeram alguma coisa errada e são merecedoras daquele tratamento desrespeitoso que afeta sua dignidade e a sua honra como mulher e ser humano", afirma Campos, que também é professora de Direito na PUC-PR.

Para a especialista, o país possui leis suficientes para combater esse problema, mas o número de denúncias ainda é pequeno, seja por medo ou vergonha, seja por falta de informação.

Gasman, da ONU, concorda que, nessa área, há leis avançadas na América Latina, mas governos precisam promover campanhas para incentivar a denúncia e oferecer a proteção necessária às mulheres que denunciam seus agressores.

Leis para acabar com a violência doméstica existem em cerca de dois terços dos países do mundo. No Brasil, a Lei Maria da Penha entrou em vigor em 2006.

ALUNOS ENVOLVIDOS: Conselho de Representante de Classe-série.

Palavras Finais

Queridas e queridos Professores, Gestores, Funcionários, Estudantes, Membros da comunidade escolar e Colegas da Educação,

Estamos juntos, nesta ocasião, porque decidimos nos colocar ao lado de quem escolhe, na vida, a luta pelo reconhecimento da dignidade de todos, da liberdade, da igualdade, da solidariedade, da justiça.
Nesses tempos das festas de Natal e Ano Novo, desejamos espalhar a todos os votos de felicidades.

Todo ser humano almeja a felicidade, e é nessa procura que nos encontramos todos! Dizia o filósofo grego Platão que a justiça na cidade é uma forma de realizar a felicidade de todos e não apenas de alguns.

Na luta pela felicidade de todos, sabemos ser impossível assegurá-la, em nosso país, sem o reconhecimento, o respeito, a garantia e a promoção dos Direitos Humanos.

Todos os projetos apresentados neste 3º. Prêmio – e tenho tido a condição de participar ativamente da Comissão Julgadora, nas várias etapas de avaliação da premiação - revelaram enorme sensibilidade e criatividade. Muitos grupos estão trabalhando na perspectiva de sua integração aos Projetos Político-Pedagógicos, e outros estão procurando desenvolver projetos em conjunto com a comunidade, para fora dos muros da escola.

Recebemos projetos com temas os mais diversos, e que abrangeram, em geral, atenção, o respeito, o cuidado com os grupos sociais mais vulneráveis.

Assim, destacam-se projetos muito diversificados, vindos de todas as DREs, e tematizando questões como racismo, igualdade, diversidade, inclusão, alimentação,

cuidados na primeira infância, mobilização de coletivos, étnico-raciais, memória e verdade, participação social da escola junto à comunidade, direitos da criança e do adolescente.

Destacam-se, igualmente, vários projetos sobre bibcicletários, novas formas de uso do espaço urbano, proteção ao meio ambiente, iniciativas de comunicação.

Gostaria de ressaltar a continuidade do protagonismo de alunos, desde a edição passada desta Premiação, pela inscrição de grêmios, que vem mobilizando jornais, vídeos, formas literárias e outras linguagens, em temas de cidadania, integração social e direitos.

EMEIs e EMEFs vem tendo contribuição significativa, em todas as edições do Prêmio, sem dispensar a presença de CEIs, CIEJAs e EJAs. Tudo isto é fruto da atuação de nosso(a)s estudantes, de nosso(a)s educadores, de nosso(a)s gestores e profissionais da educação.

Que alegria poder presenciar o fortalecimento da educação municipal como educação inclusiva, diversa e com qualidade social.

Vou terminar lembrando que muitas vezes nós estamos cansados com o peso das crises disso e daquilo, das dificuldades, das injustiças, da negação elementar dos direitos fundamentais e essenciais, e podemos pensar que tudo isso que estamos fazendo é uma utopia, portanto, algo inalcançável.

Mas, todos os anos, precisamos renovar a idéia de que a utopia é um horizonte, é uma luz, e ela se realiza sim no nosso caminho, se realiza sim com os nossos projetos, é esta utopia que nos mantêm caminhando!

Muito obrigada.

Maria Victoria de Mesquita Benevides

Professora Titular da Faculdade de Educação da USP